

Bruno Oliveira Alencar

**O POLÍTICO DOM FERNANDO O CATÓLICO,
DE BALTASAR GRACIÁN**
TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso, SJ.

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

Bruno Oliveira Alencar

**O POLÍTICO DOM FERNANDO O CATÓLICO,
DE BALTASAR GRACIÁN**
TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso, SJ.

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Alencar, Bruno Oliveira

A368p O político Dom Fernando O Católico, de Baltasar Gracián: tradução e comentário / Bruno Oliveira Alencar. - Belo Horizonte, 2018.

152 p.

Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.

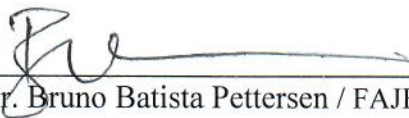
1. Filosofia. 2. Política. 3. Moral. 4. Gracián y Morales, Baltasar. I. Cardoso, Delmar. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título

CDU 1

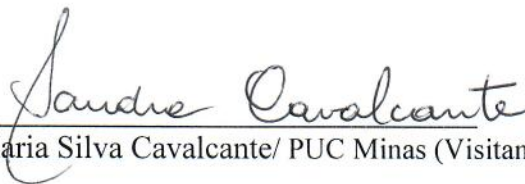
Dissertação de **Bruno Oliveira Alencar** defendida e aprovada, com a nota 8,5
(oito e meio) atribuída pela Banca Examinadora constituída
pelos Professores:



Prof. Dr. Delmar Cardoso / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen / FAJE



Prof.ª Dr.ª Sandra Maria Silva Cavalcante/ PUC Minas (Visitante)

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 12 de abril de 2019.

DEDICATÓRIA

À coragem, à prudência e ao Bento.

AGRADECIMENTOS

Que Deus me perdoe o sacrilégio, mas agradeço em primeiro lugar à Maria Tereza, minha esposa e mãe do meu amado filho, Bento. Essa dissertação marca o fim de um dos momentos mais conturbados de nossas vidas. Se soubéssemos previamente o que viveríamos em decorrência dessa aventura acadêmica certamente não teríamos entrado. E ela foi o esteio de tudo. Por várias vezes navegou sozinha nos mares tormentosos que criei, e conduziu o timão com altivez. Mas como diz o ditado: o que não mata engorda. Saímos machucados, mas mais fortalecidos, inegável.

Em segundo lugar agradeço ao Padre Delmar Cardoso, SJ, que teve a paciência de orientar uma mente conturbada sem um histórico de relacionamento harmonioso com a academia. Se não fosse a serenidade e compaixão dele certamente esse sonho não passaria de uma conturbada quimera. *Tibi gratias ago pro tua caritas*. E na pessoa do Pe. Delmar estendo meus agradecimentos a todos os mestres que aturaram minhas ilações e tergiversações, bem como toda a comunidade acadêmica da FAJE que me deu o suporte necessário para essa caminhada, em especial ao Bertolino e à Patrícia.

Agradeço de forma especial, ainda, às cidadãs e cidadãos mineiros. Sei que as agruras da nossa sociedade impõe escolhas na aplicação do recurso público, e que a Teoria da Escolha Trágica nos ensina que cada valor investido em uma determinada ação significa que o mesmo valor não será destinado a outras. Sendo assim, rendo meus sinceros agradecimentos ao Estado de Minas Gerais que através de seu Governo me deu um apoio fundamental e *sine qua non* para viabilizar esse projeto. Espero retribuir cada centavo destinado a essa complementação da minha formação acadêmica, aplicando e replicando os conhecimentos adquiridos, com vistas principalmente a melhorar as condições de vida do nosso povo.

Por fim, Àquele que tudo começa e tudo termina. Que encerra e dá prosseguimento. O que define, dá razão e os porquês. Se não por Ele, certamente eu não estaria aqui. Nem no princípio, nem agora, nem no fim.

RESUMO

O presente trabalho teve dois objetivos principais e igualmente importantes. O primeiro foi permitir ao leitor lusófono desfrutar de uma obra da filosofia espanhola disponível até o momento somente em língua estrangeira: *El Político Don Fernando el Católico* (1640), de autoria do moralista espanhol Baltasar Gracián, disponível em suas *Obras Completas*, publicadas pela Editora Aguilar em 1967 em Madri. O segundo foi comentar algumas proposições filosóficas feitas pelo autor na referida obra e analisar a contemporaneidade das formulações. Os apontamentos feitos pelo autor na obra selecionada são valiosos para o estudo da moral em especial àquela aplicada aos governantes, sendo assim objetivou-se, ainda, enriquecer o debate existente sobre o tema, tão atual e necessário.

A tradução foi feita priorizando-se mais a fidelidade à propositura original no que tange à escolha das palavras e construção das sentenças. No entanto, por se tratar de um livro escrito há quase quatro séculos, a construção original não raramente apresentava formações frasais complexas, cuja tradução fiel seria possível, mas dificultaria sobremaneira o encadeamento e compreensão das ideias, então em diversas situações optou-se por apresentar traduções alternativas mais ajustadas à escrita contemporânea.

Todo esse esforço resultou na possibilidade de refletir e possibilitar reflexões futuras sobre as proposituras de Gracián de forma mais acessível e simplificada. Ademais, a leitura minuciosa exigida por um exercício de tradução desdobrou em uma série de comentários feitos à luz de outras proposições filosóficas. Ao minudenciar as virtudes do monarca espanhol Fernando o Católico, Gracián propõe um arquétipo de governante no que tange aos seus valores, atributos e comportamentos, bem como projeta e analisa como estas variáveis devem se manifestar de acordo com a conjuntura.

Ao fim conclui-se que os ensinamentos de Gracián são contemporâneos e de grande serventia àqueles que pretendem compreender melhor a moral no século XVII, bem como parte da palheta de valores utilizada à época.

ABSTRACT

The present work had two main and equally important objectives. The first was to allow the Portuguese-speaking reader to enjoy a work of Spanish philosophy available so far only in a foreign language: *El Político Don Fernando el Católico* (1640), wrote by the Spanish moralist Baltasar Gracián, available in the book *Obras Completas* published by the publishing company Aguilar in 1967 in Madrid. The second was to comment on the philosophical propositions made by the author in that work and to analyze, although superficially, the contemporaneity of the formulations. The notes made by the author in the selected work are valuable for the study of morality, especially the one applied to the rulers, and it was also aimed at enriching the existing debate on the subject, so current and necessary.

The translation was made prioritizing more faithful to the original proposal regarding the choice of words and sentence constructions. However, because it was a book written almost four centuries ago, the original construction not infrequently presented complex phrasal formations, whose faithful translation would be possible, but it would be so difficult to chain and comprehend the ideas, so in several situations one opted to present alternative translations nearest to the contemporary writing.

All this effort resulted in the possibility of reflecting and making possible further reflections in the future on Gracián's proposals in a more accessible and simplified way. In addition, the thorough reading that a translation exercise requires unfolded in a series of comments made in the light of another philosophical propositions. In detailing the virtues of Spanish monarch Fernando the Catholic, Gracián proposes an archetype of ruler regarding his values, attributes, behaviors, as well as projects and analyzes how these variables should manifest themselves according to the conjuncture.

The conclusion is that Gracián's teachings are contemporary and of great use to those who want to better understand morals in the seventeenth century, as well as part of the palette of values used at the time.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 TRADUÇÃO.....	15
NOTAS.....	112
3 COMENTÁRIO.....	117
4 CONCLUSÃO.....	136
5 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE BALTASAR GRACIÁN.....	141
6 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE DOM FERNANDO	146
7 REFERÊNCIAS.....	149

1 INTRODUÇÃO

Além da pertinência do estudo de Baltasar Gracián para as pesquisas em andamento na FAJE, outro fator que justifica a escolha do referido autor é a forma densa e concisa com que ele transcreve seus pensamentos, e a clareza de seu objetivo de analisar a razão prática aplicada no bem agir (*eu prattein*) que, acredita ele, leva ao bem viver (*eu zêin*). É possível identificar nas proposições de Gracián, bem como daqueles autores que comentaram sua obra, que o mesmo propõe um estudo sobre a moral vivida¹, exercida e praticada, focando suas reflexões no estudo do *ethos* na perspectiva de sua utilidade, ou seja, de uma *Ethica utens*. Através desta análise da aplicação prática dos conhecimentos existentes e virtudes do agente, ele tece considerações que permitem distinguir o desejável do indesejável no que tange às relações humanas, gerando reflexões profundas e prazerosas ao leitor. Na passagem a seguir, Adolphe Coster reforça essa ideia:

La lectura de Gracián es un excelente ejercicio intelectual: el trabajo que cuesta comprenderlo, y aun descubrir la trivialidad de algunas de sus ideas, obliga al lector a detenerse, y así aquellas penetran profundamente en el espíritu. No todo es falso en su doctrina literaria, puesto que estas mismas ideas — con las cuales más de uno se desviaría si estuvieran presentadas en forma sencilla y desnuda — han proporcionado placer al descubrirlas bajo el velo con que hábilmente las envolvió el escritor (COSTER, 1947, p.305).

Baltasar Gracián nasceu no primeiro ano do marcante século XVII, 1601, em Belmonte, na Espanha, cidade que em seu nome traz atualmente o sobrenome do seu filho mais ilustre chamando-se Belmonte de Gracián. Criado por seu tio Antônio Gracián, irmão de seu pai, Baltasar viveu parte de sua infância em Toledo. A essa cidade Gracián rendeu elogios em algumas de suas obras. Essa afirmação foi feita por Arturo del Hoyo nas notas introdutórias escritas por ele às *Obras Completas*, de onde foi retirado o texto original de *El Político Don Fernando el Católico*, de Baltasar Gracián, utilizado no presente trabalho para tradução e comentário.

Aunque de modo ocasional, en algunas de sus [de Gracián] obras menciona con elogio Toledo. Y siempre como escuela de discreción: ciudad aguda,

¹ “La filosofía moral es llamada también filosofía práctica, porque es un saber o teoría (*episteme*), pero de algo práctico: la vida y para la vida. No busca el saber, sino el saber vivir (*fronesis*)” (AYALA, 2000, p. 329).

agudizada hacia los celestes dominios; tan en punta, tan amenazadora del cielo, que con sus discreciones parece aspirar a taladrar las estrellas (HOYO, 1957, p. XIV).

Em Toledo teve também seu primeiro contato com a Companhia de Jesus ao realizar parte de seus estudos em uma escola da Ordem. De lá foi a outro colégio da Companhia, em Zaragoza. Sua breve passagem ali consolidou ainda mais sua inclinação às doutrinas jesuíticas, levando-o ao noviciado na Casa de Tarragona. Aos dezoito anos entrou então para a Companhia, ordem religiosa na qual também estudou seu ilustre contemporâneo René Descartes, e em maio de 1620 pronunciou seus primeiros votos. Em 1627 Gracián recebeu a ordenação sacerdotal e proferiu seus quatro votos como religioso jesuíta. No entanto, a relação de Gracián com a Companhia de Jesus era conturbada, como pode-se observar no excerto a seguir:

En mayo de 1638, Vitelleschi, general de La Compañía, escribe una carta al provincial de Aragón, padre Luis de Ribas. Es una carta áspera, desabrida, en la que toca diversos puntos, entre ellos “que convenía mudar al padre Baltasar Gracián, porque es cruz de sus superiores y ocasión de disgustos y menos paz en dicho colegio” (HOYO, 1967, p. XXXVIII)

Essa relação atribulada foi inclusive o motivo central para que o autor tenha utilizado o pseudônimo Lorenzo Gracián, nome de seu irmão, para assinar esta e outras obras de sua autoria.

Gracián, pois, atendendo a pedido de seu amigo, decidiu-se a autorizar a publicação de sua primeira obra. Fê-lo, porém, sob a condição de ocultar sua identidade com um pseudônimo. Pretendia, com tal atitude, precaver-se contra eventuais atritos com a Companhia de Jesus. Tinha ele lá as suas razões para temer a sua desaprovação, pois, embora nada contivesse que fosse contrário à sua doutrina, a obra estava longe de tratar de matéria que lhe fosse afim. Assim é que não somente *El Héroe*, mas também *El Político* (1640), *Arte de Ingenio* (1642), *El Discreto* (1646), *Oráculo Manual y Arte de Prudencia* (1647) e *Agudeza y Arte de Ingenio* (1647) trouxeram, em suas portadas originais, não o nome de Baltasar Gracián, mas sim o de “Lorenzo Gracián”, suposto irmão seu. (BARROS, 1997, p. 10)

Gracián foi um relevante autor do barroco espanhol² e escreveu um conjunto de obras que constituem seu legado ao estudo da moral, dentre outros temas filosóficos. Suas principais obras foram: *El Héroe* (1637), *El Político Don Fernando* (1640), *Arte de Ingenio* (1642), *El Discreto* (1646), *Oráculo Manual y Arte da*

² “Barroco é, portanto, para nós, um conceito histórico. Compreende, aproximadamente, os três primeiros quartos do século XVII, concentrando-se com maior intensidade, em sua mais plena significação, de 1605 a 1650” (MARAVALL, 1997, p. 42).

Prudência (1647), *Agudeza y arte de Ingenio* (1648), *El Comulgatorio* (1655) e *El Criticón* (3 vol.) (1651-1657). Há, no entanto, outros escritos deixados pelo autor, como a *Necrologia do Padre García de Alabino* (1624) e a *Necrologia do Irmão Bartolomé Vallsebre* (1620), que foi o “primeiro autógrafo certo que de Gracián conservamos, ao mesmo tempo que sua primeira obra literária, ainda que de caráter oficial” (HOYO, 1967, p. XIX).

Outro fator que instigou a escolha deste autor foi o contexto valoroso para a história da humanidade e da filosofia ocidental em que suas obras foram escritas. Gracián esteve imerso em um período histórico da tradição ocidental, no qual a “descoberta do homem” marca o início da Modernidade (PERINE, 2006). Esse momento da história também é conhecido como “virada antropocêntrica” e tem como uma de suas principais formulações a proposição de Descartes “*Cogito ergo sum*”, traduzido para a língua portuguesa como “Penso, logo existo”. Esta inversão no pensamento ocidental tem como propedêutica a mudança do vetor analítico que ia da compreensão do homem como elemento do seu *kósmos* em direção à compreensão do seu entorno, e passou a compreender o homem olhando para si. Destaca-se que naquele momento da história a humanidade estava imersa em uma realidade onde a religião dava esteio à compreensão do mundo, bem como dava os contornos ao comportamento ético.

Vale destacar também que estar nesse período de transição não afasta Baltasar Gracián de sua opção pela compreensão do mundo através da lente da religião como *el hombre de crisis, fue hombre de transición y, por tanto, de sincretismo. Baltasar Gracián, como Montaigne y Descartes, siguió siendo cristiano, pero el cristianismo no inspiró ya totalmente su obra* (ARANGUREN, 1958, p. 392). Também não limitou a propositura de uma forma idiossincrásica de interpretar o mundo dentro dos contornos que o pensamento barroco³ delineava. Mas mesmo sendo autor destacado desse estilo compatibilizou suas crenças às suas proposições.

Así, Baltasar Gracián representa la cumbre hispana de la escritura barroca, pero filosóficamente no es racionalista, porque ha decidido ver el mundo y el hombre con otro método. En ambos casos es el hombre el que decide. El

³ “La antropología graciana tiene alma barroca. El Barroco es el choque de lo apolíneo y lo dionisiaco, de la suave belleza y los monstruosos ímpetus” (ANDREU CELMA, 2008, p. 454).

hombre lo es todo; esto es lo importante, pues el hombre del Barroco no ha pasado en balde por el Renacimiento y se ha instalado en el individualismo. (AYALA, 2000, p. 294)

Ressalta-se, ainda, que em decorrência desta primazia do indivíduo e desta compreensão das mazelas imanentes ao ser humano, tem-se neste período a cisão entre ética e política, que ainda permanece na acepção contemporânea destes conceitos. A substituição do modelo ideonômico da ética clássica – no qual a moralidade se remete a um princípio absoluto (*summa ratio*), afirmando a natureza universal dos valores éticos e a ideia do bem como uma norma suprema – por um modelo autonômico emergente na ética da modernidade, leva a revisão dos pressupostos morais que compõem a estrutura subjetiva e intersubjetiva da universalidade da ética.

A pertinência da escolha da obra selecionada neste projeto está, portanto, justificada, pois o livro intitulado originalmente de *El Político Don Fernando el Católico*, publicado em 1640, faz uma análise *post mortem* da moral prática deste importante “agente político” do início da idade moderna, que foi responsável por significativos feitos durante o período em que governou. Feitos estes que são parte considerável das variáveis que levaram à mudança de paradigma no pensamento ocidental citada anteriormente.

Assim, faz-se importante uma breve e singela delimitação de quem foi este sujeito analisado nesta obra por Gracián, chamado Fernando de Aragão, ou Fernando o Católico (1452-1516). Casou-se em 1469 com Isabela de Castela e foi responsável pela unificação da Espanha em um só reino. Patrocinou incursões de navegadores em direção ao novo mundo, como por exemplo a expedição de Cristovão Colombo no chamado descobrimento da América. Também foi o responsável por extirpar os mouros da dominação ibérica pondo fim à guerra de reconquista da península Ibérica em 1492.

Voltando à trajetória de Gracián, uma outra observação se faz importante: a relevância de sua obra no pensamento filosófico de grandes autores da humanidade. A envergadura de suas defluências sinaliza de forma indelével a densidade de suas proposições e fortalece ainda mais a relevância deste autor e por consequência do presente estudo.

A produção de obras filosóficas serve a diversos propósitos, que vão além do simples discorrer sobre um determinado assunto. Existe intrínseca a ela a inalienável pretensão de estimular o pensamento complexo do leitor e conduzi-lo a reflexões antes inexploradas. Um outro propósito se destaca pela importância que tem no processo de evolução das sociedades e suas culturas. As obras filosóficas servem de substrato para a construção de novos argumentos, que por sua vez permitem e sugerem a elaboração de novas obras promovendo assim um fluxo contínuo de acúmulo e produção de conhecimentos que proveem, além de elementos para compreensão do mundo à nossa volta, a evolução contínua do entendimento humano sobre si mesmo e suas verdades. Nosso entendimento e interpretação da vida humana é, de certa forma, um derivativo das interpretações dos incontáveis autores que se dedicaram a contemplá-la, questioná-la e descrevê-la sob sua ótica e que externaram suas compreensões, positivando-as de forma que chegassem de forma acessível aos tempos atuais.

A construção de um determinado pensamento filosófico se dá, assim, por meio das influências que determinado autor recebeu e que o levaram a compreender o mundo a seu modo. Os pensadores que o antecederam, e que foram acessados por ele, são os sustentáculos de suas compreensões. Ressalta-se que, por uma questão óbvia, é humanamente impossível assimilar ao longo da vida, através dos meios naturais e conhecidos de absorção do conhecimento, tudo aquilo que foi produzido e está disposto nas obras filosóficas existentes. Dessa forma, a construção dos argumentos filosóficos de determinado autor está ancorada não só nas suas interpretações sobre o mundo à sua volta, mas principalmente nas referências a que teve acesso e que geraram o ferramental cognitivo que utiliza para captar e propor suas próprias ideias.

O conhecimento assimilado por determinado pensador a partir do legado de outros talvez seja o elemento balizador mais significativo no desdobrar do seu pensamento. Há diferenciação entre os autores inclusive sobre o grau de inovação que seus pensamentos legaram à humanidade, porém há que se ressaltar que todos eles, por óbvio, partiram de conhecimentos pregressos para chegar às suas próprias conclusões. As conexões entre as ideias já desenvolvidas e as interpretações que podem ser feitas delas permitirão diferentes desdobramentos filosóficos. E a beleza

da produção filosófica reside na amplitude de possibilidades e na carga de legado que a mesma traz.

Um pensador se vale das mais variadas fontes para elaborar seus questionamentos, e terá como um dos indicadores de medição do impacto de suas proposições a influência que as mesmas tiverem no redirecionamento dos paradigmas filosóficos de sua época. Um pensador que marca época devido ao ineditismo incutido em sua forma de pensar induz de forma maiúscula as gerações que o sucedem. A grandeza de uma contribuição filosófica para a humanidade, por sua vez, pode ser medida portanto, entre outros, pela envergadura dos pensadores que se valeram dos seus aprendizados para proporem seus próprios.

Neste tocante, Gracián influenciou pensadores como Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche⁴. Estes autores são reconhecidamente expoentes do pensamento filosófico ocidental, tendo ambos deixado contribuições significativas por meio do conjunto de suas obras. É sabido que Nietzsche foi influenciado por Gracián, e essa afirmação pode ser verificada na passagem a seguir:

En su carta del 20 de septiembre de 1884 a Peter Gast asegura Nietzsche que en el campo de la moral no se a escrito hasta el presente nada tan sutil y complejo como lo concebido en la obra de Gracián (HIDALGO-SERNA, 1993, p. 40).

Já a influência de Gracián sobre Schopenhauer é largamente citada inclusive pelo próprio Schopenhauer que declarou de forma explícita que seu escritor preferido era Baltasar Gracián (HIDALGO-SERNA, 1993, p. 38). Ademais, o fato de Schopenhauer ter traduzido para o alemão a obra *Oráculo manual y arte da prudência* é outra sinalização de sua admiração pelo escritor espanhol. Essa tradução, inclusive, é tida como uma das principais responsáveis pela notabilidade do legado de Gracián.

⁴ “Y, en fin, las relaciones de Schopenhauer – para quien Gracián era el escritor preferido y *El Criticón* el mejor libro del mundo – y de Nietzsche con nuestro autor también han sido estudiadas y son bien conocidas” (ARANGUREN, 1958, p. 392).

2 TRADUÇÃO

As páginas a seguir referem-se à tradução para o português da obra *El Político Don Fernando el Católico* (1640), de Baltasar Gracián, cujo texto original em espanhol utilizado foi extraído da edição de suas *Obras Completas*, publicada em 1967 pela Editora Aguilar em Madri, cujos estudos preliminares, edição, bibliografia, notas e índices são de autoria de Arturo del Hoyo.

A presente tradução está estruturada de forma a manter o texto em espanhol nas páginas pares e a tradução para o português nas páginas ímpares. Ademais, para que essa estrutura pudesse ser mantida, alguns parágrafos foram remetidos à página subsequente quando sua extensão inviabilizava tal formatação.

O texto original foi destacado em negrito e com a fonte em itálico, assim fica evidente a diferença em relação ao texto traduzido, que segue a mesma formatação do presente trabalho, propiciando, então, uma leitura mais fluída. Sendo assim o leitor que desejar ler somente a tradução deverá seguir com a leitura das páginas ímpares, à direita, mas em havendo necessidade de recorrer ao texto original o mesmo estará logo à esquerda nas páginas pares.

Optou-se, ainda, por iniciar a tradução após as “Preliminares” por estas se tratarem de ritos burocráticos obrigatórios à época, mas sem valor objetivo no presente trabalho. Ademais, as notas da edição de del Hoyo, foram adaptadas neste estudo.

Vale ressaltar, por fim, que entende-se que o exercício de tradução confere, àquele que se habilita a fazê-la, alguma liberdade para propor sua compreensão do que está posto pelo autor na língua original da obra e apresentá-la na língua de destino, pois a partir da interpretação da ideia pretendida pelo autor são possíveis derivações diversas, não havendo, portanto, a tradução correta ou a tradução incorreta, mas sim a tradução proposta.

Opongo un rey a todos los pasados; propongo un rey a todos los venideros: don Fernando el Católico, aquel gran maestro del arte de reinar, el oráculo mayor de la razón de Estado.

Será este (oh excelentísimo Duque, Mecenas y maestro mío juntamente), no tanto cuerpo de su historia cuanto alma de su política; no narración de sus hazañas, discurso sí de sus aciertos; crisis de muchos reyes, que no panegeris de uno solo, debida a la magistral conversación de Vuestra Excelencia, lograda de mi observación.

Comentaré algunos de sus reales aforismos, los más fáciles, los accesibles; que los primorosos, los recónditos, esos cederlos he a quien presumiere alcanzarlos. Apremiaré reglas ciertas, no paradojas políticas, peligrosos ensanches de la razón, estimando más la seguridad que la novedad.

Protesto que no alienta mi pluma el favonio de la lisonja, pues nunca esta buscó tan remotos asuntos. Excusa, sí, mi osadía, y aun la solicita, mi suerte de hallarme, digo, con muchas noticias eternizadas por su propia real católica mano: deformes caracteres¹, pero informado de mucho espíritu; oráculo dos veces por lo arcano de la inscripción, y más, por lo profundo del pensamiento.

Quedó invidiando a Tácito y a Comines² las plumas, mas no el centro; el espíritu, mas no el objeto.

Fundó Fernando la mayor monarquía hasta hoy en religión, gobierno, valor, estados y riquezas; luego fue el mayor rey hasta hoy.

Concurrieron siempre grandes prendas en los fundadores de los imperios; que si todo rey, para ser el primero de los hombres ha de ser el mejor de los hombres, para ser el primero de los reyes ha de ser el máximo de los reyes.

Oponho um rei a todos os outros do passado e proponho um modelo para todos os que virão: Dom Fernando o Católico, aquele grande mestre da arte de reinar, o oráculo maior da razão do Estado.

Será este (ó excelentíssimo Duque, meu mecenas e também meu mestre), não tanto o corpo de sua história, mas a alma de sua política; não a narração de suas façanhas, mas sim a descrição de seus acertos; a análise de muitos reis, não o louvor a um só, devo isso à magistral exposição de Vossa Excelência, a que pude assistir.

Comentarei alguns de seus aforismos, os mais fáceis e acessíveis. Os mais rebuscados e seletos deixá-los-ei para aqueles que acreditam ser capazes de entendê-los. Apreciarei regras concretas, e não paradoxos políticos, ou perigosas tergiversações da razão, buscando mais a segurança do que a novidade.

Confesso que não são os ventos da lisonja que encorajam minha escrita, pois nunca tratei de assuntos tão remotos. Desculpe minha ousadia, e ainda minha presteza, mas sorte a minha me deparar com muitas memórias eternizadas por sua própria mão régia e católica: com letras deformadas, mas concebidas com muito espírito. Duas vezes enigmático, pelo mistério da escrita e pela profundidade do pensamento.

Permaneceu invejando os escritos de Tácito e Comines, mas não o tema; o espírito, mas não o objeto.

Fernando fundou a maior monarquia até hoje em termos de religião, governo, valor, estados e riquezas, logo foi o maior rei até hoje.

Grandes qualidades sempre concorreram nos fundadores dos impérios; pois se todo rei para ser o primeiro entre os homens deve ser o melhor dos homens, para ser o primeiro entre os reis, ele deve ser o máximo dos reis.

Fueron comúnmente tan prodigiosos los hechos de todos los fundadores, que las narraciones dellos se juzgaron antes por invenciones de la Epica que por rigores de la Historia. Los suyos los imaginaran más que hombres, hasta inaugurarlos en dioses: los extraños, echando por otro extremo, los tuvieron por héroes fabulosos.

Destinóse la elegante pluma de Jerenofonte al glorioso cetro de Ciro, cabeza del imperio de los persas, y remontóse tanto, que se perdió de crédito, pues creyó la posteridad que había escrito, no lo que había sido Ciro, sino lo que debe ser un perfecto monarca.

Es el fundador de un imperio, hijo de su propio valor; sus sucesores participaron de la grandeza. Hízose rey, que pudo, sobre la corona de los méritos, fabricársela de diamantes. Ellos, o nacen reyes, o son hechos reyes.

Fue Rómulo un prodigio de la capacidad y del valor, para fundar la monarquía romana, tan dilatada en espacios como en siglos. Dejóles a los suyos en su significativo nombre depositada, como en semilla, la virtud y vinculado el valor, para ocupar lo mejor del mundo, y fue tanto más cuanto comenzó de menos.

Las principales destas heroicas prendas son antes favores del celestial destino que méritos del propio desvelo.

Hijos fueron desta divina elección suprema, y hermanos en la grandeza, Constantino y Carlos, para fundar los dos cristianos imperios, el uno en el Oriente, y el otro en el Occidente.

Celebran todos los siglos, depositadas todas las prendas en el verdadero Gerión de España, los tres fundadores de sus tres católicos reinos, don García Jiménez de Sobrarbe, don Pelayo de las Asturias, don Alonso Enríquez de Portugal, que con gloriosa emulación, pasaron a ser imperios, extendiéndose cada uno por diferente parte del universo.

Os feitos desses fundadores foram igualmente tão prodigiosos, que as narrações deles foram julgadas mais como invenções da épica do que por história verídica. Os seus os imaginavam mais que homens, até os consagravam deuses. Por outro lado, os estranhos os tinham como heróis de fábulas.

A elegante pena de Xenofonte destinou-se ao glorioso reinado de Ciro, cabeça do império persa, e o exaltou tanto que perdeu o crédito, pois a posteridade acreditou que o que ele havia escrito era sobre como deve ser um monarca perfeito e não como havia sido Ciro.

O fundador de um império é filho de seu próprio valor. Seus sucessores participaram de sua grandeza. Fez-se rei sobre a coroa dos méritos, que pôde confeccioná-la de diamantes. Ou eles nascem reis ou são feitos reis.

Rômulo foi um prodígio da inteligência e da coragem para fundar a monarquia romana, tão vasta em seus domínios territoriais como no período de sua existência. Como uma semente, deixou ao seu povo, apoiada no nome significativo³ que construiu, a virtude e a coragem necessárias para ocupar o melhor do mundo, e foi muito mais se comparado ao quão de baixo começou.

As principais destas qualidades são antes favores do destino celestial do que méritos de seu próprio empenho.

Constantino e Carlos foram filhos desta eleição suprema, e irmãos na grandeza, para fundar os dois impérios cristãos, um no Oriente e o outro no Ocidente.

Celebram todos os séculos, depositadas todas as qualidades no verdadeiro Gerião⁴ da Espanha, os três fundadores dos seus três reinos católicos, Dom Garcia Jimenes de Sobrarbe, Dom Pelágio das Astúrias, Dom Afonso Henriques de Portugal, que com uma competição gloriosa passaram a ser impérios, cada um estendendo-se por diferentes partes do universo.

Con el valor se consiguen las coronas, y con la prudencia se establecen. Sobróle a Alejandro la braveza para conquistar y faltóle la sagacidad para establecer, si ya no fue envidia de ninguno de sus sucesores le igualase, o soberbia de no imaginar a otro alguno capaz de tanto empleo.

Llenó el Oriente el Tamorlán más de terror que de señorío (bárbaro cometa que con felicidad con que forjó se deshizo) y comenzaba así en nuestros días Gustavo Adolfo el de Suecia.

No tengo yo por fundador de una monarquía al que la dio cualquier principio imperfecto, sino al que la formó.

Mucho se le debe en el poderoso imperio de los turcos al valeroso Otomán, que lo comenzó, pero mucho más al conquistador Mahometo, que lo estableció en Constantinopla, dejándolo tan acreditado como acrecentado.

Plantó la monarquía de Francia el valiente Faramundo. Rególa Clodoveo con el licor celestial, coronándola más con sus fragantes lises.

Hay también grandes distancias de fundar un reino especial y homogéneo dentro de una provincia al componer un imperio universal de diversas provincias y naciones. Allí, la uniformidad de leyes, semejanza de costumbres, una lengua y un clima, al paso que lo unen en sí, lo separan de los extraños. Los mismos mares, los montes y los ríos le son a Francia término connatural y muralla para su conversación. Pero en la monarquía de España, donde las provincias son muchas, las naciones diferentes, las lenguas varias, las inclinaciones opuestas, los climas encontrados, así como es menester gran capacidad para conservar, así mucha para unir.

Ni se limita el fundar los imperios a un modo singular; halló muchos y especiales el ingenio. Desta suerte transformó César la aristocracia en monarquía, y fueron tantas sus prendas como sus coronas. Los romanos conquistaron lo más y lo mejor del mundo, y él sujetó a los romanos. Avasalló otros tantos reyes cuantos fueron los senadores y capitanes que venció.

Com a coragem se conseguem as coroas, e com a prudência se estabelecem. Sobrou bravura a Alexandre para conquistar, mas faltou-lhe a sagacidade para estabelecer, se já não foi inveja de nenhum de seus sucessores igualar-se a ele, ou soberba de não imaginar um outro alguém capaz de tanto esforço.

O Tamerlão encheu o Oriente mais de terror do que de nobreza (cometa bárbaro que com a mesma felicidade que foi forjado também se desfez) e assim começava nos nossos dias Gustavo Adolfo da Suécia.

Eu não tenho por fundador de uma monarquia aquele que deu qualquer origem inacabada, mas sim aquele que a fundou.

Muito se deve ao corajoso Osman no poderoso império dos turcos, pois ele o começou, mas deve-se muito mais a Maomé o Conquistador, que o estabeleceu em Constantinopla, deixando-o com tanto crédito quanto engrandecido.

O valente Faramundo plantou a monarquia da França. Clóvis a regou com o licor celestial, coroando-a ainda mais com suas perfumadas flores-de-lis.

Também há uma grande distância entre fundar um reino especial e homogêneo dentro de uma província ou compor um império universal de diversas províncias e nações. No primeiro, há uma uniformidade de leis, uma semelhança de costumes, uma língua e um clima que os unem entre eles, mas que os separam dos outros. Os mesmos mares, montes e rios são para a França limites naturais e muralhas para sua morada. Mas na monarquia da Espanha, onde são muitas as províncias, diferentes as nações, diversas as línguas, interesses opostos e os climas hostis, assim como é necessária grande capacidade para conservar também é para unir.

O fundar dos impérios não se limita a um modo singular; encontra-se muita e especial engenhosidade. Desta forma César transformou a aristocracia em monarquia, e foram tantas suas qualidades como suas coroas. Os romanos conquistaram a maior e melhor parte do mundo, e ele sujeitou os romanos. Avassalou outros tantos reis quantos foram os senadores e capitães que venceu.

Dio lugar el gran Constantino a la monarquía pontifica y trasladó la suya imperial allá al Oriente, haciendo de sus vitoriosas armas muralla fuerte a la Iglesia. Facilitó la conquista de todo el mundo al yugo de la fe santa, si hubieran sabido sus sucesores ejecutar la traza y lograr la ocasión.

Fue dos veces grande, por lo valeroso y por lo sagaz. Ismael Sofí, pues fundó su imperio de Persia, no de las ruinas del otomano, sino de lo más florido dél. Detuvo el curso a su felicidad en su mayor aumento, y por Divina Providencia (derechamente favorable a la cristiandad) enfrenó el orgullo turquesco a lo mejor.

Tiene la astucia su propio modo de fundar, que fue valerse siempre de la ocasión; y, después de haber la inconsiderada porfía de los príncipes cristianos consumido alternativamente sus fuerzas, agotado sus tesoros, desflorado sus ejércitos, salieron de refresco los turcos y alzárnose con todo, sin resistencia: están más llenas las historias de casos de que escarmientos.

Viose renovada la gloria antigua africana en su Jerife, bárbaro sabio que supo jugar a dos manos, ya de la política y ya del valor.

Emulo Quingui⁶ de Alejandro, y envidiándole el renombre, volvió a conquistar todo el Oriente, desde las murallas de la China hasta las selvas de Moscovia, dejando sus sucesores, más en empeño que en herencia, el renombre del Gran Can de la Tartaria.

Todos fueron cabezas de monarquías, correspondiendo en cada uno la grandeza de su ánimo a la de su imperio. Pocos de sus sucesores les igualaron, y aunque adelantaron los términos del mando, pero no los del valor.

O grande Constantino deu lugar à monarquia pontifícia e trasladou sua corte ao Oriente, fazendo de suas vitoriosas armas uma forte proteção para a igreja. Facilitou a conquista [futura] de todo o mundo ao jugo da santa fé, se seus sucessores tivessem sabido executar o plano e aproveitar a ocasião.

Foi duas vezes grande: pela valentia e pela sagacidade. Ismael Sofi fundou seu império da Pérsia não a partir das ruínas do império Otomano, mas sim daquilo que havia de mais florido nele. Para sua felicidade interrompeu a trajetória turca em seu maior crescimento, e por Divina Providência (diretamente favorável ao cristianismo) freou a soberba daquele povo.

Sua forma própria de conquistas teve astúcia, pois valeu-se sempre da ocasião. E depois da insistência negligente dos príncipes cristãos ter consumido suas forças, esgotado seus tesouros, desmantelado seus exércitos, os turcos saíram repentinamente e se lançaram com tudo, não encontrando resistência. As histórias estão mais cheias de acontecimentos do que de ensinamentos.

Viu-se renovada a antiga glória africana em seu Xerife⁵, bárbaro sábio que soube jogar a duas mãos, a da política e a da coragem.

Gengis Khan adversário de Alexandre, invejando seu renome, dedicou-se a conquistar todo o Oriente, desde as muralhas da China até às selvas da Moscóvia, deixando para seus sucessores o renome de Grande Khan da Tartária mais como uma responsabilidade do que uma herança.

Todos foram cabeças de monarquias, correspondendo em cada um a grandeza de seu império à de seu próprio ânimo. Poucos de seus sucessores se igualaram a eles, e ainda que tenham aumentado os limites dos domínios, não aumentaram os de sua coragem.

El claro sol, que entre todos ellos brilla, es el Católico Fernando, en quien depositaron, la naturaleza prendas, la fortuna favores, y la fama aplausos. Copió el Cielo en él todas las mejores prendas de todos los fundadores monarcas, para componer un imperio de todo lo mejor de las monarquías. Juntó muchas coronas en una; y, no bastándole a su grandeza un mundo, su dicha y su capacidad le descubrieron otro. Aspiró a adornar su frente de las piedras orientales, así como de las perlas occidentales; que, si no lo consiguió en sus días, enseñó e camino a sus sucesores por el parentesco; que, donde no ha lugar la fuerza, lo ha la maña.

Fue Fernando de la heroica prosapia de los reyes de Aragón, que fue siempre fecunda madre de héroes.

Ayuda mucho, o estorba, para conseguir la celebridad esto de las familias. Secreta filosofía, manifiesto efecto de la Soberana Providencia, más favorable a unas que no a otras. Parece que se heredan, así como las propiedades naturales, así las morales, los privilegios o achaques de la naturaleza y fortuna.

Casas hay que llevan consigo hereditaria la felicidad, y otras la desdicha. La de Austria ha sido siempre felicísima, prevaleciendo eternamente contra todas las máquinas de sus émulos.

La de Valois, al contrario, en Francia, ha sido desgraciada, no perdonando esta infelicidad aun a las privilegiadas hembras.

Otras prosapias hay belicosísimas por naturaleza y por afición, como lo es la de Borbón, seminario de valerosos caudillos, cuya mezcla con la de Austria prometen en nuestro Serenísimo Príncipe de España, con la felicidad, el valor, para ser monarca del Universo. Sea oráculo su real nombre Baltasar Rey, compuesto de las cuatro vocales que dan principio a todas las cuatro partes del mundo, en presagio de que su monarquía y su fama han de ocuparlas todas.

O Católico Fernando é o sol claro que brilha entre todos eles, em quem a natureza depositou qualidades, a sorte dádivas e a fama aplausos. O céu reproduziu nele as melhores qualidades de todos os monarcas fundadores, para construir um império com aquilo que há de melhor em todas as monarquias. Ele uniu muitas coroas em uma, e, não bastando a ele conquistar um mundo, sua sorte e sua capacidade o levaram a descobrir outro. Desejou adornar sua fachada tanto de pedras orientais, como de pérolas ocidentais, pois, se ele não conseguiu fazê-lo, mostrou o caminho aos parentes que o sucederam. Pois, onde não cabe o uso da força, há aí espaço para a habilidade.

Fernando foi da heróica linhagem dos reis de Aragão, que foi sempre fecunda mãe de heróis.

Esta questão das famílias ajuda muito, ou atrapalha, para se conseguir notoriedade. Filosofia secreta, efeito manifesto da Soberana Providência, mais favorável a umas do que a outras. Parece que se herdamos, assim como as propriedades naturais, as morais, os privilégios ou as reputações da natureza e sorte.

Existem linhagens que levam consigo de forma hereditária a felicidade, porém outras só levam desventura. A da Áustria tem sido sempre felicíssima, triunfando eternamente sobre os aparatos de seus oponentes.

A de Valois na França, ao contrário, tem sido infeliz, e esta infelicidade não perdoou nem mesmo às privilegiadas mulheres.

Outras linhagens são muito belicosas por natureza e por afeição, como é a de Bourbon, nascedouro de valentes caudilhos, cuja mescla com a da Áustria felizmente assegurou ao nosso Sereníssimo Príncipe da Espanha a coragem para ser monarca do Universo. Que seja auspicioso seu nome real Baltasar Rei⁷, composto das quatro vogais que dão origem aos quatro cantos do mundo, em prenúncio de que seu reinado e sua fama hão de ocupar todo o mundo.

La familia de los Césares en Roma fue estéril de sucesores, tanto en calidad como en número, ordinario castigo de la tiranía.

Casas hay cuyos príncipes tardan en hacerse; pero, en despertando una vez, recompensan la tardanza de los principios con un prodigioso exceso en los progresos.

La casa de los reyes de Aragón fue de príncipes eminentes en el gobierno; todos a una mano selectos, políticos, sagaces, belicosos y prudentes; felicidad rara y invidiable de todos los demás reinos.

Nació y crióse, no en el ocio ni entre las delicias del rey don Juan, su padre, sino en medio de sus mayores aprietos. Las luminarias de su nacimiento fueron rayos de las bombardas, y los regocijos de la Corte fueron triunfos de las multiplicadas vitorias.

Príncipe niño, se vio cercado en el castillo de Girona con la reina doña Juana su madre, aquella castellana amazona que capitaneó tantos ejércitos en Navarra, Aragón y Cataluña. Contra un niño y una madre, hubo días en que se fulminaron al castillo cinco mil balas, pero, como la fénix salió triunfante deste incendio; que todos los reinos parece que se conjuraron contra Fernando niño, para sujetársele después muy hombre.

De una heroica educación sale un heroico rey. Dura en la vasija largo tiempo el buen o el mal olor del primer licor que tuvo. Ensayó el águila su generoso polluelo, para ser rey de las aves, a los puros rayos del sol. Créese un príncipe mirando siempre al lucimiento, a los brillantes rayos de la virtud y del honor.

Ayudóle mucho a Enrico Cuarto el de Francia, para ser rey, y gran rey, el haber sido trasladado de la cuna al pabellón.

Más gloriosas fueron las abarcas del aragonés don Sancho que el zapato de ámbar de otros príncipes, pues estos paran en asquerosos muladares, y aquellas en majestuosos timbres.

A família dos Césares em Roma foi estéril de sucessores, tanto em qualidade como em quantidade, castigo comum à tirania.

Existem linhagens que demoram a formar príncipes, porém, uma vez formados, recompensam o atraso de sua formação com um prodigioso excesso nos progressos.

A casa dos reis de Aragão foi de eminentes príncipes no governo. Todos igualmente seletos, políticos, sagazes, guerreiros e prudentes. Felicidade rara e invejada pelos demais reinos.

Nasceu e se criou não no ócio e nem entre os prazeres do rei Dom João, seu pai, mas sim em meio aos seus maiores apuros. A luz de seu nascimento veio dos clarões dos bombardeios, e o regozijo da Corte foram triunfos das inúmeras vitórias.

Príncipe menino, viu-se cercado no castelo de Girona com sua mãe Dona Joana, aquela guerreira castelhana que capitaneou tantos exércitos em Navarra, Aragão e Catalunha. Contra um menino e uma mãe, houve dias em que lançaram no castelo cinco mil balas, porém, como a fênix, saiu triunfante desse incêndio, o que acabou tornando-o ainda mais homem. Parece que todos os reinos conjuraram contra o menino Fernando, para depois sujeitarem-se a ele quando homem.

De uma educação heróica nasce um rei heróico. Permanece por muito tempo na jarra o bom ou o mal cheiro do primeiro licor que foi colocado ali. Já nos primeiros raios de sol a águia ensina seu filhote a ser o rei das aves. Crie-se um príncipe sempre buscando o esplendor e os brilhantes raios da virtude e da honra.

A Henrique IV da França ajudou-lhe muito para ser rei, e um grande rei, ter sido transferido do berço para o pavilhão de guerra.

As humildes sandálias do aragonês Dom Sancho foram mais gloriosas que os sapatos de âmbar de outros príncipes, pois estes acabaram em asquerosas pocilgas e aquelas em majestosas glórias.

Desamparó al niño Jaime, famoso Conquistador de Aragón, su mismo padre el rey don Pedro; aborrecióle aun antes de engendrarle y arrojóle después; al que no quisiera haberle dado el primer ser de naturaleza, no quiso darle el más principal de la educación, y aquí estuvo su mayor dicha; pues, substituyendo el valeroso caudillo, el conde Simón Monforte le fue padre y ayo juntamente. Que se han de criar los propios hijos como extraños, y los extraños como propios. La primera gala que se puso fue el arnés, y aquellos tiernos infantiles miembros, que aún no sabían andar, iban ya crujiendo la malla y la loriga.

Desta suerte se criaron todos los célebres monarcas: esta es la educación de los héroes.

Creció Alejandro al ruido, no de las fiestas y entretenimientos, sino de las hazañas del rey Felipo su padre, alimentándose de invidia, saciándose de emulación. Hijo fue del mayor rey de Grecia y alumno del mayor filósofo del mundo para ser el primer monarca Magno.

Presidió Fernando, siendo de menor edad, a las Cortes de Aragón en Zaragoza, supliendo la capacidad muy de hombre la edad muy de niño. Escarmentaron padre y hijo en el príncipe don Carlos de Viana, aquel para confiar más de su segundo hijo, y este para saber unirse y aunarse con su padre.

Socorrían los emperadores romanos su casa de vejez con ir introduciendo en césares sus hijos, y cuando no los hallaban en la naturaleza los buscaban en la adopción. Desta suerte el sabio Nerva adoptó al valeroso Trajano. Hacían un cuerpo entrambos; aquel era cabeza y este brazos, repartiéndose las facultades: el viejo la prudencia, y el mozo el valor. Y lo que recababa la confianza en los extraños, ¿por qué no lo ha de pretender la naturaleza en los propios?

O menino Jaime, famoso conquistador de Aragão, foi abandonado pelo próprio pai, Dom Pedro. Antes de concebê-lo já o odiava e o desprezou mais ainda depois que nasceu, como que se não quisesse ter lhe dado a vida. Não quis lhe dar o principal que é a educação, e aqui foi onde teve a maior sorte, pois, substituindo o valente comandante, o Conde Simão Monforte foi para ele ao mesmo tempo pai e tutor, que criam seus próprios filhos como estranhos, e os estranhos como legítimos. A primeira vestimenta que colocou foi a armadura, e aqueles delicados e infantis membros, que ainda nem sabiam andar, já iam estalando a malha e a loriga.

Desta maneira se criaram todos os célebres monarcas: essa é a educação dos heróis.

Alexandre cresceu aos ruídos, não das festas e divertimentos, senão das façanhas do seu pai o Rei Filipe, alimentando-se da inveja, saciando-se da competição. Foi filho do maior rei da Grécia e aluno do maior filósofo do mundo⁸, e assim se tornou o primeiro monarca com a alcunha de "Magno".

Fernando presidiu, sendo menor de idade, as cortes de Aragão e Saragoça, e sua hombridade supriu sua idade de menino. Castigaram pai e filho no príncipe Dom Carlos de Viana, aquele para confiar mais em seu segundo filho, e este para aprender a unir-se ao seu pai.

O que salvava os imperadores romanos em sua velhice era o fato de ir transformando seus filhos em césaes, e quando não os encontravam na natureza os buscavam na adoção. Dessa forma o sábio Nerva adotou o valente Trajano. Eles agiam como um corpo, onde aquele era a cabeça e este os braços, e dividiam as habilidades: o velho trazia a prudência e o jovem a coragem. E aquilo que conseguia a confiança dos desconhecidos, por que não desejar o mesmo em relação aos seus?

El amor o el recelo paternos es un fatal escollo donde dieron al traste muchos sucesores. Sepultaron en Francia a Carlos el Inepto, aun antes de nacer, entre pegajosas delicias, con que siempre fue rey muerto. La afición, o la desconfianza, les ha inventado ya a los príncipes otomanos la dulce cárcel de los entretenimientos, donde nunca más acertaron a salir. Porque no aspirase temprano al mando Dionisio el Segundo de Sicilia, lo criaron como otros muchos, de suerte que, después, ni aun tarde, fueron capaces dél.

Todas las artes se aprenden, en todos los mecánicos empleos, aun en los más fáciles, hay tiempo de aprendices. Solo al real, siendo el más arduo, se le hurta esta común providencia. "No hay cosa más dificultosa – decía Diocleciano – que imperar bien."

Entran algunos a ser reyes sin arte ni experiencia. Hallóse de repente Niño el Segundo, el hijo de Semiramis, empeñado en el dificultoso gobernalle de un cetro. Viose Quilderico, el francés, en medio de un océano político, y no en leche, sino en sangre, y tal vez en pura hiel.

El riesgo grande, la experiencia ninguna. Concibió con esto don Sancho el Segundo de Portugal horror al oficio y, lo que es peor, desconfianza de sí; y, remitiendo todos estos el trabajo, vinieron a quedarse con solo lo gustoso y el título de reyes, hasta perderlo también.

Entregó Fernando la juventud a la milicia y la senectud a la política. Atendió en sus primeros años a conquistar; en los postreros, a gobernar.

Piden las edades sus empleos: compete el valor a la mocedad, y la prudencia a la vejez.

Ejercítanse las armas en la lozanía y ferviente edad con facilidad, y con felicidad también: dictamen del insigne marqués de Mariñano, ponderado en otra ocasión.

Invidiaba Trajano a Alejandro el haber comenzado a reinar mozo, no por ambición del mando, sino por emulación de la suerte. Acabáronseles a muchos con los floridos años los felices sucesos, y perdió Pompeyo en la vejez cuanto adquirió en su gallarda mocedad.

A preocupação ou o amor paternos são obstáculos fatais que destruíram muitos sucessores. Sepultaram na França Carlos, o Simples, mesmo antes de nascer, assim, entre prazeres pegajosos, já era um rei morto. A afeição, ou a desconfiança, deu aos príncipes otomanos o doce encarceramento das diversões, de onde nunca mais conseguiram sair. Porque Dionísio, o segundo da Sicília, não desejou comandar desde cedo, criaram ele como muitos outros, de forma que, posteriormente, nem tão tarde, foram capazes dele.

Todas as artes se aprendem, e em todos os trabalhos mecânicos, até nos mais fáceis, há um tempo como aprendiz. Somente do ofício de reinar, mesmo sendo o mais árduo, se retira esse estágio de preparação. “Não há coisa mais dificultosa, dizia Diocleciano, que reinar bem”.

Alguns chegam a ser reis sem habilidade nem experiência. Tamuz, segundo filho de Semíramis, encontrou-se de repente no complexo compromisso de governar um cetro. Quílderico, o francês, se viu em meio a um oceano político, e não de leite, mas de sangue, ou talvez de puro fel.

O grande risco: a falta de experiência. Com isso Dom Sancho II de Portugal tomou horror ao serviço e, o que é pior, passou a desconfiar de si mesmo. E, dedicando-se todos estes ao trabalho, vieram a ficar somente com o que é agradável e o título de reis, até perdê-los também.

Fernando entregou sua juventude à vida militar, e a velhice à política. Dedicou seus primeiros anos a conquistar e os posteriores a governar

As idades pedem comportamentos condizentes: a coragem compete à mocidade, e a prudência à velhice.

Na juventude e na flor da idade, exercitam-se com as armas com facilidade e também com felicidade. Opinião do nobre Marquês de Marignano⁹, exposto em outra ocasião.

Trajano invejava Alexandre por ter começado a reinar ainda jovem, não por desejar a função, mas sim por desígnios da sorte. Muitos perderam alguns anos na flor da idade pelos seus felizes êxitos, e Pompeu perdeu na velhice aquilo que acumulou durante sua graciosa mocidade.

Requieren las armas un grano de temeridad que no se encuaderna con la madurez; lo muy considerado de la mayor edad detiene el brío, enfrena la osadía, y nunca los muy prudentes fueron grandes batalladores.

Dispuso presto el arnés el Prudente de los Filipos de España. Pero Alejandro, con su temeridad, conquistó más que todos los reyes juntos con su mucho tiento. El determinado César triunfó con su mucha audacia de la mucha prudencia del Senado.

Ni es la menor de las conveniencias ocupar las armas la deleznable mocedad y escaparla, si no de los vicios, de la negligencia.

Apetece la vejez todo lo contrario: ama la paz, porque el sosiego da leyes, reforma las costumbres, compone la república, establece el imperio.

Comenzó por rey de Sicilia, ilustre agüero de su gran cosecha de coronas. Entró luego en Castilla, empresa más ardua que las de Alcides, aunque entre la hidra con sus siete cabezas. Viose luego el exceso de su capacidad, la grandeza de su valor, y conocióse que había de ser un prodigio político.

La llave de un feliz y acertado reinado consiste en el arrancar, y permítaseme decirlo así, en acertar a encarrilar. Por donde comenzó a correr el caudaloso río, por allí prosigue, que después es género de imposible el mudarle la corriente.

Tienen los reyes grandes contrarios a los principios de su gobierno. Toda prudencia, toda atención, toda sagacidad aún no es bastante en este dificultoso punto. En las entradas de los caminos es el riesgo del errarlos, que, acertados una vez con facilidad se prosiguen.

Comenzó el que hoy es rey de la gran China con opinión y aun alarde de prendas superiores a la expectativa de sus atentos vasallos; pero luego lo enviciaron, unos por un fin y otros por otro, y echaron a perder el mejor rey que hubiera eternizado la fama.

As armas requerem uma pitada de temeridade que não se enquadra na maturidade. Os de idade avançada que se destacam são aqueles que conseguem conter a valentia e a ousadia, e nunca os muito prudentes foram grandes batalhadores.

O Prudente dos Filipes da Espanha se desfez rapidamente da armadura. No entanto, Alexandre, com sua temeridade, conquistou mais que todos os outros reis juntos com sua insistência. A grande audácia do destemido César triunfou sobre a prudência excessiva do Senado.

Nem é a menor das conveniências ocupar as armas a passageira mocidade e escapá-la, se não dos vícios, da negligência.

A velhice deseja o contrário: ama a paz, porque o sossego dá leis, reforma os costumes, compõe a república e estabelece o império.

Começou como rei da Sicília, ilustre presságio da sua grande colheita de coroas. Entrou logo em Castela, realização mais difícil que as de Herácles, ainda que este tenha matado a hidra de sete cabeças. Rapidamente percebeu sua grande capacidade, e sua enorme coragem, e deu-se conta de que deveria ser um prodígio político.

A chave de um feliz e acertado reinado está no começar, e permita-me dizer assim, em acertar o encarrilhar. O rio caudaloso segue por onde começou a correr, pois mudar seu curso posteriormente está na esfera do impossível.

Os reis têm aqueles que são contrários ao início de seu governo. Toda prudência, toda atenção, toda sagacidade ainda não são o bastante nesse momento complexo. O risco está na escolha de qual caminho seguir, pois, uma vez escolhendo o correto, é fácil seguir nele.

Aquele que é hoje o rei da grande China¹⁰ começou com a opinião e o alarde de qualidades superiores à expectativa de seus atentos vassalos, mas rapidamente o viciaram, alguns por um determinado fim, outros por outros, e perderam o melhor rei que teria eternizado a fama.

Conciben grandes esperanzas los vasallos del sol que amanece, y prométense siempre, que ha de ser mejor el que comienza que el que acaba, por bueno que haya sido. Fue recibido Fernando a deseo de gran rey, y no solo satisfizo, sino que colmó esas bien fundadas esperanzas; previó que los que procuraban que fuese rey de Castilla no lo hacían porque mandase él; mas, cebándoles en esta su engañada ambición, valióse de sus intentos para revolver después contra ellos; y, vencidos unos y otros, fue rey, rey.

Estimó los dictámenes del rey don Juan su padre, prevaleciendo la prudencia especial a la común inclinación.

Notable propensión es en los príncipes seguir todo lo contrario del pasado, o por novedad o por emulación; y reina esta pasión, no solo en los extraños sucesores, sino en los propios hijos; que pudo la naturaleza unir las sangres, pero no los juicios; herédase tal vez el gesto, pero nunca el gusto.

Si esta connatural oposición se declarara contra los desaciertos, fuera loable; pero que se atreva a la mayor hazaña, mayor monstrosidad.

Que abomine Vespasiano y borre las huellas de Vitelio y los demás monstros sus predecesores, es restaurar el imperio, es desagaviar la virtud.

Pero que Adriano condene los esclarecidos hechos de Trajano, el mejor emperador que adoró Roma, y llegue a tal extremo de disentir, que estreche los términos del Imperio por estrecharle la fama, derribe la celebrada puente del Danubio por derribar su memoria, no es emulación, sino atrocidad.

Aprobarlo todo suele ser ignorancia; reprobarlo todo malicia; que, porque el pasado fue guerrero en sucesor haya de ser necesariamente pacífico, y esto, no por conveniencia, sino por nativa oposición, no es regla de política.

Os vassallos têm grandes esperanças no sol que amanhece, pois têm a crença de que sempre será melhor aquilo que começa do que foi aquilo que acaba, por melhor que este tenha sido. Fernando foi desejado e recebido como um grande rei, e não só satisfaz, como alcançou plenamente essas bem fundadas esperanças. Previu que os que queriam que fosse rei de Castela não o faziam por que ordenava, mas, nutrindo-os desta traiçoeira ambição, valeu-se de suas iniciativas para depois revoltar-se contra eles. E, vencidos uns e outros, foi rei, rei.

Estimou os ditames do seu pai o rei Dom João, prevalecendo a prudência especial em relação à comum inclinação.

É notória a propensão dos príncipes em fazer tudo ao contrario do que foi feito no passado, seja pela necessidade de inovar ou por mera competição. E esta paixão reina não só nos sucessores estranhos, como também nos seus próprios filhos, aos quais a natureza pode unir o sangue, mas não os juízos. Talvez herda-se o gesto, mas nunca o gosto.

Se essa oposição instintiva fosse feita em relação aos erros, seria louvável, porém se atrever a opor-se às maiores façanhas é a maior monstruosidade.

Que abomine Vespasiano e apague as marcas deixadas por Vitélio e os demais monstros seus predecessores, isso seria restaurar o império e reparar as virtudes.

Mas que Adriano condene os feitos nobres de Trajano, que foi o melhor imperador que exaltou Roma, e chegue ao extremo de discordar, que diminua os limites do império para diminuir-lhe a fama, derrubando a famosa ponte do Danúbio para derrubar também sua memória, isso não é competição, é atrocidade.

Geralmente aprová-lo em sua totalidade é ignorância, mas também reprová-lo em sua totalidade é malícia. Pois, porque no passado seu sucessor foi guerreiro então ele há de ser necessariamente pacífico, e isto não pelas circunstâncias, mas por oposição *a priori*, não é regra da política.

El mal es que, en lo bueno y en lo heroico, tienen algunos por imperfección la imitación; mas en el vicio se compiten a porfía, vanse encadenando los príncipes inglorios; pero los heroicos son raros y singulares. A un delicioso Tiberio sucede un detestable Caligula; a este, Claudio incapaz; a Claudio, el perverso Nerón; de suerte que van en tropa encadenándose los malos; pero a un Augusto, a un Trajano, a un Teodosio, luego los pierden de vista, no hay quien prosiga en imitarlos.

Sorteó Fernando monarquía augusta: recíproca felicidad de parte del príncipe casar con monarquía igual a su capacidad y valor; de parte de la monarquía, alcanzar esposo igual a su grandeza y poder.

A una pequeña planta, cualquier pequeño vaso le es campo espacioso; un árbol gigante, una empinada palma, un descollado cedro, hállase violentado en la vasija estrecha; no puede espaciarse, no puede campear.

Si un Carlos Manuel de Saboya hubiera sorteado un imperio tan grande como su generoso espíritu, hubiera dejado atrás al mismo César; violentóse a la pequeñez de un corto estado; y, de un sol que podía ser, se malogró a una pequeña estrella.

Insufrible tormento es de un ánimo heroico ver que no alcanzan las fuerzas de su reino a las de su valor; y gran dicha, no tener que invidiar la ajena monarquía.

Codició talvez Enrico Cuarto de Francia el valor de los españoles.

O mal é que naquilo que é bom e heróico alguns são incapazes de imitar, mas no vício disputam com teimosia. Vão-se encadeando os príncipes inglórios, mas os heróicos são raros e únicos. Ao encantador Tibério sucede o detestável Calígula, e este sucedido por Cláudio, o Incapaz, a Cláudio sucedeu o perverso Nero, de forma que os maus se encadeiam em tropa, mas a um Augusto, a um Trajano, a um Teodósio, logo são perdidos de vista, e não há quem consiga imitá-los.

A sorte deu a Fernando um majestoso reinado. Felicidade recíproca; por parte do príncipe casar com uma monarquia do mesmo nível de sua capacidade e valor; por parte da monarquia de alcançar um esposo no mesmo nível de sua grandeza e poder.

Para uma pequena planta qualquer pequeno vaso é um campo espaçoso. Uma árvore frondosa, uma palmeira alta ou um cedro eminente encontram-se violentados se colocados numa pequena vasilha, pois não podem crescer e nem brotar.

Se um Carlos Emanuel de Saboia¹¹ tivesse tido a sorte de governar um império tão grande quanto seu generoso espírito, teria deixado para trás até mesmo César. Ele foi limitado pela insignificância de governar um Estado pequeno e, de um sol que poderia ter sido, mal passou de uma pequena estrela.

É um tormento insuportável para aquele que tem um ímpeto heróico ver que seu reino não alcança o seu valor. E uma grande felicidade não ter que invejar o reino alheio.

Talvez Henrique IV da França tenha cobiçado a coragem dos espanhóis.

Por lo contrario, es grande infelicidad de una monarquía no tener esposo igual a su calidad, y poder. Desestímale por incapaz a Vladislao Segundo, Polonia; aborrécelo por vicioso a Favila, España; y a un rey desacreditado, ni sus vasallos le acuden, ni los contrarios le temen. Las grandes y dificultosas monarquías piden príncipes grandes en la capacidad y en el valor y el de prendas grandes campea más en la monarquía grande. Nada le debió a César el valeroso Carlos de Borgoña, y nada debió a Octaviano el grande Cosme de Florencia, que, si fueron más celebrados aquellos, no fue por ser mayores hombres, sino por ser mayores príncipes.

Cuando el monarca no es igual a la monarquía por defecto de la edad, aunque fue siempre peligroso y principio de su ruina, como en Arcadio, con todo eso lleva lo mejor, que se mantiene con la esperanza; pero cuando por naturaleza Alejo Cuarto el Griego no lo es, da en desesperación.

Grande suerte es la recíproca igualdad, y como un linaje de casamiento, que depende de lo alto. Y, cuando no la hubiere, vale más que peque por exceder el rey a la monarquía, que no al contrario; pero el príncipe guárdese entonces de mostrar desestimación, que a César le costó la vida.

Parecióronle a Fernando estrechos sus hereditarios reinos de Aragón, para sus dilatados deseos; y así anheló siempre a la grandeza y anchura de Castilla, y de allí a la monarquía de toda España, y aun a la universal de entrambos mundos.

Reinó en creciente de imperio, que ayuda mucho a la plausibilidad de un monarca; depende mucho la grandeza o la pequeñez de un rey del estado de la monarquía, que va mucho del reinar en su creciente, al reinar en su menguante.

La juventud lozana y vigorosa engendra hijos robustos y esforzados; pero la vejez, destituida de sus antiguas fuerzas, falta del calor nativo y cercada de achaques, produce hijos débiles y flacos.

Por outro lado, é uma grande infelicidade para um reino não ter um governante à altura de sua qualidade e poder. Menosprezam Vladislau II da Polônia por sua incapacidade. Odeiam Fávila da Espanha por ser corrompido. E um rei desacreditado nem seus vassalos o ajudam nem seus oponentes o temem. Os reinos grandes e complexos precisam de príncipes com grandes capacidades e valentia, e aquele com grandes qualidades desponta nos maiores reinos. O corajoso Carlos de Borgonha não deveu nada a César, e também não deveu nada a Otaviano o grande Cosme de Florença, que, se foram mais celebrados aqueles, não foi por serem maiores homens, mas por terem sido maiores príncipes.

Quando há uma diferença de idade entre o monarca e sua monarquia, ainda que sempre tenha sido perigoso, e princípio de ruínas, como em Arcádio, ainda se sai melhor, pois se mantém pela esperança, mas é desesperador quando a diferença se dá pela natureza, como foi em Aleixo IV, o Grego.

A igualdade recíproca é uma grande sorte, e depende dos céus, como numa linhagem de casamento. E, quando não houver, é preferível que se peque pelo excesso do rei sobre sua monarquia, do que pelo contrário, mas o príncipe deve então ter cuidado para não mostrar menosprezo, pois a Cesar lhe custou a vida.

Pareceram diminutos a Fernando seus hereditários reinos de Aragão frente aos seus dilatados desejos, e assim ansiou sempre a grandeza e amplitude do reino de Castela, e a partir dali o reino de toda a Espanha, e ainda o universal de ambos os mundos.

Reinou em um período de crescimento do império, o que ajuda muito na aceitação de um monarca. A grandeza ou a pequenez de um rei depende muito da situação de sua monarquia, isso vai muito de reinar em seu crescimento ou em seu declínio.

A juventude vivaz e vigorosa concebe filhos robustos e esforçados. Mas a velhice, destituída de suas antigas forças, desprovida do seu calor originário e cercada por seus defeitos, produz filhos deficientes e fracos.

Fueron comúnmente en todas las monarquías insignes reyes los primeros, porque todo les ayudaba a la virtud; un valeroso Rómulo, un Numa feliz, un belicoso Hostilio, un integérrimo Anco, un sagaz Prisco y un político Servio fueron las primicias de la monarquía romana. Duró más la excelencia en sus reyes que en sus emperadores; porque aquellos eran hijos de su gallarda juventud, estos de su cansada vejez; aquellos vencían, estos triunfaban.

Florecen en los principios el cuidado y el valor, entra después la confianza, síguela la flojedad y rematan con todo las delicias.

Iban sucediendo los esclarecidos reyes francos en su florida monarquía, con empeños de toda virtud, después del ínclito Clodoveo. La fama fresca de Childeberto solicitaba a los Clotarios, y la destos a Dagoberto; mas poco a poco fue descaeciendo el valor, hasta amenazar ruina en el delicioso Childerico. Destas cenizas muertas renació en Carlos Martel. Volvió en sí el valor gálico en Pipino, y llegó a su mayor pujanza en Carlo Magno; pero, ¡oh inestabilidad de las cosas humanas!. viose segunda vez a pique en Carlos, llamado el Simple, y más en Carlos el Inepto. Aquí se declaró la especial Divina Providencia por este cristianísimo reino, pues proveyó de Hugon Capeta, que restauró para muchos siglos la monarquía, continuándose su felicidad en tantos famosos reyes, unos santos, otros valerosos y otros sabios. Emulo de tantas glorias, Luis Decimo-tercio, restaurador invicto de las Galias, ha desterrado de toda Francia la herejía, y se confiesa que ha de ahuyentar de todo el mundo la infidelidad, que quien comenzó persiguiendo los herejes debe acabar contrastando los mahometanos.

Dura por algún tiempo aquel primer calor nativo con que se formó el político cuerpo de un imperio; permanece aquella substancia radical del poder, de la prudencia, y del valor. ¿Quién pudo detener el ímpetu con que arrancó la felicidad otomana, creciendo siempre desde otomán, su primer príncipe, hasta el afortunado Solimán? Descació ya en el segundo Selim, contrastada de un Pontífice santo, resistida de un monarca católico. Creció con las discordias de los príncipes cristianos y con las mismas se conserva; pudo una breve Santa Liga enfrenarla vitoriosa, cuanto más acabarla descaecida.

Em todas as monarquias foram comumente notórios os primeiros reis, pois a virtude lhes ajudava em tudo. Um corajoso Rômulo, um pacífico Numa, um belicoso Hostílio, um íntegro Anco, um sagaz Prisco e um político Sérvio¹² foram as primícias da monarquia romana. A excelência perdurou mais em seus reis do que em seus imperadores, pois aqueles eram filhos de sua distinta juventude, estes de sua cansada velhice. Aqueles venciam, estes triunfavam.

Florescem nos princípios o cuidado e a coragem, posteriormente entra a confiança, e em seguida vem a fraqueza e os prazeres e acabam com tudo.

Depois do célebre Clóvis os esclarecidos reis franceses foram sendo sucedidos em sua florida monarquia¹³ com a garantia de todas as virtudes. A fama recente de Quildeberto solicitava de Clotário, e a deste solicitava de Dagoberto. Mas pouco a pouco foi diminuindo o valor, até ameaçar levar à ruína o prazeroso Quilderico. Carlos Martel renasceu destas cinzas mortas. Com Pepino o valor gaulês foi retomado e chegou à sua maior pujança com Carlos Magno, mas – ó instabilidade das coisas humanas! - viu-se pela segunda vez correndo risco em Carlos, chamado de Simples, e mais tarde em Carlos, o Inábil. Aqui se declarou a especial Divina Providência por este reino cristão, pois proveu Hugo Capeto, que restaurou para muitos séculos a monarquia, continuando-se sua felicidade em tantos famosos reis, uns santos, outros corajosos e outros sábios. Conquistador de tantas glórias, Luís XIII, restaurador invicto das Gálias, expulsou de toda a França a heresia, e se confessa que ele há de afugentar de todo o mundo a infidelidade, assim quem começou perseguindo os hereges deve acabar enfrentando os maometanos.

Dura por algum tempo aquela primeira chama natural com que formou o corpo político de um império. Permanece aquela substância primordial do poder, da prudência e do valor. Quem pôde deter o ímpeto com que avançou a felicidade otomana, crescendo sempre desde seu primeiro príncipe até o afortunado Solimão? Desapareceu já em Selim II contrastada por um Pontífice santo¹⁴ e resistida por um monarca católico¹⁵. Cresceu com a discórdia dos príncipes cristãos e com as mesmas permanece. Uma breve atuação da Santa Liga¹⁶ pôde contê-la enquanto ainda era vitoriosa, quanto mais derrotá-la quando já estava arruinada.

Es la Providencia suma autora de los imperios, que no la ciega vulgar fortuna. Ella los forma y los deshace, los levanta y los humilla por sus secretos y altísimos fines; los fieles para centro de su gloria, los infieles para emulación de aquellos y castigo, resplandeciendo siempre en unos y otros la armonía prodigiosa de su saber y poder.

Fue siempre gran ventaja suceder a la corona fragante, como Jerjes a las cidaris, y empuñar el cetro floreciente, como Dagoberto el de los lilios.

Suma infelicidad de un príncipe llegar a la monarquía ya postrada, caído el valor, valida la ociosidad, desterrada la virtud, entronizado el vicio, las fuerzas apuradas, la reputación falida, la dicha alterada, todo envejecido, y, como casa vieja, amenazando por instancias la total ruina, si no es que la ocasión esté aguardando el caudal de un Vespasiano, de un Claudio Segundo que la restauren, el valor de un Pipino y de un Hugon Capeta que la renueven, que las ocasiones que a los grandes hombres los encumbran, a lo enanos son tropiezo que los despeñan. Lo ordinario es adolecer el príncipe de lo mismos achaques de la monarquía, que antes se le pegará el letargo al sano que la salud al enfermo. En este misero estado estaba España cuando entró a reinar en ella el desdichado Rodrigo, príncipe de más que medianas prendas, mas entró en el reino como en un golfo de vicios y delicias, acabado ya el antiguo valor godo de sus Alaricos, Ataúlfos, Sisebutos, Recaredos, Sisenandos, Suintilas y Bambas. Todo estaba arruinado, hasta las materiales defensas, minadas las costumbres por la torpeza y desidia de Vítisa.

Es grande la fuerza del deleite, grande la violencia del vicio, y, aunque un príncipe, un Magno el Segundo de Suecia, sea de generoso natural, un Nerón de heroica educación, les contrastan las delicias, y poco a poco vienen a enviciarlos y a perderlos.

A Providência é a suma autora dos impérios, pois não a cega a sorte vulgar. Ela os forma e os desfaz, os levanta e os humilha por seus secretos e altíssimos fins: os fiéis para centro de sua glória, os infiéis por inveja e castigo daqueles, resplandecendo sempre em uns e em outros a maravilhosa harmonia de seu saber e poder.

Suceder uma coroa resplandecente sempre foi uma grande vantagem, como Xerxes a cidaris¹⁷, e empunhar o cetro florescente, como Dagoberto o dos lírios.

Suma infelicidade de um príncipe chegar à monarquia já prostrada, com seu valor decaído, onde se privilegia o ócio, onde a virtude foi banida, o vício enaltecido, as forças se esgotaram, a reputação acabou, a sorte mudou de lado e que esteja toda envelhecida, e, como uma casa antiga, ameaçada de desmoronar a qualquer momento, a não ser que a ocasião esteja aguardando a abundância de um Vespasiano, ou esperando que um Cláudio II a restaure, ou mesmo que a coragem de um Pepino e um Hugo Capeto a renovem, assim as ocasiões que aos grandes homens não se revelam aos pequenos são tropeços que os fazem cair. O comum é que os príncipes adoeçam das mesmas doenças da monarquia, pois é mais fácil levar o são à letargia do que a saúde ao enfermo. A Espanha estava nesta mísera condição quando o desafortunado Rodrigo veio a reiná-la, príncipe de mais que medianas qualidades, mas quando chegou no reino encontrou um mar de vícios e prazeres, já exaurido a antiga coragem dos godos Alaricos, Ataúlfos, Sisebutos, Recaredos, Sisenandos, Suíntilas e Bambas. Tudo estava arruinado, até mesmo as defesas materiais, minando a cultura daquele povo pela torpeza e negligência de Vitiza.

É grande a força do deleite, grande a violência do vício, e, ainda que um príncipe, seja um Magno II da Suécia, generoso de nascença, seja um Nero, de heróica educação, contrastam-lhes os prazeres, e pouco a pouco vêm a entorpecê-los e a perdê-los.

Solo en Aragón faltó esta dependencia del estado de la monarquía, porque fueron extravagantes sus reyes, todos a una mano esclarecidos; desde Ramiro el Primero, y aun desde García Jiménez, hasta el Católico Fernando, ninguno fue incapaz, ni delicioso, y, al contrario de otras monarquías, el último fue el mejor; creció la virtud con impulso natural en sus reyes, que es mayor en el fin que en el principio.

Depende también, y mucho, el salir un príncipe perfecto de la nación entre quien mora. Naciones hay que echan a perder sus reyes y otras que los ganan. Los deliciosos asirios pegábanles con facilidad a sus reyes sus afeminadas inclinaciones, si merecen llamarse así ocho monstros, predecesores de Sardanapalo. Pero lo lacedemonios, templados y prudentes, con el trato y con el ejemplo inclinaban sus heroicos reyes a todo género de virtud. Los persas, dados a toda manera de vicio y gastos excesivos en el comer y en el vestir, enviciaban sus reyes de suerte que no les bastaba toda el Asia para su inútil y vana suntuosidad. Al contrario los macedones: parcos y ajustados, sacaban príncipes tales, que, lo que les faltaba de fausto y ostentación, les sobraba de grandeza de ánimo.

Esta es la causa de haber habido en unas naciones reyes tan singulares, y en otras tan comunes. Cada uno de los ricos hombres de Aragón era espejo de su rey, era un ayo ejemplar de su príncipe. Nación, al fin, propia para oficina de heroicos reyes.

Tuvo Fernando grandes virtudes de hombre, y en sumo las de rey. Amontonaron prendas los que emprendieron componer un príncipe perfecto, que es fácil el disputarlas y no lo es el conseguirlas.

Tuvieron algunos grandes virtudes de hombres y grandes vicios de reyes. Religiosísimo fue Graciano, pero más para una celda que para la silla imperial. El aragonés Ramiro y el portugués Enrico eran más para el coro que para el trono.

Somente em Aragão não se dependeu da condição em que se encontrava a monarquia, porque os seus reis foram extravagantes, além do que todos foram esclarecidos. Desde Ramiro I, e ainda desde Garcia Jimenes, até o Católico Fernando, nenhum foi incapaz ou dado à luxúria, e, ao contrário de outras monarquias, o último foi o melhor. Em seus reis a virtude aumentou com um impulso natural, e foi maior no fim do que no princípio.

Que um príncipe saia perfeito também depende, e muito, da nação em que mora. Existem nações que deixam perder seus reis e outras que os ganham. Os luxuriosos assírios com facilidade tinham seus reis tomados por seus desejos pelas mulheres, se merecem serem chamados assim os oito monstros que antecederam a Sardanápalo. Mas os lacedemônios, moderados e prudentes, com o trato e o exemplo inclinavam os seus reis a todo gênero de virtudes. Os persas, dados a todas as maneiras de vícios e gastos excessivos no comer e no vestir, viciavam seus reis de tal forma que não bastava toda a Ásia para sua inútil e vã suntuosidade. Ao contrário, os macedônios eram moderados e comedidos e assim obtinham príncipes de tal forma que o que lhes faltavam de luxo e ostentação sobrava-lhes de grandeza de espírito.

Esta é a causa de ter havido em algumas nações reis tão singulares e em outras reis tão comuns. Cada um dos homens ricos de Aragão era espelho de seu rei, eram guias de seu príncipe. Uma nação, portanto, adequada para produção de reis heróicos.

Fernando teve grandes virtudes de homem, e ainda mais intensamente virtudes de rei. Amontoaram qualidades os que empreenderam em ser um príncipe perfeito, pois é mais fácil disputá-las do que consegui-las.

Alguns tiveram grandes virtudes de homens, porém com grandes vícios de reis. Graciano foi muito religioso, porém mais para uma cela monástica do que para a cadeira imperial. O aragonês Ramiro e o português Enrico eram mais para o coro do que para o trono.

Al contrario, otros tuvieron grandes virtudes del rey y grandes vicios del hombre; en Alejandro y César compitieron a extremos. El batallador don Jaime tuvo algunos descuidos de hombre, y heroicos desvelos de rey; de diez años, empuñó el cetro con valor de treinta, con madurez de ciento.

Las prendas reales son sublimes y de orden superior; llenaron grandes vacíos de otras en el rey don Dionis de Portugal. Será siempre celebrado Enrico Cuarto de Francia, porque fue insigne en la parte de rey.

Las virtudes del oficio tenía el Magnánimo de los Alfonsos por las primeras en la solicitud, así como en el aprecio. ¿Qué importa que sea el otro Alfonso gran matemático, si aún no es mediano político? Presumió corregir la fábrica del Universo el que estuvo a pique de perder su reino.

Los elementos, aunque tienen las demás calidades en una medicina, pero las propias en sumo; y aunque sea positivo en todo lo demás, el godo Bamba se disimula, porque es rey superlativo. Con solo esto desmintieron mucha barbaridad los Otomanos; hablo de los primeros, menos y más que hombres, por lo inculto y por lo valeroso.

Limitada perfección cualquiera destas, que un príncipe cabal, un Otón emperador, un Clodoveo francés, un Fernando Tercero de Castilla, de entrambas se compone; y no sin providencia ni sin ejemplo, la sabia naturaleza depositó todas las facultades de la vida en la cabeza.

No excluían las prendas de rey, en el grande emperador Rodolfo el Primero, a las del hombre, antes se favorecían. Evidente fundamento, porque entre solos los príncipes cristianos ha habido algunos perfectísimos, y que den condenados los dos impíos políticos por ciegos a mudos.

Ao contrário, outros tiveram grandes virtudes de rei e grandes vícios de homens. Alexandre e César competiram ao limite. O batalhador Dom Jaime teve alguns descuidos de homem e heróicos trabalhos de rei. Com dez anos empunhou o cetro com uma coragem de trinta e maturidade de cem.

As qualidades reais são sublimes e de ordem superior. Preencheram grandes vazios de outras no rei Dom Dinis de Portugal. Será sempre celebrado Henrique IV da França porque foi exímio na parte de rei.

O “Magnânimo” dos Afonsos tinha as virtudes para o exercício da função como prioridade, e com muito apreço. Que importa que seja o outro Afonso¹⁸ um grande matemático, se ainda não é um político mediano? Teve a presunção de corrigir a fábrica do Universo aquele que estava a ponto de perder seu reino.

Os elementos, embora tenham diversas qualidades num medicamento, possuem suas qualidades intrínsecas. Ainda que seja confiante em tudo, o godo Bamba se dissimula, porque é um rei superlativo. Somente com isso os Otomanos negaram muitas barbaridades. Falo dos primeiros como sendo menos, e também mais que homens devido ao fato de serem incultos e valentes.

Quaisquer destas virtudes são limitadas, pois mesmo um príncipe completo possui ambas, como um imperador Otão, um Clóvis, o francês, ou um Fernando III de Castela. E não sem providência, nem sem exemplo, que a sábia natureza depositou todas as faculdades da vida na cabeça.

As qualidades de homem não limitavam as de rei no grande imperador Rodolfo I, mas sim as favorecia. Motivo evidente, pois somente entre os príncipes cristãos havia alguns perfeitos, e foram condenados a cegos e mudos os dois políticos ímpios¹⁹.

El mejor de los gentiles fue Trajano, tan insigne, que parece lo invidiaron los católicos al gentilismo, y muchos padres de la Iglesia, si no con la realidad, lo redimieron de la última infelicidad con el afecto. Pero ¿qué tiene que ver con el católico Teodosio? Igualóle este en lo excelente de las virtudes y excedióle en la pluralidad. Solicitaba Trajano las honras, y Teodosio los méritos; aquel los triunfos, este las vitorias. Ganóle en la templanza del ánimo y del cuerpo, hijo al fin de aquel gran arzobispo de Milán, acostumbrado a engendrar para la Iglesia hijos gigantes en el uno y en el otro estado.

Fueron consumados Enrico entre emperadores y Luis entre reyes, en desempeño de que no se embaraza lo santo con lo real.

Opuesta infelicidad, ni tener prendas de la persona, ni realces del empleo. Fueron príncipes muchos para solo acrecentar el número. Uno de ellos fue Claudio, de quien dijo Séneca que nadie supo que había dejado de ser, porque nadie supo que había comenzado a ser. Viviendo Carlos el Simple, o Incapaz, en Francia, pasaba ya plaza de muerto. Y pudiendo Amurates y Mahometo, entrambos terceros, ser fácilmente hijos del algo, y aun del mucho, fijaron su felicidad en la nada.

Pero aún es este tolerable extremo; mayores monstrosidades hay: llenar un príncipe el vacío de las virtudes de abominables vicios, es rematar con todo. Execrable portento fue Nerón, anfibio entre hombre y entre fiera; los seis primeros años, compitió con el mejor príncipe, y los seis últimos, con el peor. Previno el Cielo un oráculo de prudencia para maestro de un monstruo de maldad; mas poco aprovechó la enseñanza donde repugnó la naturaleza. ¡Y cuál hubiera sido, a no haber tenido un Séneca por Quirón!.

Sacóle de la infamia Heliogábalo, aquel que aun de bruto degeneró, y de quien la misma memoria se afrenta. Tuvieron entrambos abominables vicios de hombres y de reyes; pecaron a entrambas manos.

Son eternos los yerros de los príncipes, nacen comúnmente en lo más oculto de sus palacios, y luego vuelan a las plazas. Erraron en un instante para siempre, y la momentánea inadvertencia suya queda condenada a la perenne noticia de todos los venideros.

Trajano foi o melhor dos gentios. Tão renomado que parece que os católicos invejavam seu paganismo, e muitos padres da Igreja, se não com a realidade, o redimiram da última infelicidade no afeto. Mas, o que ele tem a ver com o católico Teodósio? Igualou-se a esse na excelência das virtudes e o superou na pluralidade. Trajano reivindicava as honras enquanto Teodósio reivindicava os méritos, aquele os triunfos²⁰, este as vitórias. Venceu-lhe na temperança do espírito e do corpo, filho por fim daquele grande arcebispo de Milão²¹, acostumado a gerar para a igreja filhos gigantes em um ou outro estado.

Henrique foi consumado entre os imperadores e Luis entre os reis, em cumprimento de que não se confunda o santo com o régio.

Desfavorável infelicidade, nem ter qualidades na pessoa, nem destaque no ofício. Muitos foram os príncipes que só serviram para fazer número. Um deles foi Cláudio, de quem Sêneca disse que ninguém soube que havia deixado o cargo porque ninguém soube que ele havia assumido. Vivendo na França, Carlos o Simples, o Incapaz, passava-se por morto. E podendo Murade III e Maomé III terem facilmente sido filhos da nobreza, acabaram alicerçando sua felicidade no nada.

Mas esse extremo ainda é tolerável. Existem monstruosidades maiores, como, por exemplo, preencher com abomináveis vícios o vazio deixado pela ausência de virtudes de um príncipe, isso sim destrói tudo. Nero foi fenômeno do mal, vivia como homem e como fera. Nos seis primeiros anos competiu para ser o melhor príncipe, mas nos seis últimos competiu para ser o pior. O Céu proveu um oráculo da prudência²² para ser conselheiro de um monstro de maldades. Porém ele pouco aproveitou dos ensinamentos, pois foram rejeitados por sua natureza. E o que teria acontecido se ao invés de ter sido discípulo de Sêneca fosse de Quíron²³!

Heliogábalo tirou-o da infâmia, aquele cuja crueldade lhe degenerou, e de quem se tem a mesma péssima recordação. Ambos tiveram vícios abomináveis de homens e de reis, pecaram em ambos aspectos.

Os erros dos príncipes são eternos. Eles normalmente nascem ocultos nos palácios, mas rapidamente chegam às praças. Erram por um instante e isso fica para sempre, e sua imprudência momentânea fica condenada a ser notícia para a posteridade.

Poco es menester que falte para ser un ente imperfecto, y todo es menester que sobre para ser perfecto, y más cuando entre los órdenes de las cosas es de más noble categoría, como lo es un rey.

Las virtudes o los vicios del oficio son muy visibles, y por eso más notables. Llámense los yerros por antonomasia, cargos; porque los de la obligación son los que menos se disimulan.

Exageraron en Fernando algunos ligeros achaques los extranjeros, como interesados, y como si en él fueran culpables, porque prevaleció, los que en sus príncipes excusables, porque le cedieron. Si faltó, no fue por faltar, sino por contemporizar efectos de la ocasión, no del vicio; llevábalos el tiempo. Arguye contradicción que los extranjeros le atribuyan todo lo malo y los españoles le nieguen todo lo bueno; aquellos le acumulan las culpas, estos le usurpan los aciertos.

Notáronle también los propios algunas faltas, que no demasías. Lo cierto es que, lo que en el un reino parecía extremo, en el otro un medio muy ajustado. Templó con su moderación la prodigalidad de dos reyes sus predecesores; y, si fue templado para con los otros, mucho más para consigo: será siempre plausible su manga de terciopelo y el jubón de raso de su Católica Reina. No quiso retratarse en las mercedes, como el rey don Dionis de Portugal, ni que se las retractasen sus sucesores, como a Juan emperador, y a otros.

Fue universal en talentos, y singular en el de gobernar. Gran caudillo, gran consejero de sí mismo, gran juez, gran ecónomo, hasta gran prelado, pero máximo rey.

É preciso que falte muito pouco para que algo seja imperfeito, e é preciso que tudo haja de sobra para que algo seja perfeito, ainda mais quando as necessidades são de tal ordem que estejam numa categoria mais nobre, como é o caso de ser um rei.

As virtudes ou os vícios do ofício são muito transparentes e por isso são mais notados. Por antonomásia, os erros recebem o nome dos cargos, porque aqueles que tem a obrigação são os que menos conseguem disfarçar.

Os estrangeiros exageraram alguns pequenos defeitos de Fernando, porque isso os interessa, e nele eram culpáveis, pois seus príncipes eram perdoados apenas porque decidiram ceder a eles. Se errou, não foi apenas por errar, mas sim por contemporizar efeitos da ocasião, não do vício, e foram levados pelo tempo. Questiona-se a contradição existente no fato de que os estrangeiros atribuem-lhe todo o mal e os espanhóis negam-lhe todo o bem, aqueles aumentam suas culpas enquanto estes lhe diminuem seus acertos.

Os seus também notaram algumas faltas, mas não excessos. O certo é que o que em um reino parecia extremo em outro parecia um meio termo adequado. Amenizou com sua moderação a grandiosidade de dois reis que o precederam²⁴. E, se foi moderado com os outros, o foi muito mais consigo mesmo. Será sempre bem vinda sua manga de veludo e o gibão de cetim de sua Rainha Católica. Não quis se retratar nas mercês, como o rei Dom Dinis de Portugal, nem que seus sucessores as retratassem, como fez o imperador João e outros.

Foi universal em talentos e singular no ato de governar. Grande líder, grande conselheiro de si mesmo, grande juiz, grande economista e até mesmo grande prelado, mas o máximo como rei.

No tienen algunos por gran príncipe sino al que fue gran caudillo, gran batallador, estrechando el empleo universal de un monarca al especial de un capitán, confundiendo el del superior con el de un inferior. La eminencia real no está en el pelear sino en el gobernar. Gran prenda del gran Filipo Cuarto, que, aunque universal en eminencias, de juicio máximo, de ingenio relevante, de valor heroico, se ha extremado en el gobierno, violentándose, y como hurtándose a la natural belicosa inclinación, juzgando esta por el ápice de las reales prendas y blasón propio de un perfecto rey.

Excelente capitán fue Aureliano, pero no excelente emperador. Insigne batallador fue Carlos el de Borgoña, pero no fue insigne gobernador. Conociólo en sí mismo el tirano Saturnino, al ponerle la violenta corona. "Hoy, dijo comilitones, habéis perdido un buen capitán y habéis hecho un mal príncipe, que no cualquiera es apto para todo." Heroica prenda es el militar valor de un rey; álzase con la plausibilidad. Consiguieron la inmortal reputación el cristiano don Jaime y el turco Mahometo, por lo guerrero y afortunado; pero, bien examinado al político rigor, el oficio de un rey no es ser capitán, que a mucho más se extiende. Es universal la obligación, abarca muchas eminencias. De un consumado rey, de un príncipe perfecto, de un Trajano, de un Carlo Magno, de un don Fernando el Católico, se pudieran hacer cien hombres famosos si se hubieran de repartir sus atributos, si se hubieran de dividir sus prendas.

Todos los empleos que tenía repartidos la gran República romana en tantos selectos varones, cónsules, dictadores, tribunos, censores y prefectos, se vinieron a unir en solo un César, que todo lo ha de ser un príncipe, por obligación y con eminencia.

Nunca se ha de entregar todo a un solo empleo, que será hurtarse a los demás; y de tal suerte se dejaba llevar de la velocidad el gran Luis de Francia, que no perdía de vista la justicia, la religión, el gobierno, la economía, y las demás obligaciones reales.

Alguns não reconhecem como um grande príncipe aquele que não seja um grande caudilho e um grande guerreiro, limitando a posição universal de um monarca à de um capitão, confundido aquilo que é do superior com o de um inferior. A eminência real não está no guerrear, mas sim no ato de governar. Grande qualidade do grande Filipe IV, que, mesmo que fosse universal em eminências, de pleno juízo, de notória engenhosidade, de bravura heróica, extrapolou em seu governo sendo violento consigo mesmo, como se estivesse evitando sua natural inclinação para a guerra, julgando esta como o ápice das qualidades reais e o próprio brasão de um rei perfeito.

Aureliano foi um excelente capitão, mas não foi um excelente imperador. Carlos de Borgonha foi um destacado combatente, mas não se destacou como governante. Saturnino conheceu a si mesmo assim que colocou a violenta coroa. “Hoje, disse o companheiro, você perdeu um bom capitão e fez um mal príncipe, pois não é qualquer um que é apto para todas as coisas.” Qualidade heróica é a coragem militar de um rei, que aumenta sua aceitação. O cristão Jaime e o turco Maomé conseguiram imortalizar sua reputação por suas atuações como guerreiros e por serem afortunados. Porém, analisando com rigor político, o ofício de um rei não é ser capitão, mas é muito mais do que isso. Sua obrigação é universal abarcando várias atividades nobres. Poder-se-ia fazer cem homens famosos caso se repartissem os atributos ou se dividissem as qualidades de um rei consumado, ou de um príncipe perfeito, como um Trajano, como um Carlo Magno ou um Fernando, o Católico.

Todas as funções que estavam espalhadas pela grande República romana em tantos selecionados varões, cônsules, ditadores, oradores, censuradores, e prefeitos, vieram a se unir em um só Cesar, que tem tudo de um príncipe, por obrigação e com proeminência.

Nunca se deve dedicar integralmente a uma só função, pois estará se furtando às demais. Dessa forma, o grande Luis de França²⁵ se deixava levar com presteza, e não perdia de vista a justiça, a religião, o governo, a economia e as demais obrigações reais.

Guerreando en una provincia Carlo Magno, atendía a la paz, al aumento y a la felicidad de las demás. Peleando en la Germania, instituía la célebre Universidad de París y el gran Parlamento de Francia.

Fueron muchos guerreros de corazón, pero destruyeron más sus reinos que los contrarios; hiciéronse primero la guerra a sí mismos, empobreciendo sus estados de oro y gente, que es la mayor y principal riqueza.

En esto fue sagacísimo Fernando, pues llenó a España de triunfos y de riquezas. Peleando en un reino, triunfaba en los demás. Enriqueció a España temporal y espiritualmente. Adelantó la milicia y la justicia, aquella con ejércitos, esta con tribunales.

Gobernó siempre a la ocasión, el aforismo máximo de su política. Corresponder el genio del príncipe al estado de la monarquía es suerte; violentarse o templarse con él, prudencia. Tiene lo primero la ventaja de connatural, y con la facilidad asegura la duración; merece lo segundo la gloria de la industria.

Pero el ajustar el príncipe su inclinación a la disposición de la monarquía es preciso, o por naturaleza o por arte.

En un tiempo se desea un príncipe guerrero, y en otro un pacífico; la infelicidad está en trocarse las veces, en encontrarse las contingencias.

Cúpole a Francia un sosegado Quílderico cuando se deseó un Marte por rey; y al contrario, un belicoso Francisco cuando su reino y toda la cristiandad florecieran con su quietud.

Hubieran sido muchos reyes hijos de la fama a haberlo sido de la sazón que da el punto a las acciones, y más a las reales.

Vino a la monarquía, a cosa hecha, el portugués Sebastián; no halló ya empleo connatural su generoso espíritu; buscólo violento, que, a venir algunos siglos antes, él fuera otro César, y Lisboa otra Roma. ¡Oh príncipe digno de mejor tiempo!

Enquanto Carlos Magno guerreava em uma província, ele buscava a paz, o crescimento e a felicidade nas demais. Enquanto lutava na Germânia instituiu a célebre Universidade de Paris e o grande Parlamento Francês.

Muitos foram guerreiros de coração, mas destruíram mais seus reinos que os que não eram. Primeiro fizeram guerra contra si mesmos, empobrecendo suas reservas de ouro e de gente, que é a principal e maior riqueza.

Fernando foi extremamente sagaz nisso, pois encheu a Espanha de triunfos e de riquezas. Lutando em um reino triunfava nos demais. Enriqueceu a Espanha temporal e espiritualmente. Melhorou as forças militares com exércitos e a justiça com tribunais.

Governou sempre em consonância com a ocasião, o aforismo máximo de sua política. O gênio do príncipe corresponder à situação da monarquia é sorte, mas ser impetuoso ou moderado de acordo com ela é prudência. O primeiro tem a vantagem de ser instintivo, e por isso assegurar com facilidade que perdure, já o segundo merece glórias pela sagacidade.

Mas é preciso o príncipe adequar suas inclinações à disposição da monarquia, seja por natureza ou por arte.

Em um tempo deseja-se um príncipe guerreiro, mas em outro deseja-se um pacífico. A infelicidade está em às vezes trocar devido às contingências.

Restou à França um sossegado Quílderico quando na verdade se desejava como rei um Marte. Ao contrário, restou-lhes um belicoso Francisco quando seu reino e toda cristandade floresciam em quietude.

Muitos reis teriam sido filhos da fama se tivessem sido filhos da ocasião que determina o momento certo de agir, e ainda mais às ações régias.

O português Sebastião veio à monarquia de propósito. Seu generoso espírito não achou função mais inata. Foi fortemente escolhido, e se tivesse vindo alguns séculos antes teria sido outro César, e Lisboa teria sido outra Roma. Ó príncipe merecedor de melhor tempo!

Este es el fundamento de la grandeza a que llegó la monarquía otomana, que, en su pujante creciente, sorteó príncipe ajustados al estado, nacidos a la ocasión, con emulación y valor continuado. A un conquistador Mahometo sucedió un Bayaceto afortunado; a este, el valeroso Selim; y a Selim, un astuto Solimán; sin dar lugar, entre tanta variación de cetros, ni a mudarse la fortuna, declarada en su favor, ni a entibiarse el valor militar, acreditado.

Que cuando las armas van con calor, la reputación de aplauso, la braveza militar en su fervor, la fortuna favorable, suceder un príncipe remiso o incapaz, es resfriarlo todo.

Sacudieron con tanta presteza los aragoneses el vergonzoso yugo africano, por el continuado valor de sus famosos reyes, y pudieron ir a ayudar a sus vecinos, y aun a acabar de echar de toda España la morisma. Ibanse heredando estos príncipes, no tanto en los estados, que eran estrechos, cuanto en el valor y la capacidad, que eran para un mundo entero.

Muere el rey don Sancho la muerte de los héroes, en el más apretado trance, teniendo por una parte cercada una incontrastable ciudad, llave de sus reinos, puerta de sus cristianas conquistas, y aguardando por otra en su socorro un ejército de reyes. Mas sucédele el invicto don Pedro su hijo, príncipe de ocasión, que, no solo suplió, sino que mejoró la pérdida de su padre. Empuñó la espada en vez de cetro, sedienta de sangre infiel, y vengó bien el fatal dardo paterno; pues, por un rey muerto, segó tantas coronadas cabezas, que solas las advenedizas y auxiliares fueron cuatro.

Tienen los imperios sus crecientes, y sus llenos crecen con el valor en sumo, conservanse con una medianía, la que basta para no declinar, aunque más monarquías perecieron por falta de valor que por exceso.

Reinos hay, provincias hay, que piden en propiedad príncipes guerreros, como la belicosa Francia; otros, al contrario, pacíficos, como Inglaterra; aunque por accidentes pueden variarse las conveniencias.

Este é o fundamento da grandeza a que chegou a monarquia otomana, que, em seu pujante crescimento, escolheu príncipes adequados às circunstâncias, nascidos da ocasião, com superação e coragem permanentes. O afortunado Bayezid sucedeu o conquistador Maomé, e a este o corajoso Selim, e a Selim o astuto Solimão, sem dar lugar, mesmo diante de tantas trocas de comando, nem às variações da sorte, declarada a seu favor, nem à diminuição da pujança militar, que foi comprovada.

Assim, quando as armas vão com calor, a reputação busca os aplausos, a bravura militar traz seu fervor e a sorte está favorável, suceder um príncipe negligente ou incapaz é resfriá-lo por completo.

Os aragoneses refutaram com tanta presteza o jugo africano, devido à contínua coragem dos seus famosos reis, que puderam ir ajudar seus vizinhos e ainda acabar de expulsar os mouros de toda a Espanha. Estes príncipes iam herdando não tanto os estados, que eram limitados, mas sim a coragem e a capacidade, que davam para um mundo inteiro.

O rei Dom Sancho²⁶ morre a morte dos heróis, na mais dura atribulação, tendo cercada por um lado a incontrastável cidade, chave dos seus reinos, porta de suas conquistas cristãs, e aguardando por outro que um exército de reis o socorresse. Mas foi sucedido por seu filho, o invicto Dom Pedro, príncipe de ocasião, que, não só supriu, mas melhorou a perda de seu pai. Ao invés do cetro empunhou a espada, sedenta de sangue dos infieis, e vingou bem a flecha que matou seu pai, pois, por um rei morto, cortou tantas cabeças coroadas que só dos intrusos e subalternos foram quatro.

Os impérios têm seus crescimentos, e pela manifestação de sua coragem seus provimentos crescem, e eles conservam-se pela mediania, pois basta ela para não declinarem, mesmo que mais monarquias tenham perecido pela falta de coragem do que pelo excesso.

Existem reinos e províncias que reivindicam príncipes guerreiros, como a belicosa França. Outros, ao contrário, como a Inglaterra, reivindicam príncipes pacíficos. Ainda que por acidentes as conveniências podem variar.

Necesitan unos de que el príncipe se decante a la justicia, y otros, que a la clemencia; y en la misma república, tras un extremo, fue bien recibido el otro. Tras un don Juan el Segundo y un don Enrique pródigos, en Castilla, sucedió oportuno un guardador Fernando, redimiendo dos veces la corona, primero de sus propios vasallos y después de los enemigos. Hizo célebre en Portugal la benignidad al rey don Manuel, después de los rigores de su predecesor don Juan; que con esta alternación y variedad de influjos se conservan mejor los imperios.

Cuando los príncipes émulos o vecinos son marciales y guerreros, un rey cebado en los entretenimientos y delicias de la paz es fatal, es peligroso, y aun desestimado. Su flojedad acrecienta el orgullo en los contrarios. y la desesperación en sus vasallos; grave infelicidad cuando el ajeno rey es codiciado.

Si no es que la política, la sagacidad y el saber suplan la falta de la pericia militar. Desta suerte el político Luis de Francia compitió con el guerrero y bravo Carlos de Borgoña, donde se vio cuanto más vale la maña que la fuerza.

Concurrió Fernando con príncipes de su genio, sagaces, atentos, y políticos. Son Eras de reyes; acontece en un tiempo ser todos marciales y guerreros, compitiéndose el valor, emulándose la fama. Coincidieron desta suerte en un tiempo el invicto Carlos Quinto en España, el belicoso Francisco en Francia, y el bravo Solimán en Turquía, todos tres grandes caudillos. Hubiérase apoderado cada uno dellos del mundo todo a no haber tenido tales antagonistas: quebrantáronse recíprocamente el poder, y enfrenáronse el esfuerzo.

Otras veces, todos son justos, píos, religiosos, y hijos del Excelso. Un Enrico emperador en Alemania, Roberto en Francia, Canuto en Inglaterra, y Boleslao en Polonia.

Uns necessitam de que o príncipe se dedique à justiça, e outros à clemência. E na mesma república, diante de uma situação extrema, o seu oposto foi bem recebido. Após um Dom João II e um Dom Henrique pródigos, em Castela, sucedeu oportunamente um poupador Fernando, redimindo duas vezes a coroa, primeiro de seus próprios vassallos e depois de seus inimigos. A benevolência fez o rei Dom Manuel célebre em Portugal, depois da austeridade de seu antecessor Dom João. Assim, com essa alternância e variedade de estímulos os impérios se conservam melhor.

Quando os príncipes adversários ou vizinhos são militares e guerreiros, um rei sustentado pelos entretenimentos e prazeres da paz é fatal e perigoso, além do que será pouco estimado. Sua frouxidão dá orgulho aos inimigos e desespero aos seus vassallos. Grave infelicidade²⁷ quando o rei alheio é cobiçado.

Se não é que a política, a sagacidade e o saber supram a falta de perícia militar. Desta forma o político Luís da França²⁸ competiu com o guerreiro e valente Carlos de Borgonha²⁹, onde se viu quanto a astúcia vale mais do que a força.

Fernando concorreu com príncipes com talentos semelhantes aos seus: sagazes, atentos e políticos. Acontece de tempos em tempos de serem todos os reis marciais e guerreiros, competindo em coragem e disputando pela fama. Dessa forma coincidiram o invicto Carlos V da Espanha, o belicoso Francisco na França e o valente Solimão na Turquia, todos três grandes caudilhos. Cada um deles teria conquistado todo o mundo se não tivessem tido tais adversários. Dividiram o poder entre eles e diminuíram a perda de esforços.

Outras vezes todos são justos, piedosos, religiosos e filhos do Excelso. Um Henrique imperador na Alemanha, Roberto na França, Canuto na Inglaterra e um Boleslau na Polônia.

Otras, deliciosos, y, por el consiguiente remisos: un Quilderico en Francia, un Rodrigo en España y un Filipico en el nombre y en los hechos en el imperio. Despiértanse unos a otros los reyes, y adormécense también, y, como los coronados pájaros domésticos, se provocan al canto o al silencio. Hasta en la crueldad se compitieron, así como en el nombre se equivocaron, los tres Pedros en España.

Contemporizo Fernando con la política de un Luis Undécimo, con la prudencia de un Primer Maximiliano, con la sagacidad de un Alejandro Sexto con la astucia de un Ludovico Moro; dioles por su comer a cada uno, y alzose al cabo con la ganancia.

Fue Era de políticos, y Fernando el catedrático de Prima. Digo, político prudente, no político astuto, que es grande la diferencia.

Vulgar agravio es de la política el confundirla con la astucia. No tienen algunos por sabio sino al engañoso, y por más sabio al que más bien supo fingir, disimular, engañar, no advirtiéndole que el castigo de los tales fue siempre perecer en el engaño.

Dos ídolos, dos oráculos de la política veneran los estadistas: a Tiberio y a Luis; encarecen sus disimulación, exageran su artificio; mas yo atribuyo esta reputación de políticos más al comento de sus dos escritores, que fueron Tácito y Comines, que al acierto de sus hechos.

Siempre tuve por inútil, y aun infeliz, toda su máquina política, pues los trajo a entrambos a términos de perder sus dos coronas: a Tiberio, por desprecio; a Luis, por aborrecimiento. Lo que no pudieron por reputación de prendas, pretendieron conseguir por la afectación; y lo que debieran por el amor de sus virtudes, intentaron por el horror de sus crueldades.

Llegó Tiberio al extremo de la desesperación; dejáronle todos con el afecto, y él mismo se condenó al destierro de una isla. Murió en vida, que es muerte intolerable; ventaja fue en Calígula y Nerón quedar muertos, para no sentir los póstumos agravios; pero Tiberio quedó muerto para la autoridad y sensible para el desprecio.

Outras vezes libertinos, e por consequência negligentes. Um Quílderico na França, um Rodrigo na Espanha e um Filipinho³⁰ no nome e nos feitos no império. Os reis despertam-se uns aos outros, e também se adormecem, e, como os coroados pássaros domésticos, provocam-se o canto ou o silêncio. Os três Pedros da Espanha³¹ se equivocaram até no nome e competiram até na crueldade.

Fernando contemporizou com a política de Luís XI, com a prudência de Maximiliano I, com a sagacidade de Alexandre VI e com a astúcia de Ludovico Moro. Deu de comer a cada um e aumentou ao fim o retorno para si.

Foi uma era de políticos, e Fernando foi o catedrático de primeira ordem. Quero dizer político prudente³² e não político astuto, o que é uma grande diferença.

O insulto mais vulgar à política é o de ser confundida com a astúcia. Alguns não entendem como sábio se não for enganador, e por mais sábio aquele que melhor soube fingir, dissimular e enganar. Só não sabem que o castigo para isso sempre foi perecer no engano.

Os estadistas veneram dois ídolos, dois oráculos da política: Tibério e Luís. Superestimam sua dissimulação e exageram sua perspicácia. Mas eu atribuo esta reputação de políticos mais aos comentários feitos pelos que escreveram sobre eles, Tácito e Comines, do que pelo acerto dos seus feitos.

Sempre achei inútil e infeliz toda sua máquina política, pois os dois chegaram perto de perder sua coroas: Tibério pelo desprezo, e Luís pelo aborrecimento. Pretenderam conseguir por dissimulação aquilo que não puderam pela reputação de suas qualidades, e o que deviam ter conseguido por amor às suas virtudes eles tentaram pelo horror das suas crueldades.

Tibério chegou ao extremo do desespero. Perdeu o afeto de todos, e ele mesmo se condenou ao exílio numa ilha. Morreu em vida, que é uma morte intolerável. Calígula e Nero levaram vantagem por estarem mortos e não sofrerem com os insultos póstumos. Tibério, porém, permaneceu morto para o poder e sensível ao desprezo.

No es saber aquel de quien degeneran los efectos. Son las obras prueba real del buen discurso. Política inútil la que se resolvió toda en fantásticas sutilezas; y, comúnmente, cuantos afectaron artificio, fueron reyes de mucha quimera y de ningún provecho.

¡Cuanto mejor político fue Luis Nono que el Undécimo, franceses entrambos, sin tanta metafísica ni máquina! Sacó el Santo Rey la conatural guerra de Francia, y echóla sobre los enemigos del Señor, con gran gloria del cristianísimo renombre; sacóla él, y volviéronla sus sucesores, sin haber vuelto a salir jamás, ya de los propios, ya de los cristianos confines, con tan poco fruto como felicidad; que, a haberla proseguido, estuviera ya olvidado en toda Europa, en Africa y en Asia el nombre de Mahoma. ¡Oh punto digno de observarse, y de lamentarse también, que esté hoy ardiendo en guerras el cristianismo y descansando todo el paganismo, bañada en sangre la Cristiandad, y en rosas la Infidelidad!

La verdadera y magistral política fue la de Fernando, segura y firme, que no se resolvía en fantásticas quimeras. Útil, pues le rindió reino por año. Honesta, pues le mereció el blasón de Católico. Conquistó reinos para Dios; coronas, para tronos de su Cruz; provincias, para campos de la Fe; y, al fin, él fue el que supo juntar la tierra con el Cielo.

Fue rey de prendas y de ocasiones, cortadas estas a la medida de aquellas. Tuvieron algunos príncipes excelentes prendas, pero faltáronles las ocasiones de emplearlas. Al contrario, otros tuvieron las ocasiones y faltáronles los talentos, que no sé cuál condene por mayor infelicidad. No las afectó Fernando, ni las violentó; su dicha le convidaba con ellas. Andan algunos a caza de ocasiones, sacando de sus quicios el universo, y al cabo los oprime su dolencia.

Su mayor prenda, y el sol de las demás, fue una prodigiosa capacidad, fundamento seguro de una real grandeza.

Não se trata de saber de quem os efeitos foram degenerados. As obras são a prova real do bom discurso. Política inútil aquela que se resolveu toda em fantásticas sutilezas. E, geralmente, aqueles que simularam perspicácia foram reis de muita fantasia e nenhum resultado.

Mesmo sem tanta teoria nem tanta prática, Luís IX foi um político muito melhor que Luís XI, ambos franceses. O Santo Rei livrou a França da guerra conatural, e lançou-a sobre os inimigos do Senhor, e com grande glória ao renome cristão. Ele a livrou, porém seus sucessores a reconduziram, sem sair novamente dos próprios limites ou dos limites cristãos, tendo tão pouco resultado como felicidade. Pois, se tivesse prosseguido o nome de Maomé, já teria sido esquecido em toda Europa, África e Ásia. Ó ponto digno de se observar, e de se lamentar também, enquanto hoje o cristianismo arde em guerras, todo o paganismo está a descansar, e enquanto a cristandade está banhada de sangue, os infiéis estão banhados de rosas.

A de Fernando foi a verdadeira e magistral política, segura e firme, que não se resolvia por meio de fantásticas ilusões. Foi útil, pois lhe rendeu reinar por anos. Foi honesta, e por isso lhe foi conferido o brasão de Católico. Conquistou reinos para Deus, coroas para os tronos de sua Cruz, províncias para os campos da Fé e, ao fim, ele foi o que soube juntar a terra com o céu.

Foi rei de qualidades e de oportunidades, estas ajustadas às medidas daquelas. Alguns príncipes tiveram excelentes qualidades, mas lhes faltaram oportunidades para aplicá-las. Ao contrário, outros tiveram as oportunidades, mas lhes faltaram os talentos, e não sei dizer qual está condenado à maior infelicidade. Fernando não as afetou nem as violentou, sua felicidade era estimulada com elas. Alguns andam a caça de oportunidades, tirando o universo do seu esquadro, e por fim acabam oprimidos por sua obsessão.

Sua maior qualidade, e o sol das demais, foi uma capacidade prodigiosa, fundamento seguro de uma real grandeza.

Será feliz el mundo, dijo Platón, y apreció Valerio, cuando comenzaren a reinar los sabios, o comenzaren ser sabios los reyes. El primario real constitutivo es una gran capacidad; y rey de mucha capacidad, rey de mucha substancia. Llamose la cabeza así no de la material cavidad, sino de comprender. Eslo el príncipe de reino: luego su mayor atributo ha de ser el abarcar, el entender.

La capacidad constituye personas; la incapacidad, monstros; aquella un César, que funda la monarquía; esta un Galieno, que la pierde; aquella alienta un Ciro a las gloriosas fatigas; esta, un Dario al ocio y al descanso; y así de la una brotan prendas en Pelayo, de la otra siniestros en Rodrigo; de la una hazañas en Rómulo, de la otra abominaciones en Tarquino.

Todos los grandes reyes eternizados en los archivos de la fama, en los inmortales catálogos del aplauso, fueron de gran caudal, que sin este no puede haber grandeza.

Nace, no se adquiere, el dado óptimo, el don perfecto, que descende del Padre de las ilustraciones. Bien que crece con la industria y se perficiona con la experiencia.

Es la capacidad el fundamento de la política, aquella gran arte de ser rey, que no hace asiento sino en los grandes juicios: en un Luis Undécimo de Francia, en un Matías Corvino de Hungría, en un Maximiliano emperador, en un Esteban Bator de Polonia, y en un Fernando de España.

Es la capacidad seno de la prudencia, sin la cual ni el empleo, ni el ejercicio, ni los anos, sacan jamás maestros. Con ella los mancebos son ancianos, y sin ella los ancianos son mancebos. Merecióle a Otón Tercero el superlativo de los renombres, digo, el ser llamado "Milagro del Mundo", porque de once años fue elegido emperador, y desempeñó bien los sufragios; suplían las canas los aciertos, y admiraron todos un siglo de madurez en dos lustros de su edad.

Platão disse, e Valério apreciou³³, que o mundo será feliz quando os sábios começarem a reinar, ou começarem os reis a serem sábios. O elemento primordial na constituição de um rei é uma notável inteligência. Assim, chamou-se a cabeça não de cavidade material, mas sim de compreensão. Esta é a princesa do reino, logo seu maior atributo tem de ser o compreender e o entender.

A inteligência constitui pessoas, a ignorância monstros; aquela produz um César, que funda uma monarquia, esta um Galiano, que a perde; aquela acalanta um Ciro diante das gloriosas fadigas, esta um Dário ao ócio e ao descanso. Dessa forma, enquanto de uma brotam qualidades em Pelágio, da outra brotam sinistros em Rodrigo; de uma façanhas em Rômulo, de outra abominações em Tarquínio.

Todos os grandes reis eternizados nos anais da fama, nos imortais catálogos do aplauso, foram de grande cabedal, pois sem esta não pode haver grandeza.

Nasce, não se adquire, o dado ótimo, o dom perfeito, que descende do Pai das erudições. Ainda que cresça com a engenhosidade e se aperfeiçoe com a experiência.

A inteligência é o fundamento da política, aquela grande arte de ser rei, pois não ocupa espaço se não naqueles de juízo aguçado, como em Luís XI da França, em Matias Corvino da Hungria, em Maximiliano imperador, em Estevão Báthory da Polônia e em Fernando da Espanha.

A inteligência é o amparo da prudência, sem a qual nem a função, nem o exercício, nem os anos, jamais produzirão mestres. Com ela os mancebos são anciões, e sem ela os anciões são mancebos. Otão III mereceu todo o superlativo dado ao seu renome, digo, por ser chamado de “Milagre do Mundo”, porque aos onze anos foi escolhido imperador, e teve um bom desempenho nos sufrágios. Os cabelos brancos eram supridos pelos seus acertos, e todos admiraram um século de maturidade em dois quinquênios de sua idade.

Pero donde se extremó el de una gran capacidad fue en Semíramis, la que fundó a Babilonia, la que mandó el Asia: cuarenta años imperó en fe de que era varón. Empeñóse en ser hombre, y depuso con los arreos femeniles los achaques; pero nunca bastara el traje a disimular el sexo, si no lo desmintiera el caudal.

Es la capacidad la otra columna, que, ladeada del valor, aseguran entrambas la reputación; y, en competencia, gana siempre la primera. Por ello fue llamado sabio Carlos Quinto el francés, no por estudios, ni ciencias, sino porque supo reinar, que es el verdadero saber en los reyes; sin vestirse el arnés, recuperó toda la Francia, ya casi toda ajena; y, sin desamparar el trono real, rechazó a su Britania los ingleses.

Mas para esto es menester un caudal sumo: la inteligencia de un Justiano, la política de un Luis, la prudencia de un Filipo Segundo. Que querer Galieno, no igualándoles en el saber, excederles en la inmovilidad, es querer guardar el palacio, mas no el imperio.

Del saber y del valor se adecuía un príncipe perfecto: un Moisés, para ser legislador y caudillo de la Republica de Dios; un David valiente, para celar; sabio, para celebrar la honra del Altísimo. Un César, haciendo blasón de la pluma y de la espada. Un lacedemonio Agesilao, cuyas sentencias merecieron ser primeras en el libro las de los discretos, y sus hechos en el de los valerosos. Un Constantino Magno, ya autorizando los concilios, y ya acaudillando los ejércitos. Un Justiniano, dando armas y leyes al Imperio. Un Mahometo Segundo, leyendo y conquistando. Un Alfonso el Magnánimo, o en la academia, o en la campaña. Un Ismael Sofí, cuyo renombre de sabio fue timbre de su victoriosa espada. Un Francisco Primero de Francia, rodeado de sabios y caudillos. Un Filipo Segundo de España, que comenzó valiente y acabó prudente.

Consiste esta nunca asaz encarecida prenda en dos facultades eminentes: prontitud en la inteligencia y madurez en el juicio; precede la comprensión a la resolución, y la inteligencia aurora es de la prudencia.

Porém, onde se notabilizou uma grande inteligência foi em Semíramis, aquela que fundou a Babilônia e que mandou em toda a Ásia. Imperou por quarenta anos crente de que era homem. Empenhou-se em se passar por homem, e com os ataques abandonou os adornos femininos. Mas nunca bastou o traje para ocultar seu sexo, já que seu cabedal a desmentia.

A inteligência é a outra coluna, que, ao lado da coragem mantém a reputação, e, quando concorreram, a primeira sempre ganhou. Devido a isso Carlos V, o francês, foi chamado de sábio, não pelos estudos, nem pelos conhecimentos, mas porque soube reinar, que é o verdadeiro saber dos reis. Sem vestir a armadura e sem desamparar o trono real, recuperou toda a França, já quase toda invadida, e expulsou os ingleses de volta para a Bretanha.

Para isso é fundamental um grande cabedal: a inteligência de um Justiniano, a política de um Luís e a prudência de um Filipe II. Assim, Galeano querer superá-los na inação, não se igualando a eles no saber, é querer guardar o palácio, mas não o império.

Um príncipe perfeito se adéqua ao saber e à coragem, como um Moisés, para ser legislador e caudilho da República de Deus; um valente Davi para zelar; sábio para celebrar a honra do Altíssimo. Um César, fazendo glória com a pena e a espada. Um lacedemônio Agesilau, cujas sentenças mereceram ser as primeiras no livro dos discretos e seus feitos os primeiros nos livros dos corajosos. Um Constantino Magno, já autorizando os conselhos e já capitaneando os exércitos. Um Justiniano, dando armas e leis ao império. Um Maomé II, lendo e conquistando. Um Afonso, o Magnânimo, ou na academia ou em campanha. Um Ismael Sofi, cujo renome de sábio foi timbre de sua vitoriosa espada. Um Francisco I da França, rodeado de sábios e guerreiros. Um Filipe II da Espanha, que começou valente e acabou prudente.

Esta qualidade, que nunca é demais, consiste em duas faculdades eminentes: prontidão na inteligência e maturidade no juízo. A compreensão precede à resolução, e a inteligência é a aurora da prudência.

Un príncipe comprehensivo, un Casimiro el Grande de Polonia, digo, está en todos los puntos en uno. Hacíase señor de todo por la noticia para serlo por la potencia. Matriculó primero Augusto todo su imperio en la cabeza, y después lo tuvo en el puño. Abría y cerraba a su arbitrio las puertas de Jano, que era lo mismo que tener en su mano las llaves del Universo, señor de la guerra y de la paz. Estaba en todas partes el africano Jacob Almanzor por autoridad y reputación, porque estaban todas en él por cognición.

Un príncipe prudente, cuyo gran juicio es el contraste de todo gran caudal. Pesaba los talentos Teodosio: medía los fondos Antonino; apreciaba las eminencias el godo Sisebuto; examinaba los méritos Alfonso; levantaba ministros Justiniano, no acaso, sino por elección: capitanes que merecían ser emperadores, y él mucho más. Repartía los cargos Antonino emperador, distribuía los empleos, no por facilidad de su ánimo, sino por el examen de su riguroso juicio.

Un príncipe sagaz, Argos real que todo lo previene. Emulo de Jano, que mira a dos haces, de fondo inapeable, con más enseñadas que un océano. Los propios le recelan, los extraños le temen, y todos le atienden, porque a todos entiende.

Un príncipe penetrante, que descubre más tierra en una ojeada que otros con eterno desvelo: al que mucho alcanza nada se le pasa, y al que todo lo penetra, nada se le esconde. Tenía Enrico Cuarto de Francia inteligencia trascendente, que hasta las intenciones preocupaba, zahorí de la mayor profundidad, haciendo anotomía de los espíritus, de los naturales, de las inclinaciones.

Un príncipe vivo, que todo lo ve, todo lo oye, todo lo huele, todo lo toca. No enfermaban los oídos de Vespasiano del común real achaque: adulterios de la verdad, siniestros de la información, traiciones de la lisonja.

Um príncipe compreensivo, um Casimiro, o Grande, da Polônia, digo, está em todos os pontos em um. Fazia-se senhor de tudo pela notícia para sê-lo pela potência. Primeiramente Augusto registrou todo seu império na cabeça e depois o teve no punho. Abria e fechava a seu bel-prazer as portas de Jano, senhor da guerra e da paz, que era o mesmo que ter em suas mãos as chaves do Universo. O africano Jacob Almanzor estava por todas as partes por autoridade e reputação, porque estavam todos nele por cognição.

Um príncipe prudente, cujo grande juízo é o contraste de todo cabedal. Não por acaso, mas por opção, Teodósio ponderava os talentos, Antonino controlava os recursos, o godo Sisebuto apreciava os grandes feitos, Afonso examinava os méritos, Justiniano valorizava ministros, eram capitães que mereceram ser imperadores, e ele mais ainda. Antonino imperador repartia os cargos, distribuía as funções, não por facilidade de seu ânimo, mas pelo exame do seu rigoroso juízo.

Um príncipe sagaz, um Argos real que tudo o previne. Adversário de Jano, que observa as duas faces, de riqueza indiscutível, com mais enseadas que um oceano. Os seus o respeitam, os estranhos o temem, e todos o atendem, pois entende a todos.

Um príncipe penetrante, que descobre mais terra em uma olhada que outros em eterno desvelo. Nada escapa àquele que muito persegue, e nada se esconde daquele que a tudo busca. Henrique IV da França tinha inteligência transcendente, que até as intenções preocupavam, era vidente da maior profundidade, fazendo anatomia nos espíritos, nos naturais e nas inclinações.

Um príncipe vivo, que tudo vê, tudo ouve, tudo cheira, tudo toca. Os ouvidos de Vespasiano não adoeciam pela doença comum dos reis: adultérios da verdade, avarias da informação ou traições da lisonja.

Un príncipe atento, que ni duerme, ni deja dormir a los que le ayudan a ser rey, a las potestades inferiores. León si vela, león si duerme, siempre abiertos los ojos, o con la realidad, o con la cobrada apariencia. ¡Oh, atención la del prudente Filipo de las Españas, y comparación suya muy repetida, y mejor platicada, la del telar con el trono donde asiste un príncipe siempre atento al hilo que se rompe!

Un príncipe sensible, que le piquen, que le lastimen las pérdidas en lo vivo del corazón. Hicieron algunos paradoja razón de Estado de la indolencia, y magnanimidad de la insensibilidad. Sensibles formó la naturaleza pródiga sus vivientes, medio único de su conservación, y sensibles quiere sus reyes la política.

¿Quién no abominará la estupidez de Galieno? Atropellábanse unas a otras las malas nuevas de las provincias rebeladas, de los reinos perdidos, que pasaron de veinte, y él, muy sosegado, respondía: "¡Eh, qué bien pasaremos sin las legumbres de Egipto! ¿Qué nos importan ahora los cáñamos de Francia?" ¡Oh, torpe insensibilidad! ¡Que cuide un príncipe de que los higos estén verdes todo el año y no cuide de que florezca el imperio! ¡Que busque invenciones para que las uvas duren dos y tres años, y sufra que se pierda la monarquía! Y no faltaban perniciosísimos lisonjeros que canonizaban esta barbariedad por magnanimidad y esta estupidez por constancia; y llega a tanto a veces su atrevimiento, que quieren vender por gran sutileza de política lo que es una aborrecible negligencia. No hay príncipe que, mientras vive, no sea entre sus lisonjeros héroe, entre los demás tolerado; pero después entra haciendo justicia la enterísima verdad.

Um príncipe atento, que não dorme e nem deixa dormir as autoridades inferiores que o ajudam a ser rei. Leão fica em vigília, Leão dorme, sempre com os olhos abertos para a realidade ou com a exigida aparência. Ó, atenção a do prudente Filipe das Espanhas, e uma comparação muito repetida nele, e melhor praticada, foi a de tecer o trono onde assiste um príncipe sempre atento ao fio que se rompe.

Um príncipe sensível, que lhe firam, e que as perdas lhe aflijam o profundo do coração. Alguns fizeram paradoxo razão do Estado da indolência, e magnanimidade da insensibilidade. A natureza fez suas criaturas providas de sensibilidade, único meio de sua conservação, e a política quer seus reis sensíveis.

Quem não abominará a estupidez de Galiano? Atropelavam-se umas às outras as más notícias das províncias rebeladas, dos reinos perdidos, que passaram de vinte, e ele, muito tranqüilo, respondia: “É, que bem passaremos sem os legumes do Egito! O que nos importa agora os cânhamos da França?”. Ó, torpe insensibilidade! Que cuide um príncipe de que os figos estejam verdes todo o ano e não cuide de que o império floresça! Que busque invenções para que as uvas durem dois ou três anos, e sofra a perda da monarquia! E não lhe faltavam perniciosos bajuladores que canonizavam esta barbaridade por generosidade, e esta estupidez por perseverança. E às vezes seu atrevimento chega a tanto que querem vender como sendo uma sutileza política aquilo que na verdade é uma negligência reprovável. Não há príncipe que, enquanto vive, não seja um herói na visão de seus bajuladores, e pelos demais seja tolerado, mas depois a inteira verdade entra fazendo justiça.

Magnánimo fue Augusto, cuyo nombre es timbre de su corazón; con todo eso, sintió tanto el degüello de las romanas legiones en Germania, que hería el suelo con los pies y las paredes con la cabeza, y llegó a dar voces, repitiendo: “¿Qué hiciste de mis legiones, Quintilio Varo? ¡Vuélveme mis soldados valerosos! ¿Qué cuenta has dado de tanto y tan esforzado capitán?” No se le vio reír en meses, ni comer en días. Esta sí que es verdadera política, y no contraria a la majestad. Nunca pensó Rodrigo que estaba tan adelante su perdición, ni Roboán miró tan de cerca su ruina. No pensándolo, perdió Juan de Labrit su corona y Astiajes su diadema.

Este príncipe comprensivo, prudente, sagaz, penetrante, vivo, atento, sensible y, en una palabra, sabio, fue el Católico Fernando, el rey de mayor capacidad que ha habido, calificada con los hechos, ejercitada en tantas ocasiones; fue útil su saber, y, aunque le sobró valor, jugó de maña. No fue afortunado Fernando, sino prudente, que la prudencia es madre de la buena dicha. Comúnmente es feliz, así como la imprudencia es desgracia: todos los más prudentes príncipes fueron muy afortunados.

Mas ¿qué aprovecha el gran caudal de un don Juan el Segundo de Castilla, si no hay aplicación? Que el incapaz Quilderico remita con el trabajo el empleo, porque eligió con mejoría. Pero que el persiano Tomás sepultase un aventajado talento en el ocio y en el vicio, digno fue de execración.

Más alcanza en todas las artes una mediana habilidad con aplicación, que no un raro talento sin ella. La confianza es madre del descuido, y este es plaga de los grandes oficiales. El morir de un rey quiso Vespasiano que fuese en pie, y despachando, cuanto más el vivir. Excede la remisión a todos los vicios en un príncipe, así de la banda irascible como de la concupiscible. Fueron muchos grandes reyes, no tanto por sus grandes prendas, cuanto por su loable continua asistencia.

No perdona al despacho en sus mayores recreaciones el Gran Mogor del Asia, penetrando el teatro de las fieras con la audacia de sus vasallos. Permite la vista al entretenimiento, y reserva el oído a la información.

Magnânimo foi Augusto, cujo nome é timbre de seu coração. Com tudo isso, sentiu tanto a matança das legiões romanas na Germânia que feria o solo com os pés e as paredes com a cabeça, e chegou a dar vozes, repetindo: O que Quintílio Varo fez das minhas legiões? Devolva meus valorosos soldados! Que fim deu a tão esforçado capitão?”. Não se viu ele rir em meses, nem comer em dias. Esta sim é a verdadeira política e não contraria a majestade. Rodrigo nunca pensou que sua perdição estava adiante, nem Roboão observou tão de perto sua ruína. Sem pensar, João de Labrit perdeu sua coroa e Astíages sua tiara.

Este príncipe compreensivo, prudente, sagaz, penetrante, vivo, atento, sensível e, em uma palavra, sábio, foi Fernando o Católico, o rei de maior capacidade que já houve, qualificada pelos seus feitos e exercitada em tantas ocasiões. Seu saber foi útil, e, ainda que lhe sobrasse coragem, atuou com astúcia. Fernando não foi afortunado, mas sim prudente, e a prudência é a mãe da boa sorte. Comumente é feliz, assim como a imprudência é desgraça. Todos os mais prudentes príncipes foram muito afortunados.

Porém, de que adianta um grande cabedal como o de João II de Castela, se não for aplicado? Que o incapaz Quilderico redima o esforço com o trabalho, porque elegeu com vantagem. O persa Tomás³⁴ foi digno de execração, pois sepultou um avantajado talento no ócio e no vício.

Em todas as artes uma habilidade mediana aplicada alcança mais do que um talento raro não utilizado. A confiança é mãe do descuido, e este é praga dos grandes oficiais. Vespasiano quis que fosse de pé o morrer de um rei, e o viver quanto mais resolutivo. Excede em um príncipe a remissão de todos os vícios, tanto da banda irascível como da concupiscível. Foram muitos grandes reis, não pelas grandes qualidades, mas pela louvável e contínua assistência.

O Grande Mongol da Ásia não deixa de despachar mesmo em suas maiores recreações, penetrando no teatro dos animais com a audácia de seus vassalos. Permite-se o entretenimento, mas reserva o ouvido às informações.

Malo es querer Amulio y Dionisio ser reyes, no siéndolo; y peor, siéndolo, Vladislao de Polonia y Odoardo de Inglaterra, no quererlo ser. Aquello se llama tiranía; esto no tiene nombre.

Compitieron en Fernando el caudal y la aplicación para componer un rey perfecto, un monarca máximo: cuarenta años reinó, sin desperdiciar uno tan solo, y obró más que cuarenta reyes juntos.

Árbol coronado en un cetro, que da por frutos hazañas. Pide a sus plantas sabia naturaleza un fruto en cada año: ¿qué mucho lo pretenda la fama en sus héroes?

Ociosamente ocupa el campo la estéril lozana higuera, y el trono real un príncipe inútil. No sirve sino de estorbo a otro que coronara el reino con las fecundas ramas de sus brazos.

Colgaba Alcides en los umbrales de la fama un nuevo trofeo en cada un año, ya el león, y ya la hidra; mentido héroe en quien idearon los antiguos un príncipe verdadero, obligado siempre a nuevos gloriosos empeños.

El verdadero Hércules fue el Católico Fernando; con más hazañas que días, ganaba a reino por año, y adquirió por herencia el de Aragón; por dote, el de Castilla; por el valor, el de Granada; por felicidad, la India; por industria, a Nápoles; por religión, a Navarra; y por su grande capacidad, todos.

Son varias las empresas de un rey, y todas ellas heroicas. Hanse de abrazar, como hacía el primer Esteban de Hungría, no por elección, sino por ocasión. No las que le proponía el gusto a Alejandro el Magno, sino las que pedía la necesidad al valeroso Alejandro Severo.

Así, que no todas las reducían Gustavo Primero de Suecia y Alfonso el Magnánimo de Nápoles al valor; que hay otras muchas, y a veces de más reputación que las militares. Más gloria mereció Justiniano por las leyes que Aureliano por las armas. Más célebre hizo a Fernando el haber fundado el integérrimo, el celador, el Sacro Tribunal de la Inquisición, que por haber establecido su monarquía. Y ganó más con haber echado de España los judíos que con haberla hecho señora de tantas naciones.

É ruim Amúlio e Dionísio serem reis não sendo, mas é pior Vladislau da Polônia e Eduardo da Inglaterra serem reis sem quererem ser. Aquilo se chama tirania, e isto não tem nome.

Couberam em Fernando o cabedal e a aplicação para compor um rei perfeito, um monarca máximo. Reinou por quarenta anos, sem desperdiçar um sequer, e realizou mais que quarenta reis juntos.

Árvore coroada com um cetro que produz façanhas como frutos. A sábia natureza pede às suas plantas um fruto por ano. Quanto seus heróis pretendem a fama?

A vigorosa figueira estéril ociosamente ocupa o campo, e um príncipe inútil o trono real. Não serve a não ser para estorvar o outro que poderia coroar o reino com as ramificações fecundas dos seus braços.

Nos limiares da fama Alcides conseguia um novo troféu a cada ano, como o leão e a hidra. Herói mentiroso que os antigos projetaram um verdadeiro príncipe, obrigado sempre a novos feitos gloriosos.

O verdadeiro Hércules foi Fernando o Católico. Com mais façanhas que dias, ganhava um reino por ano, e adquiriu o de Aragão por herança, o de Castela por dote, o de Granada por coragem, o da Índia por felicidade, o de Nápoles pelo esforço, o de Navarra por religião e todos os demais por sua capacidade.

São várias as tarefas de um rei, e todas elas heróicas. Elas hão de se abraçar, como fazia Estevão I da Hungria, não por escolha, mas pela ocasião. Não as que se propunham ao gosto de Alexandre, o Grande, mas sim as que se impunham por necessidade ao valente Alexandre Severo.

Assim, Gustavo I da Suécia e Afonso, o Magnânimo, de Nápoles, não reduziam todas à coragem, pois há muitas outras, e às vezes que dão melhor reputação que as militares. Justiniano mereceu mais glórias pelas leis do que Aureliano pelas armas. Ter fundado o integérrimo, o zelador, o Sacro Tribunal da Inquisição, tornou Fernando mais célebre do que por ter estabelecido sua monarquia. Além de ter ganhado mais expulsando os judeus da Espanha do que por ter feito dela senhora de todas as nações.

Las del valor fueron plausibles en Carlos Quinto; las de la justicia, urgentes en Filipo Segundo; las de la religión, gloriosas en Felipe Tercero; las del gobierno, heroicas en Felipe Cuarto el Grande; y todas juntas, en Fernando.

Nunca ha de vacar un rey porque son grandes sus acciones; en cesando la ocasión de unas, ha de pasar a otras. Tuvo bien sabida esta regla César, el hombre de más capaz y fecundo corazón. Cuando ya no tuvo provincias que sujetar, emprendió allanar los montes. Después de haber dado leyes a los hombres, intentó ponerlas a los ríos y a los mares. En habiendo restaurado el orbe, se puso a reformar el tiempo. Si bien ponderó el profundo Cayo Veleyo que, en acabándose los empleos militares, acabó él. Y la muerte, que le perdonó en tantos años de peligros en la guerra, le halló en solos cinco meses del descanso.

Llámanse unas a otras las hazañas, y facilitanse las ejecuciones. Así lo platicaba Solimán, envejecido en las empresas por cuarenta años de su florido imperio. El primer año, aseguró el Egipto, y el segundo descentó la Hungría. No se contentó con la presa de Rodas, sino que anheló luego a la de Malta, y el no ocuparla del todo fue porque a sus dos poderosos desunidos brazos les faltó la asistencia de tan gran cabeza. Eran sus serrallos los reinos conquistados, y sus deportes los bien merecidos triunfos. ¡Oh, monarca de buen gusto!

En comenzando un príncipe a cebarse en las proezas, no se halla sin nueva ocupación heroica. Desta suerte, el César de los españoles, Carlos, tomaba por descanso las unas de las otras; de humillar los herejes pasaba a enfrenar los turcos; de cautivar un rey, a ahuyentar otro. Y las conquistas del Africa eran sus vacaciones de la Europa.

Este es el digno empleo de los reales tesoros. Mal empleados millones los de Nerón y de Calígula, y bien logradas blancas las del aragonés don Jaime.

Foram plausíveis em Carlos V as de coragem, as de justiça urgentes em Filipe II, as de religião gloriosas em Felipe III, as de governo heróicas em Felipe IV, o Grande, e todas juntas em Fernando.

Nunca há de vagar um rei porque são grandes as suas ações. Encerrando-se o período de umas, há de passar às outras. César sabia bem essa regra, o homem de mais capaz e fecundo coração. Quando já não teve mais províncias a conquistar dedicou-se a aplanar os montes. Depois de ter dado leis aos homens, tentou impô-las aos rios e aos mares. Tendo restaurado o planeta se colocou a reformar o tempo. O profundo Caio Veleio³⁵ ponderou bem que, findadas as atividades militares, ele se acabou. E a morte, que o perdoou por tantos anos enquanto vivia perigos na guerra, o encontrou em apenas cinco meses de descanso.

As façanhas chamam umas as outras, e facilitam-se as execuções. Assim praticava Solimão, envelhecido pelas tarefas de quarenta anos em seu florido império. No primeiro ano assegurou o Egito, e no segundo entrou na Hungria. Não se contentou com a pilhagem de Rodes, e logo desejou Malta, e a não ocupação de tudo foi porque faltou aos seus dois poderosos e desunidos braços uma ajuda de tão grande cabeça. Os reinos conquistados eram seus haréns, e os triunfos bem merecidos seu esporte. Ó monarca de bom gosto!

Um príncipe, que começa se nutrindo das proezas, não se achará sem nova ocupação heróica. Dessa forma Carlos, o César dos espanhóis, tinha umas das outras como intervalo: de humilhar os hereges passava a conter os turcos; de aprisionar um rei passava a afugentar o outro. E as conquistas da África eram suas férias da Europa.

Este é o emprego digno dos tesouros reais. Mal empregados os milhões de Nero e Calígula, e bem aplicadas foram as moedas do aragonês Dom Jaime.

Cuando las empresas son útiles, ellas restituyen los préstamos con logro. Tuvieron en esto magnífico electivo acierto los reyes de Portugal, consiguiendo a la par rentas y honores.

Ahorra el sagacísimo Fernando de vanos inútiles empeños, que no son de provecho, sino de tema, sepultura de vasallos y tesoros; cuales eran los de los Pedros de Castilla y Aragón, originados más de la porfiada emulación que de la conveniencia, y el remate de semejantes empresas no era otro que quedar rematados entrambos reyes y reinos.

Casarse Carlos Octavo con la fama a secas, es buscar mujer pobre y estéril; y, entre dos extremos de escoger, es un príncipe dejado antes que un orgulloso inútilmente.

Motivaba con mil conveniencias una empresa Enrico Cuarto de Francia, cuando, acertada ya la intrínseca utilidad della, antepone tal vez los adherentes. Asegura la salud del reino purgándole de los humores, o gastados o superfluos. En faltándoles a algunas repúblicas las conquistas, adolecieron de intestinas sediciones. Grande aforismo fue siempre hacer antídoto del veneno.

Fue la ociosidad carcoma de la continuada felicidad de España, manantial perenne de los vicios en Roma. No hay mayores enemigos que el no tenerlos: sentencia esforzada de Metelo cuando lo de Cartago, y que pasó a desengaño con la dañosa experiencia. No solían vivir sin guerra los otomanos; y, variando de enemigos, los entibiaban con la intermisión el valor y con el olvido la experiencia, conservando siempre floreciente su milicia.

Es la potencia militar basa de la reputación; que un príncipe desarmado es un león muerto, a quien hasta las liebres insultan.

No deshizo sus escuadrones Fernando, acabada en España su envejecida guerra; sirvióle de escarmiento su principio en el descuidado Rodrigo; mudóles el palenque, y, echando fuera de España las armas, hizo della muralla viva a sus reinos.

Quando as tarefas são úteis elas restituem os préstimos com lucro. Os reis de Portugal tiveram nisso uma magnífica e acertada escolha, e conseguiram ao mesmo tempo rendas e honras.

Poupava o sagacíssimo Fernando de vãs ações inúteis, que não são proveitosas, mas sim teimosas, sepultura de vassalos e tesouros. Como eram as dos Pedros de Castela e Aragão, originadas mais da obsessão pela disputa do que pela conveniência. E o fim de semelhantes empreitadas não era outro que não encurralar reis e reinos.

Carlos VIII casar-se com a fama somente é o mesmo que buscar uma mulher pobre e estéril. E, entre duas opções extremas, é melhor um príncipe desleixado do que um orgulhoso inutilmente.

Henrique IV da França motivava empreitadas com mil conveniências, e quando a intrínseca utilidade dela se mostrava acertada, às vezes disponibilizava as ferramentas. Assegura a saúde do reino purgando-lhes os humores gastos ou supérfluos. Em se faltando as conquistas a algumas repúblicas, elas padeceram de sedições internas. Grande regra foi sempre produzir o antídoto do veneno³⁶.

A ociosidade foi o caruncho da felicidade contínua da Espanha, e manancial perene dos vícios em Roma. Não há maiores inimigos do que não tê-los. Foi valente a sentença de Metelo em Cartago, e essa danosa experiência veio como uma dura lição. Os otomanos não costumavam viver sem guerra. E, trocando de inimigos, enfraqueciam a coragem com o intervalo e a experiência com o esquecimento, conservando seu exército sempre próspero.

A potência militar é a base da reputação, pois um príncipe desarmado é um leão morto, a quem até as lebres insultam.

Fernando não desfez seus esquadrões quando acabou sua longa guerra³⁷ na Espanha. Sua regra serviu de lição ao descuidado Rodrigo. Mudou-lhes o campo de guerra, e, deixando as armas de fora da Espanha, fez delas muralha viva aos seus reinos.

Conoció y supo estimar su gran poder; tenía tomado el pulso a sus fuerzas, y súpolas emplear; tenía tanteadas las de sus enemigos, y súpolas prevenir; sacando los españoles a las provincias extrañas, los transformó en leones; acometiendo siempre a los franceses, los venció siempre, y nunca dio lugar a su prevención. Tenía comprendidas las naciones, y dábales por su comer.

Pero la eminencia deste gran político estuvo en hacer siempre la guerra con pólvora sorda; esto es, sin el peligroso y vano ruido del armar, sin asonadas de empresa, que avisan a los contrarios, irritan a los neutrales, y despiertan a todos. Sin hacer del hacendado, cogía una plaza en el Africa, un reino en España, una isla el océano, una ciudad en Italia, y todo esto con la presteza de un león. No hubo hombre que así conociese la ocasión de una empresa, la sazón de un negocio, la oportunidad para todo.

Hallábase en persona, o por la de su gran consorte, que equivalía, a las empresas importantes dentro de España.

Célebre cuestión política si el príncipe ha de asistir en un centro por presencia y en todas partes por potencia y por noticia, o si, como el sol, ha de ir discurriendo por todo el horizonte de su imperio, ilustrando, influyendo y vivificando en todas partes. Hállanse eficaces argumentos y acreditados ejemplos por el uno y otro dictamen.

Conheceu e soube estimar seu grande poder. Tinha suas forças sob seu controle e soube empregá-las. Tateou a de seus inimigos, e soube preveni-las. Transformou os espanhóis em leões, tirando-os das províncias estrangeiras. Tendo sempre os franceses sob controle, os venceu sempre, e nunca permitiu sua reação. Dominava as nações e as alimentava.

Mas a eminência deste grande político esteve em fazer sempre a guerra com balas de festim, ou seja, sem o perigoso e inútil ruído do armar-se e sem açodamento, que avisam os inimigos, irritam os neutros e despertam a todos. Sem se tornar proprietário, tomava uma fortificação na África, um reino na Espanha, uma ilha no oceano, uma cidade na Itália, e tudo isso com a agilidade de um leão. Não houve homem que conhecesse assim a ocasião de uma empreitada, o momento certo de um negócio, a oportunidade para tudo.

Encontrava-se pessoalmente, ou por meio de sua grande cônjuge, o que dava no mesmo, em todas as empreitadas importantes dentro da Espanha.

Uma célebre questão política é se o príncipe deve permanecer fisicamente em um só local central estando em todas as partes por meio de sua potência e através de notícias sobre ele, ou se deve, assim como o sol, percorrer todo o horizonte do seu império, servindo de exemplo, influenciando e vivificando por todas as partes. Encontram-se bons exemplos e argumentos eficazes a favor de cada um das duas opções.

Todos los hazañosos príncipes y que obraron cosas grandes, asistieron en persona a las empresas. Desta suerte el Magno Alejandro en diez años, allanó la Grecia, sujetó la Persia, domó la Citia, disfrutó la India, y conquistó el Oriente, llenando el mundo de terror y la posteridad de fama. El famoso César consiguió cinco triunfos: el gálico, sojuzgada Francia, conquistada la Britania, enfrenada la Germania; el alejandrino, oprimido Tolomeo; el africano, derrotado Juba; el pónico, humillado Farnaces; el hispanio, extinguidas las reliquias de Pompeyo. El célebre Aníbal, de veinte años, expugnó a Sagunto, venció cinco generales y tres cónsules romanos, y en la batalla de Canas noventa mil senadores. El magnánimo Augusto acabó felizmente cinco guerras civiles, avasalló doce bárbaras naciones, y todas las del orbe le enviaron sus embajadores y presentes. Pasó Trajano los límites del Imperio de la otra parte del Tigris y del Eufrates. Estableció Carlo Magno su tetarquía, y ciñó sus venerables canas de las tres coronas. Conquistó Mahometo dos imperios, doce reinos, y más de docientas ciudades. Dio y ganó don Jaime treinta batallas campales. Avasalló Quingui nueve reinos y destruyó otros tantos. Guerreó Otón Primero treinta años, triunfando de los príncipes de Alemania, Bohemia y Hungría, y de los Berengarios en Italia. Despojó toda la Asia el Tamorlán, llamado "Terror del Mundo", cautivando a Bayaceto, con muerte de docientos mil turcos, asolando en tres años a Albania, Iberia, Armenia, Persia, Mesopotamia y el Egipto. Venció Boleslao de Polonia los prutenos, sajones, casubios, pomeranios, a Boleslao, rey de Bohemia, a Joroslao, duque de Nisia, avasallando hasta los ríos Tira y Boristenes, y también fijando las dos columnas de metal.

Aterró el Asia mahometana el Gran Mogor con ochocientos mil combatientes y asentó su imperio entre los dos ríos Indo y Ganges.

Todos os heróicos príncipes que construíram grandes coisas apoiaram pessoalmente suas empreitadas. Dessa forma, Alexandre, o Grande, em dez anos pacificou a Grécia, sujeitou a Pérsia, domou a Cítia, esterilizou a Índia, e conquistou o Oriente, enchendo o mundo de terror e a posteridade de fama. O famoso César conseguiu cinco triunfos: o gálico, subjugada a França, conquistada a Bretanha e freada a Germânia; o alexandrino, oprimindo Ptolomeu; o africano, derrotando Juba; o pôntico, humilhando Fárnaces; o hispânico, extinguindo as relíquias de Pompeu. O célebre Aníbal, de vinte anos, conquistou Sagunto, venceu cinco generais e três cônsules romanos, e noventa mil senadores na batalha de Canas. O magnânimo Augusto felizmente acabou com cinco guerras civis, avassalou doze nações bárbaras, e todas as outras do mundo enviaram-lhe presentes e seus embaixadores. Trajano ampliou os limites do império para a outra parte do Tigre e do Eufrates. Carlos Magno estabeleceu sua tetarquia, e cingiu suas veneráveis cãs das três coroas. Maomé conquistou dois impérios, doze reinos e mais de duzentas cidades. Deu e ganhou Dom Jaime trinta batalhas campais. Gengis Khan avassalou nove reinos e destruiu outros tantos. Otão I guerreou por trinta anos, triunfando sobre os príncipes da Alemanha, Boêmia e Hungria e dos Berengários na Itália. Tamerlão, chamado de “Terror do Mundo”, saqueou toda a Ásia, aprisionando Bayezid, matando duzentos turcos e assolando em três anos a Albânia, Ibéria, Armênia, Pérsia, Mesopotâmia e o Egito. Boleslau da Polônia venceu os prussianos, saxões, cassúbios, pomerânios, e também venceu Boleslau, rei da Boêmia e Jaroslau³⁸, duque de Nisia, avassalando até os rios Tira e Dniepre, e também fixando as duas colunas de metal.

O Grande Mongol aterrorizou a Ásia maometana com oitocentos mil combatentes e instalou seu império entre os rios Indo e Ganges.

Empleó ochenta años en pelear contra los moros el vitorioso don Alonso Henríquez, primer rey de Portugal, venciendo en varios rencuentros ocho reyes, y degollando los siete. Conquistó Ismael Sofí la Persia, Mesopotamia, Media, Capadocia, Iberia, Armenia y Albania. Humilló Carlos Quinto los mayores príncipes que ha tenido el mundo: cautivó el de Francia, desmayó al turco, aprisionó al de Méjico, despojó al Inga, desbarató al de Túnez, y otros más. Pero a quien se rinde toda admiración es a la gran Semíramis, la que fundó a Babilonia: no contenta con la amplísima monarquía de Asiria, conquistó el Egipto, emprendió la India, y, capitaneando un millón de gentes con dos mil naves, venció sobre las aguas del río Indo al rey Estaurobates; aliñándose el cabello, la dieron nueva que se había rebelado Babilonia, y, sin acabar el aliño, fue, vio y venció.

Así que todos los príncipes héroes, los que hicieron cosas hazañosas, acaudillaron personalmente sus ejércitos. Y era político proverbio entre los belicosos otomanos, aquellos primeros conquistadores, que no era cumplida la vitoria donde no se hallaba el Gran Señor.

El ver sus soldados un rey es premiarlos, y su presencia vale por otro ejército. Con solos ciento y su real valor, fue a oponerse el rey don Pedro de Aragón el Grande al rey de Francia Filipo, que entraba en Cataluña con diez y siete mil y seiscientos caballeros, todos de linaje, cien mil hombres de a pie bien armados, cincuenta mil gastadores y ochenta mil acémilas. Solo don Pedro bastó a detener su furia por entonces, y, con moderado socorro, acabó con Felipo, y con todo su ejército después. Perdió Sardanapalo la monarquía de oro por estarse hilando en los infames estrados de sus ramerías. Pereció Dario con sus delicias, y, si salió a resistir a Alejandro, cuando más no pudo, fue con lanzas de oro y carros de marfil. Por no querer perder Galieno una flor de sus jardines, dejó perder veinte provincias y sufrió que se le alzasen treinta tiranos. Perdióse primero Rodrigo en la deliciosa paz y después en la batalla. Dejóse cercar en su corte y su palacio el negligente Constantino, y, al que no quiso salir a buscar al enemigo, el enemigo le vino a buscar a Constantinopla.

O vitorioso Dom Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, investiu oitenta anos na briga contra os mouros, vencendo em vários reencontros oito reis, e degolando sete deles. Ismael Sofi conquistou a Pérsia, Mesopotâmia, Média, Capadócia, Ibéria, Armênia e Albânia. Carlos V humilhou os maiores que houveram no mundo: aprisionou o da França, desmaiou o turco, aprisionou o do México, saqueou o Inca, desbaratou o da Tunísia, e outros mais. Mas a quem se rende toda a admiração é à Semíramis, a que conquistou o Egito, empreendeu na Índia, e, capitaneando um milhão de pessoas em dois mil embarcações, venceu o rei sobre às águas do rio Indo venceu o rei Estaurobates. Enquanto penteava o cabelo deram-lhe a notícia de que a Babilônia havia se rebelado, e, sem acabar de pentear foi, viu e venceu.

Dessa forma, todos os príncipes heróis, que realizaram grandes façanhas, acaudilharam pessoalmente seus exércitos. E era um político proverbial entre os belicosos otomanos, aqueles primeiros conquistadores, que não era alcançada a vitória onde não se encontrava o Grande Senhor.

É um prêmio para os soldados ver seu rei, e sua presença vale por outro exército. Com somente cem soldados e seu valor régio, o rei Dom Pedro de Aragão, o Grande, foi opor-se a Filipe da França, que entrava na Catalunha com dezessete mil e seiscentos cavaleiros, todos de ascendência nobre, cem mil homens a pé e bem armados, cinquenta mil batedores e oitenta mil mulas. Foi então que bastou somente Dom Pedro para deter sua fúria, e, com pouco auxílio, acabou com Filipe e com todo seu exército depois. Sardanápalo perdeu a monarquia de ouro por estar enlaçado nos leitos infames de suas meretrizes. Dario interrompeu seus prazeres e foi resistir a Alexandre, quando não pode mais, foi com lanças de ouro e grandes quantidades de marfim. Por não querer perder uma só folha de seus jardins, Galiano acabou perdendo vinte províncias e sofrendo com que trinta tiranos as tirasse. Rodrigo perdeu-se primeiro na prazerosa paz e depois na batalha. O negligente Constantino deixou-se cercar na sua corte e em seu palácio, e, no momento em que não quis buscar o inimigo, o inimigo veio buscá-lo em Constantinopla.

Volvían aquellos famosos príncipes, Augusto, Trajano y Teodosio, vitoriosos a su Roma, como a teatro de sus triunfos; y estábanse en ella Tiberio, Nerón, Calígula, Domiciano y Heliogábalo como en cenagal de sus deleites. Que no es verdadera quietud la que no se consigue con el movimiento necesario. Mucho daño hicieron los dos Luises, el de Polonia y el de Hungría, y remató el portugués don Sebastián con sus tragedias; su temeridad hizo sobradamente cuerdos a otros príncipes; ellos perdieron sus reinos por su audacia, mas causaron que los perdiesen otros por escarmiento.

Al contrario, el oficio de un rey es el mandar, que no el ejecutar, y así su esfera es el dosel, que no la tienda; es cabeza, que, por guardarla, hasta los brutos exponen pieza a pieza todo el cuerpo. ¿Quién apoyará que un príncipe exponga vida y reino y honra al riesgo de una suerte, después de tantos antiguos y modernos escarmientos: de un Valeriano emperador, hecho escabel a los pies del bárbaro Sapor; de un Bayaceto, cautivo de Tamorlán, metido en jaula de oro, castigo proporcionado a su fiereza; de un desdichado Ladislao, rey de Polonia, burlado de la fortuna, mal aconsejado de los suyos, vitorioso vencido, hecho ayunque de los jenízaros alfanjes; después de un don Alonso de Aragón, desaparecido en Fraga, porque nadie pudiera alabarse de haber visto un rey aragonés vencido y muerto; después de un rey Francisco de Francia, llamado el Grande solo para que tuviese España un gran cautivo; de un Sebastián, sol que al amanecer le eclipsaron las lunas africanas?

Peleó César bien, para ser emperador, y Valeriano mal, para dejarlo de ser. Conquistó Almanzor a España por sus capitanes, y conservó el Africa por sí mismo. Más vitorias alcanzó el emperador Carlos Quinto ausente de sus ejércitos que presente. Halláronse en las batallas algunos reyes para levantar sus monarquías; pero, ya establecidas, no fuera prudencia arriesgarlo todo. No iba el felicísimo rey don Manuel de Portugal a buscar las vitorias al Africa y al Asia, que ellas se le venían y entraban por sus puertas, y el Oriente vino a postrársele a sus pies.

Mas, entre estos dos extremos, halló el medio el prudentísimo Fernando: ni todo era caminar como Adriano, ni todo holgar como Galieno.

Aqueles famosos príncipes, Augusto, Trajano, e Teodósio, voltavam vitoriosos a sua Roma como ao palco de seus triunfos, enquanto nela estavam Tibério, Nero, Calígula, Domiciano e Heliogábalo como o pântano dos seus deleites. Pois não é verdadeira a quietude que não seja conseguida com o esforço necessário. Fizeram muitos danos os dois Luíses³⁹, o da Polônia e o da Hungria, e o português Dom Sebastião acabou com suas desventuras. Sua temeridade fez com que outros príncipes fossem extremamente cautelosos. Eles perderam seus reinos por sua audácia, mas fizeram com que outros perdessem como punição.

Ao contrário, o ofício de um rei é mandar e não executar, sendo assim seu céu é o dossel e não a tenda. É a cabeça, a qual até os brutos para protegê-la expõem parte a parte todo o corpo. Quem aprovaria um príncipe que exponha ao risco da sorte sua vida, seu reino e sua honra depois de tantos antigos e modernos exemplos, como do imperador Valeriano feito de escabelo para os pés do bárbaro Sapor; ou de um Bayezid, prisioneiro de Tamerlão, jogado numa jaula de ouro, castigo proporcionado à sua ferocidade; ou mesmo de um infeliz Ladislau, rei da Polônia, ludibriado pela sorte, mal aconselhado pelos seus, vitorioso derrotado, feito de bigorna para as espadas dos soldados turcos; ou de Dom Afonso de Aragão⁴⁰, desaparecido em Fraga, pois ninguém poderia vangloriar-se por ver um príncipe aragonês vencido e morto; ou um rei Francisco da França, chamado de Grande somente para que a Espanha tivesse um grande prisioneiro; ou de Sebastião, sol que ao amanhecer lhe eclipsaram as luas africanas?

César lutou bem para ser imperador, e Valeriano mal para deixar de ser. Almançor conquistou a Espanha por seus capitães, e conservou a África por si mesmo. O imperador Carlos V alcançou mais vitórias ausente de seus exércitos do que presente. Alguns reis foram encontrados nas batalhas para elevar suas monarquias, mas, uma vez estabelecidas, não seria prudente arriscar tudo. O felicíssimo rei Dom Manuel de Portugal não ia na África e na Ásia buscar as vitórias, mas elas vinham a ele e entravam pelas suas portas, e o Oriente prostrou-se aos seus pés.

Mas, entre os extremos, o prudentíssimo Fernando encontrou o caminho do meio: nem caminhar como Adriano, nem folgar como Galiano.

No fijó su corte en alguna ciudad de las de España, o porque no dio por definida su monarquía, aspirando siempre a más, o por dictamen profundo de no hacer cabeza una nación y pies otra. Punto de tanta atención, que por esto los políticos reyes de la China señalaron dos ciudades, Panquín y Nanquín, para sillas de su grandeza, atendiendo, ya a la propia comodidad en la alternación de estancias con las inclemencias de los tiempos, ya a la seguridad de los vasallos, igualándolos en los favores y en las cargas.

En todas las monarquías hubo siempre un centro real del mando. Fuéronlo algunas ciudades porque comenzó en ellas la monarquía. Así Roma fue cabeza de su gran imperio, y después de todo el mundo; emporio coronado de todas sus riquezas, delicias, grandezas y maravillas; madre universal de las naciones, que llegó a tener cinco millones de almas. Otras, lo fueron por elección, atendiendo a las conveniencias, ya de la política, ya de la economía, como lo fue Constantinopla primero del imperio cristiano, después del otomano, calificando su primera elección, una y otra acertada, por estar esta imperial ciudad en el mejor sitio del orbe, en los términos de Europa y Asia, señoreando el mar Euxino y la Propóntide, llave de entrambos mares, centro de las provincias de Tracia, reina de las ciudades de Europa, por la hermosura de su sitio, comodidad de su puerto, grandeza de sus edificios, riqueza de su trato, abundancia de bastimentos, y corte del Gran Turco.

Não fixou sua corte em nenhuma cidade da Espanha, ou porque não deu por definida sua monarquia, aspirando sempre mais, ou por ditame profundo de não fazer uma nação de cabeça e as outras de pé. Ponto de tanta atenção, que por isso os políticos reis da China determinaram duas cidades, Pequim e Nanquim, como sedes de sua grandeza, atendendo, ora à própria comodidade na alternância das estâncias com as inclemências das estações, ora à segurança dos vassalos, igualando-os nos favores e nas funções.

Em todas as monarquias teve sempre um centro comando real. Algumas cidades foram porque começou nelas a monarquia. Como no caso de Roma, que foi cabeça de seu grande império, e depois de todo o mundo; empório coroado com todas suas riquezas, prazeres, grandezas e maravilhas; mãe universal das nações, que chegou a ter cinco milhões de almas. Outras foram por escolha, atendendo às conveniências, ora políticas, ora econômicas, como foi Constantinopla primeiro do império cristão e depois do otomano, qualificando sua primeira escolha, uma e outra acertada, por esta cidade imperial estar na melhor localização do mundo, nos limites da Europa e da Ásia, senhoreando o mar Negro e o mar de Mármara, chave de ambos os mares, centro das províncias de Trácia, rainha das cidades da Europa, pela formosura da sua localização, comodidade do seu porto, grandeza de suas edificações, riqueza do seu trato, abundância de abastecimentos e corte do Grande Turco.

Nació corte la gran Nínive en el primer imperio del mundo, que fue el de los asirios, y creció tanto, que llegó a tener tres jornadas de camino, según la Divina Historia. Compitió con ella Babilonia, corte de los príncipes caldeos, con sus cien puertas de bronce, murallas de cincuenta codos de latitud y más de docientos de altitud, con sus tres mil torres. Fabricóla Semíramis, engrandecióla Nabuco, y tanto, que refiere Aristóteles que, habiendo sido entrada y saqueada, tardó una parte de ella tres días en saberlo. Mas, olvidando las cortes de los ya olvidados imperios, mereció París ser silla de sus cristianísimos reyes, más ha de mil años, por lo abastecido de su terreno, con más de doce mil poblaciones a diez leguas de su contorno, siendo hoy la mayor ciudad de la cristiandad; Londres, en Inglaterra, por lo ameno de su campaña y por lo navegable del Támesis, su río; Viena, en Alemania, por lo fuerte y por lo fiel; Stocolmio en Suecia, por lo maravilloso de su lago y por la frecuencia de su puerto; Cracovia, en Polonia, dividida en otras tres, célebre por sus escuelas y fuerte por sus castillos; Mosca, en la Moscovia, por su saludable terreno, donde jamás halló entrada la peste, tan poblada, que entra en el número de las cuatro famosas de Europa; Tauris, en Persia, coronada de jardines, regada de mil fuentes, bañada de aires salutíferos y abastecida de todo género de delicias; Cambalu, en la Tartaria, de tan gran comercio, que entran cada año en ella mil carros de sedas de la China, venciendo a cuantas hay en lo suntuoso y magnífico de su palacio; Sarmacanda, en los mogores, enriquecida primero con los despojos de toda Asia, y de tanta grandeza, que solía haber en ella sesenta mil caballos; Fez, en Berbería, la más bella y más poblada del Africa, ceñida y aun penetrada de los brazos de su río, emporio real de letras y de riquezas.

Dejó Fernando esta elección a la felicidad de sus sucesores, que, asentada la monarquía, escogieron a Madrid por ser centro de España y por lo saludable de su terreno.

A las empresas fuera de España, que no fueron las menos gloriosas, asistía, si no por su presencia, por su dirección, fiada a famosos caudillos, prudentes virreyes, atentos embajadores, criados en su escuela, graduados de su elección.

A grande Nínive nasceu corte no primeiro império do mundo, que foi o dos assírios, e cresceu tanto que chegou a ter três dias de caminhada, segundo a História Divina. Competiu com ela a Babilônia, corte dos príncipes caldeus, com suas cem portas de bronze, muralhas de vinte e cinco metros de extensão e mais de cem metros de altura. Foi erguida por Semíramis, e tão engrandecida por Nabuco que Aristóteles se referiu a ela dizendo que uma de suas partes demorou três dias para ficar sabendo que ela havia sido invadida e saqueada. Porém, esquecendo das cortes daqueles impérios já esquecidos, Paris mereceu ser o assento de seus cristianíssimos reis, pois existe há mais de mil anos devido à abundância do seu terreno com mais de doze mil populações a dez léguas do seu entorno, sendo hoje a maior cidade da cristandade; Londres, na Inglaterra, mereceu pela sua amena campanha e pela navegabilidade de seu rio Tâmis; Viena, na Alemanha, pelo forte e pelo fiel; Estocolmo na Suécia, pela maravilha do seu lago e pela frequência do seu porto; Cracóvia, na Polônia, dividida em outras três, célebre por suas escolas e forte pelos seus castelos; Moscou, na Moscóvia, por seu saudável terreno, onde a peste nunca entrou, e tão povoada que entra na conta das quatro famosas da Europa; Tabriz, na Pérsia, coroada com jardins, regada por mil fontes, banhada por saudáveis ares e abastecida de todo tipo de delícias; Cambalique, na Tartária, cujo comércio é tão grande que nela entram por ano mil carros de seda da China, vencendo seu palácio de qualquer outro pela suntuosidade; Samarcanda, nos mongóis, enriquecida primeiro com os espólios de toda a Ásia, e de tanta grandeza que frequentemente havia nela sessenta mil cavalos. Fez, na Berbéria, a mais bela e mais povoada da África, cindida e ainda penetrada pelos braços dos do seu rio, empório real de conhecimentos e de riquezas.

Fernando deixou essa escolha à disposição de seus sucessores, que, assentada a monarquia, escolheram Madri como o centro da Espanha por seu saudável terreno.

Apoiava as empreitadas fora da Espanha, que não foram as menos gloriosas, se não com sua presença, com suas orientações confiadas a famosos caudilhos, prudentes vice-reis, atentos embaixadores, formados em sua escola e graduados por escolha sua.

Este gran empleo del reinar no puede ejercerse a solas; comuníquese a toda la serie de ministros, que son reyes inmediatos. ¿Qué importa que el príncipe sea excelente en sí si los ayudantes le desacreditan? Esclarecido rey era Estenón el Segundo de Suecia, pero sus indignos virreyes le escurecieron. Amable era por sus reales prendas, Carlos de Anjou; aborrecido fue por la iniquidad de sus ministros, hasta perder el fértil reino de Sicilia en aquella memorable tarde.

Recaen sobre la cabeza los yerros o los aciertos de los demás miembros; subordinados reyes hubo en nada aventajados por sus personas, que fueron grandemente célebres por la eminencia de sus ministros. Estos hicieron inmortal a Justiniano: Narsés y Belisario, armados; Teófilo y Triboniano, togados; y, al contrario, reyes hubo eminentes por sí y infelices por sus instrumentos del reinar. Mereció por su persona la ilustre Margarita ser reina de Dinamarca, de Noruega y de Suecia; desmereciólos sus prefectos, y perdió los reinos ella. Y es lástima que perezca la inestimable real reputación de un máximo Carlos en España, no por faltas suyas, que no las tuvo, sino por las de sus codiciosos gobernadores.

Un rey de gran capacidad eslo, por el consiguiente, de grande elección. Estimaba don Enrique el Tercero de Castilla (aquel que se preció de gran gobernador, y de verdad lo fue), apreciaba grandemente los aventajados ministros, así de milicia como de gobierno, porque conocía su importancia.

Conservábalos siempre Felipe Segundo el Prudente en artificiosa dependencia, templando sus muchas esperanzas con algo de fruición; que es arte de por sí esta del saber llevar los ministros, el hacerlos y conservarlos.

Algunos atribuyen a suerte de un rey el tener buenos ministros; pero más es, o prudencia en saberlos escoger, o ciencia en saberlos hacer.

No solo los escoge buenos un rey sabio, sino que los hace, los forma, los amaestra. El que ellos sean asortados, no es del príncipe; el conocer si lo son, sí.

Este grande ofício do reinar não pode ser exercido sozinho. Deve-se deixar claro a todos os ministros que eles são reis imediatos. De que adianta que o príncipe seja excelente em si se seus ajudantes diminuem seu crédito? Estenón II da Suécia era um rei iluminado, mas seus indignos vice-reis o escureceram. Por causa das suas qualidades reais Carlos de Anjou era amável, porém foi detestado por causa da iniquidade dos seus ministros, até perder o reino da Sicília naquela tarde memorável⁴¹.

Recaem sobre a cabeça os erros e os acertos dos demais membros. Houve reis subordinados que não eram crescidos em nada por suas pessoas, e que foram muito célebres em decorrência da eminência de seus ministros. Justiniano se tornou imortal pelas armas de Narses e Belisário, e pelas togas de Teófilo e Triboniano. Por outro lado, existiram reis que foram eminentes por si próprios e infelizes pelos seus instrumentos de reinar. A ilustre Margarida mereceu ser rainha da Dinamarca, da Noruega e da Suécia, mas seus prefeitos não fizeram jus a eles, e ela perdeu os reinos. E é uma lástima que se pereça na Espanha a inestimável reputação como rei que teve o máximo Carlos, não por falhas suas, já que não as teve, mas pelas dos seu gananciosos governadores.

Ele é um rei de grande capacidade, por conseguinte, de grande decisão. Estimava Dom Henrique III de Castela (aquele que se considerava grande governador, e de fato o foi), apreciava grandemente os proeminentes ministros, os militares e os de governo, porque conhecia sua importância.

Filipe II, o Prudente, conservava-os sempre em uma dissimulada dependência, moderando suas muitas esperanças com algo prazeroso. Saber conduzir, produzir e conservar os ministros, já por si só uma arte.

Alguns atribuem a sorte de um rei ao fato de ter bons ministros, mas é mais do que isso: ou é prudência em saber escolhê-los ou habilidade em saber fazê-los.

Um rei sábio não só os escolhe bem, como os faz, os forma e os doutrina. O fato de eles serem precipitados não é responsabilidade do príncipe, mas saber se eles o são, sim, é.

El político los forma políticos. Infundíales Luis Undécimo de Francia, aun a los hombres de más común estado, que él juzgaba por más manuales y más dóciles, aquel su político espíritu: su inteligencia en el descubrir, sus reflejos en el prevenir, su destreza en el negociar, su artificio en el proceder.

El valeroso y ejercitado en las armas los saca grandes guerreros; fue seminario de insignes capitanes la tienda del emperador Carlos Quinto. Obró grandes cosas por sí, mayores por ellos; su felicidad extraordinaria se les pegaba y los asistía.

Así que el político Luis los hace políticos; el batallador don Jaime, valerosos; el sabio Carlos francés, sabios; el gobernador Enrique de Castilla, grandes gobernadores; el santo Fernando, rectos; el prudente Filipo, prudentes; el justiciero don Jaime de Aragón, justicieros. Y el gran Filipo Cuarto de las Españas, porque lo es todo, ha tenido un ministro, digo, un archiministro: el Excelentísimo señor don Gaspar de Guzmán, Conde-Duque de Olivares, eminente en todo, ministro Grande del monarca Grande. Verdaderamente gigante de cien brazos, de cien entendimientos, de cien prudencias. Que sin duda previno el Cielo para los mayores riesgos de esta Católica Monarquía los mayores hombres. Y el conjurarse el mundo todo contra ella no ha sido sino para que las reales y ducales prendas saliesen a la luz universal de todo el orbe y de todos los siglos.

Pero lo que más le ayudó a Fernando para ser príncipe consumado de felicidad y de valor fueron las esclarecidas y heroicas prendas de la nunca bastantemente alabada reina doña Isabel, su católica consorte, aquella gran princesa que, siendo mujer, excedió los límites de varón.

O político os forma políticos. Incutia-lhes Luís XI da França, ainda que aos homens mais simples, que ele considerava mais manipuláveis e dóceis, aquele seu espírito político: sua inteligência no descobrir, seus reflexos no prevenir, sua destreza no negociar, sua habilidade no proceder.

Produz grandes guerreiros aquele que é valente e tem prática no uso das armas. A tenda do imperador Carlos V foi seminário de ilustres capitães. Realizou grandes coisas por si e maiores ainda por eles. Sua extraordinária felicidade os tocava e os ajudava.

Dessa forma o político Luís os faz políticos; o batalhador Dom Jaime, valentes; o sábio francês Carlos, sábios; o governador Henrique de Castela, grandes governadores; o santo Fernando, retos; o prudente Filipe, prudentes; o justiceiro Dom Jaime de Aragão, justiceiros. E o grande Filipe IV das Espanhas por ser tudo isso teve um ministro, digo, um arquiministro, que foi eminente em tudo: o excelentíssimo Dom Gaspar de Guzmán, Conde-Duque de Olivares, Grande ministro de um Grande monarca. Um verdadeiro gigante de cem braços, de cem entendimentos e de cem prudências. Que sem dúvida o céu previu os maiores homens para os maiores riscos desta Católica Monarquia. E o fato do mundo todo conjurar-se contra ela não foi se não para que as qualidades reais e ducais saíssem à luz universal de todo o mundo e por todos os séculos.

Mas o que mais ajudou Fernando a ser um príncipe pleno de felicidade e de coragem foram as singulares e heróicas qualidades da nunca enaltecida o bastante rainha Dona Isabel, sua católica esposa, aquela grande princesa que, sendo mulher, excedeu os limites de um varão.

Acarrea mucho bien la buena y prudente mujer, así como la imprudente mucho mal. Las madres, por respeto; las esposas, por amor, obran mucho con los príncipes. Pudo la sabia y cuerda Mesa, el tiempo que vivió, encubrir, si no enfrenar, las monstrosidades de Heliogábalo, su nieto. La santa emperatriz Elena reengendró en cristiandad y toda virtud al grande emperador Constantino. Mientras vivió su religiosa madre, fue otro Federico emperador. Gran parte de la heroica santidad de Luis Nono de Francia se debe a la enseñanza de la española doña Blanca, su gran madre. La santa aragonesa doña Isabel, inmortal reina de Portugal, fue oráculo de virtud y de paz entre el rey don Dionisio, llamado el Fabricador, su esposo, y el príncipe don Alonso, llamado el Bravo, su hijo. Con su disciplina religiosa vencía la militar, y con su piedad deshizo los armados escuadrones de un padre contra un hijo y de un hijo contra un padre, cruces contra cruces y quinas que amenazaban quinas. Nuestra inestimable reina y señora doña Margarita de Austria, riqueza mayor de España, cuya santa memoria está siempre fresca en el continuo llanto, hizo más santo a su esposo, y llenó el mundo de católica sucesión de Atlantes de la Fe, de columnas de la religión, de soles de la cristiandad.

¡Dichoso el príncipe a quien una prudente y santa madre le saca segunda vez a la luz de la virtud y, como cristiana Osa, le va formando y informando!

Con todo eso suele predominar más en la voluntad de un príncipe el intenso amor de una esposa que el reverencial de una madre; ilustraron a muchos sus consortes y a muchos los deslustraron. Viose esta diferencia en el rey don Juan el Primero de Aragón, a quien su primera mujer le hizo amable de sus vasallos, y la segunda, aborrecible.

Reinan comúnmente en este sexo las pasiones de tal modo, que no dejan lugar al consejo, a la espera, a la prudencia, partes esenciales del gobierno, y con la potencia se aumenta su tiranía. Pero la que por su corregido natural salió sabia, y prudente, lo fue con extremo, y, ordinariamente, las muy varoniles fueron muy prudentes.

A mulher boa e prudente conduz muito bem, assim como a imprudente muito mal. As mães por respeito e as esposas por amor tem muito trabalho com os príncipes. A sábia e ajuizada Mesa no tempo em que viveu pôde encobrir, se não frear, as monstruosidades de seu neto Heliogábalo. A santa imperatriz Helena ressuscitou o grande imperador Constantino em cristandade e em todas as virtudes. O imperador Frederico foi outro enquanto sua mãe viveu. Grande parte da santidade heróica de Luís IX da França se deve aos ensinamentos da espanhola dona Branca, sua grande mãe. A santa aragonesa dona Isabel, imortal rainha de Portugal, foi oráculo de virtude e de paz entre o seu marido, o rei Dom Dinis, chamado de o Lavrador, e o seu filho, o príncipe Afonso, chamado de o Bravo. Com sua disciplina religiosa vencia a militar, e com sua piedade desfez os esquadrões armados de um pai contra um filho e de um filho contra um pai, cruces contra cruces e brasões que ameaçavam brasões. Nossa inestimável rainha e senhora Dona Margarida da Áustria⁴², riqueza maior da Espanha, cuja santa memória está sempre fresca em contínuo pranto, fez seu esposo mais santo, e encheu o mundo de católica sucessão de Atlas da Fé, de colunas da religião, de sóis da cristandade.

Feliz o príncipe a quem uma prudente e santa mãe dá uma segunda vez à luz da virtude e, como a cristã Osa, vai formando-o e informando-o!

Com tudo isso geralmente predomina mais na vontade de um príncipe o intenso amor de sua esposa que a reverência de uma mãe. A muitos suas consortes fizeram ilustres e a outros tantos fizeram medíocres. Viu-se essa diferença no rei Dom João I de Aragão, a quem sua primeira mulher lhe fez amado por seus vassallos, enquanto a segunda o fez detestado.

As paixões reinam geralmente neste gênero, e não deixam espaço para os conselhos, a espera e a prudência, partes essenciais do governo, e com o poder aumenta sua tirania. Porém, aquela que por correção natural saiu sábia e prudente, o foi imensamente, e frequentemente as muito viris foram muito prudentes.

Asegurado un príncipe de la buena capacidad de su consorte, déle lugar de conreinar, mas siempre con templanza. Valía por dos el gran rey don Ramiro el Primero de Castilla, ayudado de la prudencia y del valor de la reina doña Urraca, su mujer. Y mucho más, el rey don Juan el Segundo de Aragón, de la reina doña Juana; dividíanse el trabajo entrambos en tanto que el rey conducía en un reino los ejércitos, la reina tenía Cortes en el otro, y, como resplandeciente luna, suplía las ausencias del bien ocupado rey.

No es mucho el consejo de una mujer, pero bueno; perdióse por no abrazarlo el rey don Juan, último de Navarra, y debiera conservarse rey por el consejo de la que le hizo rey.

Bien es que cele un príncipe su mando de todos, pero ceda a la razón en todos, y más en una consorte sabia y santa.

Una hermana prudente, cuerda y sagaz bien puede entrar en lugar de esposa o madre. Fuelo con don Enrico el Primero de Castilla la esclarecida reina de León doña Berenguela, su hermana, que mientras le asistió, gozó de tranquilidad Castilla. En España han pasado siempre plaza de varones las varoniles hembras, y en la casa de Austria han sido siempre estimadas y empleadas.

Fue rara, y singular entre todas, la Católica reina doña Isabel, de tan grande capacidad, que, al lado de la de un tan gran rey, pudo no solo darse a conocer, pero lucir. Mostróse primero en escogerle, y después en el estimarle. Cada uno de los dos era para hacer un siglo de oro y un reinado felicísimo, cuanto más entrambos juntos.

Llegó Fernando a donde pocos llegaron, al extremo de la política, a hacer de su gobierno dependencia, a que conociese la monarquía que ella le había de menester a él, y no al contrario; los mismos que le ahuyentaron con su ingratitud, le instaron con sus ruegos, buscáronle agraviado, pero prudente; y juzgaron por mayor mal carecer de sus acertados dictámenes que sujetarse a su indignada prudencia.

Um príncipe seguro da boa capacidade de sua esposa deve dar lugar a ela para co-reinar, mas sempre com temperança. Valia por dois o grande rei Dom Ramiro I de Castela, ajudado pela prudência e coragem da rainha Dona Joana. Dividiam o trabalho entre eles, assim, enquanto o rei conduzia os exércitos em um reino, a rainha mantinha Cortes em outro, e, como lua resplandecente, supria as ausências do muito ocupado rei.

Não é muito o conselho de uma mulher, mas é bom. O rei Dom João, último de Navarra, perdeu por não abraçá-lo, e deveria ter se mantido rei pelo conselho daquela que o fez rei.

É bom que um príncipe em seu comando zele por todos, mas ceda à razão de todos, e mais ainda de uma esposa sábia e santa.

Uma irmã prudente, cautelosa e sagaz pode substituir bem uma esposa ou uma mãe. Foi o que aconteceu com Dom Henrique I de Castela e rainha Dona Berengária de Leão, sua esclarecida irmã, pois enquanto ela o assistiu Castela gozou de tranquilidade. Na Espanha mulheres viris sempre passaram pelo posto de varões, e na casa da Áustria têm sido sempre estimadas e utilizadas.

Foi rara, e singular entre todas, a Católica rainha Dona Isabel, de tão grande capacidade, que, ao lado de um rei tão grandioso pôde não somente se fazer conhecida, como brilhar. Mostrou-se primeiro por escolhê-lo, e depois por estimá-lo. Era para cada um dos dois fazer um século de ouro e um reinado felicíssimo, quanto mais os dois juntos.

Fernando chegou aonde poucos chegaram, ao extremo da política, a fazer com que o governo dependesse dele, a fazer com que sua monarquia soubesse que ela necessitava dele, e não o contrário. Os mesmos que o afastaram com sua ingratidão, instaram-lhe com suas preces, encontraram-lhe ressentido, mas prudente. E julgaram pior ficar sem seus acertados ditames do que sujeitarem-se a sua indignada prudência.

Pocos príncipes llegaron a esta gloria; más fueron los detestados que los deseados; y, si don Sancho mereció en Castilla este renombre, fue más por una bien concebida esperanza que por una encanecida experiencia. No llegó Tito a cumplir los seis años buenos, y aun óptimos, de Nerón. Fueron algunos arrebatados, antes que la malicia les mudase el buen juicio.

La variedad es madre del gusto, por lo menos del alivio, y la mudanza de superiores fue siempre plausible; no reparando en que los azares del que acaba suelen trocarse en otros de otra especie en el que comienza.

Solo Fernando fue privilegiado de esta universalidad, fénix del mundo, que volvió a renacer a él con aplausos de único. Volvió a Castilla con triunfo de reputación, y llegó el encarecimiento de un gran político a decir que el remedio de esta monarquía, si acaso declinase, no era otro sino que resucitase el Rey Católico y volviese a restaurarla.

Fundada, atendió Fernando a perficionarla en todo género de adorno, cultura y perfección política.

Fundó Rómulo la República romana; no le dio lugar de perfeccionarla o el retorno del castigo fraterno, o el engañoso premio del Senado, quedó esta obligación para los sucesores; que no es la menor importante regla de política dejar gloriosamente empeñado al sucesor, dejarle algún heroico empeño. Desta suerte se despertó Solimán, mozo poco experimentado, y, con la rebelión del Gacele y Mamelucos, de un manso cordero, que comenzaba a reinar, se transformó en un furioso león de los ejércitos.

Entró, pues, Numa, y introdujo la religión, aunque falsa, como fundamento de todo gobierno. Inventó dioses y culto, sacerdotes y sacrificios. Sucedióle Tulo Hostilio y puso en ser la milicia, añadiendo al valor la disciplina. Luego Anco adornó de edificios la ciudad, de muros, y de puente, y fundó las colonias. Después dél, Prisco autorizó la majestad real y las de los magistrados con leyes y con insignias. Ultimamente, Servio estableció las rentas de la República, los pechos y gabelas, que, moderados, son nervios de su conservación, y, excesivos, de su ruina. Así que Rómulo forma la monarquía y los demás la adelantan y perfeccionan.

Poucos príncipes chegaram a esta glória. Foram mais detestados do que desejados. E se Dom Sancho mereceu em Castela seu renome foi mais por uma esperança bem concebida do que por uma envelhecida experiência. Tito não chegou a cumprir os seis bons anos, na verdade ótimos, de Nero. Alguns foram arrebatados antes que a malícia lhes mudasse o bom juízo.

A variedade é a mãe do gosto, pelo menos do alívio, e a mudança de chefes sempre foi plausível. Não reparando que os equívocos daquele mandato que chega ao fim podem ser trocados por outros de outra espécie no mandato que começa.

Somente Fernando foi privilegiado com esta universalidade, fênix do mundo, que voltando ele a renascer recebeu aplausos como se fosse único. Voltou a Castela com triunfo notável, e a carência de um grande político o fez chegar ao ponto de sugerir que, caso a monarquia declinasse, não haveria outra solução que não ressuscitar o Rei Católico e ele voltasse para restaurá-la.

Uma vez fundada, Fernando cuidou de aperfeiçoá-la em todos os gêneros de adorno, cultura e perfeição política.

Rômulo fundou a República romana, e não teve a chance de aperfeiçoá-la ou por retaliação ao castigo do irmão, ou pelo enganoso prêmio do Senado, esta obrigação ficou para seus sucessores. Pois não é a regra menos importante da política deixar o sucessor gloriosamente comprometido, deixando-lhe algum compromisso heróico. Dessa forma Solimão, moço pouco experimentado, se despertou, e, com a rebelião de Gacele e dos Mamelucos, de um manso cordeiro que começava a reinar se transformou num furioso leão dos exércitos.

Numa entrou, pois, e introduziu como fundamento de todo o governo a religião, ainda que falsa. Inventou deuses e cultos, sacerdotes e sacrifícios. Túlio Hostílio sucedeu-lhe e se colocou como milícia, acrescentando disciplina à coragem. Em seguida Anco adornou a cidade com edificações, muros e pontes, e fundou as colônias. Depois dele veio Prisco, que reconheceu a majestade real e as dos magistrados com leis e insígnias. Por último veio Sérvio, que estabeleceu as rendas da República, os tributos e impostos, que se forem moderados são motivo de sua longevidade, e se forem excessivos são motivos de sua ruína. Dessa forma que Rômulo fundou a monarquia e os demais a aperfeiçoam e a fizeram avançar.

Lo que todos estos hicieron en la monarquía de Italia obró Fernando solo en la de España. Él la hizo religiosa con purgarla de unos y otros infieles y con ensalzar el tribunal sacro y vigilante de la Inquisición. El la hizo valerosa, dando a conocer el esfuerzo de los españoles a las naciones extranjeras, con súbito espanto de su potencia. Majestuosa, poniendo en su punto la autoridad real, tan atropellada antes y aun competida. Rica, no con tributos, sino con sus flotas perenes, ríos de oro, plata, perlas y otras riquezas que entran cada año de la India. Sabía contraer a ella varones doctos y insignes en letras humanas y divinas. Finalmente, feliz en todo género de perfección y de cultura. De suerte que, con mucha razón, el prudentísimo Filipo, su nieto, haciendo cortesía a sus retratos añadía: "A este lo debemos todo."

Con ser tan conocidos y seguros sus aciertos, no contento, no satisfecho de su interior y de la pública aprobación, solía este gran príncipe examinarse de rey. Solía con ardid tomarse a sí mismo residencia.

Si es tan dificultoso conocerse cualquier hombre, ¿qué será un rey? Conocerse en sí mismo, no lo permite la propia afición; conocerse en los otros, no lo sufre la trascendental adulación. No tiene espejo un rey, pero aquí entra la industria si él es sabio.

Disimulábase príncipe Germánico (pondera Tácito); y, así mentido, iba busca de la verdad por los desapasionados ranchos de sus soldados: tal vez escuchaba encomios con fruición, y tal vez lo contrario, con desengaño.

Desta misma destreza se valía Carlos Quinto, hecho espía de su reputación, y exploraba los ánimos de los suyos en aquella incauta libertad. Ni el odio ni la lisonja son cristales fieles, adulteran a lo encontrado la verdad: aquel, de las virtudes hace vicios; y esta, de los vicios, virtudes.

O que todos esses fizeram na monarquia da Itália, Fernando realizou sozinho na Espanha. Ele a fez religiosa com a expulsão de uns e outros infiéis e com a instauração do sacro e vigilante tribunal da Inquisição. Ele a fez notável, fazendo com que todas as nações estrangeiras tomassem conhecimento do esforço dos espanhóis, que rapidamente se espantavam com seu poder. Era majestosa, colocando a autoridade real no seu ponto certo, pois estava tão desorganizada antes e mesmo assim ainda era desejada. Era rica, não pelos tributos, mas por suas perenes frotas, rios de ouro, prata, pérolas e outras riquezas que entravam a cada ano vindas da Índia. Sabia atrair para ela varões doutos e conhecedores das ciências humanas e divinas. Portanto, a fez feliz em todos os tipos de perfeição e de cultura, de sorte que, com muita razão, o prudentíssimo Filipe, seu neto, fazendo reverência a ele incluía nos seus retratos a seguinte frase: “A este devemos tudo.”

Por serem tão conhecidos e inegáveis seus acertos, e por não ter se contentado com seu território e com a aprovação popular, costumava este grande príncipe examinar-se como rei. Costumava com ardileza prestar conta a si próprio.

Se é tão difícil um homem qualquer se conhecer, imagine um rei? A afeição a si próprio não permite alguém conhecer-se a si mesmo. E conhecer-se a partir da percepção dos outros é difícil pela bajulação exagerada. Um rei não tem espelho, mas se ele é sábio é aqui que a engenhosidade entra.

Discorre Tácito, que ele se passava por um príncipe Germânico e mentindo dessa forma ia buscar a verdade nos imparciais ranchos de seus soldados. Às vezes escutava elogios com satisfação, e às vezes escutava o contrário com desapontamento.

Carlos V valia-se dessa mesma técnica. E como espião da sua própria reputação ele sondava os ânimos dos seus durante aquela incauta liberdade. Nem o ódio nem a lisonja são lentes fiéis, pois adulteram a verdade daquilo que se observa. O ódio transforma as virtudes em vícios, e a lisonja os vícios em virtudes.

Perdido en la caza Francisco Primero de Francia, desde entonces Grande, hizo noche en casa de la sencillez, y, entre unos villanos, le amaneció el sol de la verdad; y solía repetir el discretísimo príncipe: "Yo me gané perdido, porque mudé de rumbo."

De algunos simples y de locos hicieron príncipes muy prudentes oráculos de la verdad, que ya ellos solos la dicen. Refieren sin recelo lo que otros hablaron delante de ellos sin reparo. Esta fue la relevante sutileza de Fernando y corona de su política.

Murió a los sesenta y cuatro años de su preciosa edad, y a los cuarenta de su feliz reinado. Gran dicha de una monarquía cuando sus reyes mueren viejos y no comienzan niños. Vivió poco en la fruición y eternamente en el deseo. El día que murieron Fernando y Carlos, su gran nieto, lloró toda la cristiandad, alegróse toda la infidelidad; volviéronse las veces el día que perecieron Selim y su hijo.

Perdido durante uma caçada, Francisco I da França, desde então Grande, passou a noite entre plebeus numa casa muito simples, e ali o sol da verdade amanheceu para ele. Costumava repetir o discretíssimo príncipe: “Eu ganhei me perdendo, pois mudei de rumo.”

Príncipes muito prudentes transformaram alguns simples e loucos em oráculos da verdade, pois a falam espontaneamente. Sem receio eles reproduzem sem modificar o que outros disseram diante deles. Esta foi a relevante sutileza de Fernando e coroa de sua política.

Morreu aos sessenta e quatro anos de sua preciosa idade, e aos quarenta do seu feliz reinado. Grande felicidade de uma monarquia quando seus reis morrem velhos e não começam crianças. Viveu pouco na fruição, mas eternamente no desejo. O dia em que morreram Fernando e Carlos, seu bisneto, toda a cristandade chorou, e todos os infiéis se alegraram. Parecia que o dia em que pereceram Selim e seu filho voltava.

Pero no murió Fernando, que los famosos varones nunca mueren. Anda siempre la fama por extremos. No hay medianía en los reyes. Son conocidos, o por muy buenos, o por muy malos. Así como hay unos prodigios gloriosos, así hay otros monstruos detestables. Unos que fueron basas de la monarquía para subir; otros, tropiezos para caer: reyes de horror, de escándalo, de infamia, cuya memoria se va eternizando en los bronce de la tradición. Unos acabaron con la Monarquía, como Constantino con la de Grecia; otros con su prosapia, como Quilderico con la de Clodoveo, y otros con religión, como Enrico Octavo de Inglaterra. Comenzó a declinar el reino de Israel en Roboam, por su imprudencia; en Galieno el Imperio romano, por su flojedad; en Caloxanes el griego, por su inadvertencia. Pereció la monarquía de los asirios en Sardanapalo, por sus delicias; en Astiages la de los medos, por su tiranía; en Dario la de los persas, por su descuido; en Rodrigo la de los godos, por su lascivia; en Constantínulo la de los griegos, por su incapacidad. Durarán eternamente la falsedad de Tiberio, la iniquidad de Calígula, la estolidez de Claudio, la tiranía de Nerón, la lujuria de Heliogábalo, la insensibilidad de Galieno, la ineptitud de Carlos el francés, la crueldad de Pedro el castellano, la flojedad de Sancho el portugués, la abominación de Enrico Cuarto el sueco, la infamia de Mauregato, la obstinación de Federico, la ceguera de Enrico Octavo. Temblando había de estar siempre un monarca de poder ser agregado a tan horrible caterva.

Otro augustísimo teatro tiene la fama: de honor, de heroicidad, de lucimiento; y en él diversos coros, según las eminencias y renombres, y en todos admiro a Fernando con aplauso trascendente: en el de una sacra católica piedad, entre un Teodosio, Enrique, Otón y Rodolfo, primeros deste nombre; entre ambos Ferdinandos, el Primero y el Segundo, emperadores; entre Recaredo, Bamba, Pelayo, don Fernando y Filipo Terceros de España; entre Clodoveo, Carlo Magno y Luis Nono de Francia; entre Esteban Primero de Hungría, Enrico Primero de Suecia, Olao Primero de Norbega y Casimiro de Polonia.

Mas Fernando não morreu, pois os varões famosos nunca morrem. A fama anda sempre nos extremos. Não há mediania nos reis. São conhecidos ou por muito bons ou por muito ruins. Assim como há prodígios gloriosos, também há monstros detestáveis. Uns que foram base para a monarquia subir, outros que foram tropeços para ela cair. Reis de horror, de escândalos, de infâmia, cuja memória se vai eternizando nos bronzes da tradição. Uns acabaram com a Monarquia, como Constantino com a da Grécia; outros com sua linhagem, como Quílderico com a de Clóvis; e outros com a religião, como Henrique VIII da Inglaterra. Começou a declinar o reino de Israel em Roboão, por sua imprudência; em Galiano o império romano, por sua frouxidão; em Caloxanes o grego, por sua negligência. A monarquia dos assírios pereceu em Sardanápalo por seus prazeres; a dos medos pela tirania de Astíages; a dos persas pelo descuido de Dario; a dos godos pela lascívia de Rodrigo; a dos gregos pela incapacidade de Constantino. Duraram eternamente a falsidade de Tibério, a injustiça de Calígula, a estupidez de Cláudio, a tirania de Nero, a luxúria de Heliogábalos, a insensibilidade de Galiano, a inaptidão de Carlos o francês, a crueldade de Pedro o castelhano, a frouxidão de Sancho o português, a abominação de Henrique IV o sueco, a infâmia de Mauregato, a obstinação de Federico⁴³, a cegueira de Henrique VIII. Um monarca deveria sempre ter medo de poder ser agregado a essa corja.

A fama tem outro glorioso palco: honra, heroísmo, esplendor. E nele existem diversos coros, de acordo com as eminências e renomes, e em todos está Fernando, a quem admiro com aplauso transcendente. No de uma piedade sagrada e católica ele aparece entre Teodósio, Henrique, Otão e Rodolfo, primeiros; entre os imperadores, Ferdinando I e Ferdinando II; entre Recaredo, Bamba, Pelágio e Dom Fernando III e Felipe III, da Espanha; entre Clóvis, Carlos Magno e Luis IX da França; entre Estevão I da Hungria, Henrique I da Suécia, Olavo I da Noruega e Casimiro da Polônia.

En el de los valerosos, entre Julio César, don Jaime el Conquistador, el Tamorlán, Quingui, Mahometo Segundo, Carlos Quinto, el bravo Selim, Solimán y Enrico Cuarto de Francia. En el de los magnos, entre un Alejandro, Constantino, Carlo Magno, Alfonso Tercero y Filipo Cuarto de España. En el de los sabios, entre Ismael Sofí, Carlos Quinto de Francia, Alberto de Austria y don Sancho Cuarto de Navarra. En el de los políticos, entre un Luis Undécimo de Francia, Estéfano Bator de Polonia, Matías Corvino de Hungría. En el de los prudentes, entre un Justiniano emperador, Maximilia- no Primero, Gostavo Primero de Suecia y Filipo el Segundo de España. En el de los magnánimos, entre Nino el Primero de Asiria, Jerjes el Primero de Persia, Octaviano Augusto y don Alonso el de Nápoles. En el de los bienquistos, entre Hispán, dando a España su apellido Tito, llamado "Delicias del género humano", Otón Tercero, dicho "Milagro del Mundo", y don Sancho el Deseado. En el de los felicísimos, entre un Numa Pompilio Filipo el macedón, Antonino y don Manuel de Portugal. En el de los justicieros, entre un Jerjes Longímano dando a su camarero el precio del so borno; Antioco, retratando todas las injusticias de su imperio; Seleuco, estimando la justicia más que a sus ojos; Aureliano emperador, castigando a los traidores, y Nerva, los ingratos; don Jaime el Segundo de Aragón, dicho el Justiciero, y don Alonso el Undécimo de Castilla, el Conquistador. Finalmente, en todos los catálogos del aplauso y de la fama hallo a nuestro universal Fernando por católico, valeroso, magno, político, prudente, sabio, amado, justiciero, feliz y universal héroe.

Esta es, ¡oh, excelentísimo Duque, gloria máxima de los Carafas e inmortal corona mía!, una ruda copia del que fue perfectísimo dechado de monarcas. El último rey de los godos, por línea de varón; pero el primero del mundo, por sus prendas cuyo mayor acierto, entre tantos, fue haber escogido, digo haber ejecutado la ya superior, divina elección de la catolicísima casa de Austria.

No dos valentes, ele está entre Julio César, Dom Jaime o Conquistador, o Tamerlão, Gengis Khan, Maomé II, Carlos V, o bravo Selim, Solimão e Henrique IV da França. No dos magnos, entre um Alexandre, Constantino, Carlo Magno, Afonso III e Filipe IV de Espanha. No dos sábios, entre Ismael Sofi, Carlos V da França, Alberto de Áustria e Dom Sancho IV de Navarra. No dos políticos, entre um Luís XI da França, Estéfano Bator da Polônia, Matias Corvino da Hungria. No dos prudentes, entre um Justiniano imperador, Maximiliano I, Gustavo I da Suécia e Filipe II da Espanha. No dos magnânimos, entre Nino I da Assíria, Xerxes I da Pérsia, Otaviano Augusto e Dom Afonso de Nápoles. No dos bem-quistos, entre Hispán, dando a Espanha seu nome; Tito, chamado "Delícias do gênero humano", Otão III, chamado "Milagre do Mundo", e Dom Sancho o Desejado. No dos felicíssimos, entre um Numa Pompílio, Filipe o macedônio, Antonino e Dom Manuel de Portugal. No dos justiceiros, entre um Artaxerxes Longímanso, dando a seu criado o valor do suborno; Antíoco, retratando todas as injustiças do seu império; Seleuco, estimando a justiça mais que a seus olhos; Aureliano imperador, castigando aos traidores, e Nerva, os ingratos; Dom Jaime II de Aragão, chamado o Justiceiro, e Dom Afonso XI de Castela, o Conquistador. Finalmente, em todos os catálogos do aplauso e da fama encontrou-se o nosso universal Fernando por católico, valente, magno, político, prudente, sábio, amado, justiciero, feliz e universal herói.

Ó, excelentíssimo Duque, glória máxima dos Carafas e minha imortal coroa, esta é uma cópia grosseira do que foi o perfeitíssimo legado dos monarcas. O último rei dos godos por primogenitura, mas o primeiro do mundo por suas qualidades, cujo maior acerto foi ter escolhido, quero dizer, haver executado desígnios superiores, da divina escolha da católica casa da Áustria.

Casa que la ensalzó Dios, para ensalzar con ella su Iglesia, acabándose las discordias tan antiguas como crueles entre los Federicos emperadores y los sagrados Pontífices, comenzando la paz en el emperador Rodolfo de Austria. Casa que, después que ella reina, no sabe la Iglesia del Señor qué son cismas, ni los conoce. Casa que volvió los Sumos Pontífices de Aviñón a su trono de Roma y mantiene su autoridad suprema. Casa que la levantó Dios para muralla de la cristiandad contra la potencia otomana. Casa que la fortaleció Dios para ser martillo de los herejes en Bohemia, Hungría, Alemania, Flandes, y aun en Francia. Casa que la formó Dios para riquísimo número de santos, emperadores, emperatrices, reyes, reinas y archiduques. Casa que la extendió Dios por toda la redondez de la tierra, para dilatar por toda ella su Santa Fe y Evangelio. Casa que la escogió Dios en la ley de gracia, así como la de Abrahán en la escrita, para llamarse Dios de Austria, Dios de Rodolfo, de Felipe y de Fernando. Esta, pues, escogió el católico y sabio rey para sucesora augusta de su católico celo, para heredera de su gran potencia, para conservadora de su prudente gobierno, para dilatadora de su felicísima monarquía que el Cielo haga universal. Amén.

Casa que Deus engrandeceu, para engrandecer com ela sua Igreja, acabando-se as discórdias tão antigas, como cruéis, entre os imperadores Fredericos e os sagrados pontífices, começando a paz no imperador Rodolfo da Áustria. Casa que, depois que ela reina, a Igreja do Senhor não sabe o que são cismas nem as conhece. Casa que devolveu os Sumos Pontífices de Avinhão a seu trono de Roma e mantém sua autoridade suprema. Casa que Deus levantou para ser muralha da cristandade contra a potência otomana. Casa que Deus fortaleceu para ser martelo dos hereges na Boêmia, Hungria, Alemanha, Flandres e também na França. Casa que Deus construiu para um grande número de santos, imperadores, imperatrizes, reis, rainhas e arquidukes. Casa que Deus estendeu por toda a circunferência da terra, para expandir por toda ela sua Santa Fé e Evangelho. Casa que Deus escolheu na lei da graça, assim como Abraão na escrita, para chamar-se Deus da Áustria, Deus de Rodolfo, de Felipe e de Fernando. O católico e sábio rei, por sua vez, escolheu esta para ser sucessora solene do seu católico zelo, para ser herdeira de sua grande potência, para ser mantenedora do seu prudente governo, para dilatação de sua felicíssima monarquia que o Céu faça universal. Amém.

NOTAS

1 *caracteres deformados*. A frase sobre os caracteres deformados das letras de Fernando o Católico, que Gracián comenta em seu livro e que tem sido objeto de tantas tergiversações, tem em Quevedo o precedente retórico imediato... Tal precedente se constitui na *Carta do rei Dom Fernando O Católico ao primeiro Vice-rei de Nápoles, cujo original está no arquivo de Nápoles, comentado por Dom Francisco de Quevedo y Villegas: A Dom Baltasar de Zúñiga, 24 de abril de 1621*.

2 *Comines*. Philippe de Commines (1445?-1511). Nasceu nas proximidades de Lille. Pertencente a uma família rica de burgueses flamencos enobrecidos, chegou a ser Moço de Câmara de Carlos o *Temerário*, a quem traiu por Luís XI. Este lhe incumbiu de importantes missões diplomáticas. Sob Carlos VIII, caiu em desgraça. A partir de então se dedicou a redigir suas *Memórias*. Os seis primeiros livros, escritos em 1488-94, relatam os acontecimentos ocorridos desde 1464 à morte de Luís XI; os dois últimos livros, escritos em 1497-1501, se referem à guerra da Itália e acabam com a morte de Carlos VIII.

Comines foi utilizado por Gracián, principalmente para exemplos históricos, através da tradução espanhola de Vitrián: *Memórias de Felipe Comines, Senhor de Argentón, dos feitos e empreitadas de Luís Décimo-primeiro e Carlos VIII, reis da França, traduzidas do Francês com escólios próprios por dom João Vitrián, prior e provedor de Catalayud, assessor do Santo Ofício e capelão do Rei Nosso Senhor* (Antuérpia, 1643).

3 *Rômulo... significativo nome*. “Da força de suas armas deram este nome à cidade, que isso quer dizer Roma” (Plutarco: *Vidas Paralelas, Rômulo*, I; em grego *rome* significa *força*).

4 Gracián compara Fernando o Católico como *o verdadeiro Gerião da Espanha*. Gerião é aquele gigante que tinha três cabeças, muito cruel, que Hércules venceu e matou. Este assunto, com leves modificações, foi tratado por Alciato em seu texto *Concordia insuperabilis*, ou seja, invencível concórdia. Nele refere Alciato

que Hércules, desejoso de arrebatrar os gados dos três irmãos Geriões, não pôde conseguir isso enquanto eles estiveram concordes, mas sim quando estavam desunidos. A figura de Gerião estava vinculada à Espanha, como se pode ver na *Filosofia secreta* de Juan Pérez de Moyá: “O sentido histórico desta fábula é que na terra de Extremadura habitava um poderoso rei chamado Gerião”, etc., etc. (Madri, *Los Clásicos Olvidados*, 1928, t. II, p. 118-121.) A fábula de Gerião, na época moderna, adquiriu, na Espanha, um sentido político.

5 *Xerife*: Muley Hamet, chamado de Xerife africano. Gracián pôde ter notícias dele lendo os *Elogios* de Giovio ou Jovio.

6 *Quingui*. Gengis Khan.

7 *Baltasar*. Filho de Felipe IV. Viveu pouco (1629-46), quebrando-se as esperanças que ele tinha para a sucessão do reino. Gracián dedicou-lhe sua *Arte do Engenho* (1642) e *O Discreto* (1646).

8 A expressão *maior filósofo do mundo* se refere a Aristóteles.

9 *marquês de Mariñano*. Giovanni Giacomo Medici, marquês de Marignano, que esteve a serviço de Carlos V. Gracián faz referência a ele em *O Herói*, XI.

10 Tsung-Te.

11 *Carlos Emanuel de Saboia*. Recorde-se o que Gracián se referira a ele em *O Herói*, IV, “Coração de rei”: “Rompeu com apenas quatro dos seus o Aquiles moderno, Carlos Emanuel de Saboia, por meio de quatrocentas couraças inimigas, e satisfaz à admiração universal dizendo que não há companhia no maior aperto como a de um grande coração”.

12 *um político Sérvio*. Na edição de 1646, por errata, um político Sergion. Se trata de Sérvio Túlio, rei romano, que personifica uma das reformas mais

importantes da Roma antiga: a da Constituição que leva seu nome. A errata tem persistido até nossos dias.

13 *monarquia florida*, por ser representada por uma flor de lis.

14 *um Pontífice santo*. Referência a São Pio V.

15 *um monarca católico*: Felipe II.

16 *breve Santa Liga*. Referência à aliança em o papado e a monarquia espanhola de Filipe II, em vista da vitória sobre os turcos e retomada da Terra Santa.

17 Diadema ou coroa usados persas, assim chamada em grego. Xerxes recebeu a monarquia persa do seu pai Dario o *Grande*.

18 *o outro Afonso*. Afonso X, o *Sábio*.

19 *os dois ímpios políticos*: Maquiavel e Bodin.

20 *trunfos*: O sentido latino dessa palavra diz respeito à maior honra que o povo romano dava ao capitão vencedor dos inimigos.

21 Referência a Santo Ambrósio.

22 Referência a Sêneca.

23 *Quíron*. Ou, como escreve Gracián, influenciado pelo latim, Chirón, foi um centauro, filho de Saturno.

24 João II e Henrique IV de Castela.

25 *o grande Luís da França*: Luís IX, o *Santo*, ou São Luís da França.

26 *o rei Dom Sancho*. Referência ao segundo rei de Aragão, Sancho Ramires (1064-1094), sitiador de Huesca, diante da qual morreu por uma flecha. Seu filho e sucessor, Pedro I (1094-1104), apoderou-se de Huesca.

27 *grave infelicidade*. Pode referir-se à situação espiritual da Catalunha em relação à França», em seu tempo.

28 *o político Luís de França*: Luís XI.

29 *o guerreiro e bravo Carlos da Borgonha*: Carlos o *Temerário*, duque de Borgonha (1467-77)

30 *Filípico*: Filipe de Bizâncio.

31 *os três Pedros*: Pedro I de Castela, Pedro I de Portugal e Pedro IV de Aragão foram contemporâneos e com o apelido de *Cruel*.

32 *político prudente*. Gracián, para retirar todo sentido maquiavélico à palavra *político*, apõe-lhe um adjetivo.

33 *disse Platão, e apreciou Valério*. Segundo Edward Sarmiento (*op. cit.*, pág.193), disse Platão em *A república* (473 C-D) e o aprecia Valério Máximo em *Feitos e ditos memoráveis* (2 ext., 4).

34 *o persa Tomás*: Thamas I da Pérsia

35 *Caio Veleio*: Caio Veleio Patérculo, senador romano, do século I.

36 *fazer antídoto do veneno*. Referência ao ditado “Contra veneno, triaga”.

37 *longa guerra*. Refere-se à guerra contra os mouros, findada com a conquista de Granada em 1492.

38 *Joroslau*: Yaroslav o Sábio, grande príncipe russo da primeira dinastia.

39 *os dois Luíses, o da Polônia e o da Hungria*: Luís I da Polônia e Luís II da Hungria.

40 *Alonso de Aragão*: Afonso I de Aragão.

41 *tarde memorável*. Trata-se da tarde de 31 de maio de 1282, em Palermo; ao toque das vésperas se iniciou a matança dos franceses ou angevinos chamada *Vésperas Sicilianas*.

42 *Margarida da Áustria*. Esposa de Filipe III.

43 *Frederico*: Frederico II Hohenstaufen.

3 COMENTÁRIO

Iniciando a análise da obra sob o aspecto de sua forma, é possível perceber já nas primeiras passagens que a escrita de Gracián, e objeto dessa dissertação, é direta e apresenta uma notória leveza, o que propicia uma leitura fluída e agradável do texto. A ausência de tergiversações permite o encadeamento retilíneo das ideias facilitando a interpretação global da obra. Ademais, ainda que as ideias não estejam organizadas em capítulos, ou sistematizadas em blocos de qualquer outra natureza, elas se aglutinam de forma sutil, permitindo que sejam extraídas conclusões parciais ao longo da obra.

La filosofía graciana se expresa en términos ingenuos que desarmen la respuesta prefabricada de la escuela. Las palabras adheridas a las realidades más prosaicas no pierden por eso sus posibilidades poéticas. Gracián recurre al lenguaje cotidiano sin rebajar y profanar las alturas donde se mantiene la elocuencia; desentraña así la misteriosa realidad de la vida sin alterarla. Su lenguaje, con los juiciosos tránsitos desde los vuelos retóricos a las sabrosas salidas populares, es una densa amalgama del habla vernácula – abundan los modismos dialectales – y culta; de expresiones toscas que invitan a la acción – todo un folklore de sabiduría proverbial – y citas literarias (ANDREU CELMA, 2008, p. 68).

O uso de aforismos, por sua vez, auxilia ainda mais o leitor a captar as mensagens transmitidas pelo autor. A forma lacônica de expor as ideias traduzem seus preceitos morais com uma objetividade sensível. Faz-se válido ressaltar também que, ainda que as derivações de sua filosofia nas proposições nietzschianas, expostas anteriormente, naquilo que se refere às questões conteudísticas seja evidenciada, não foi por influência de Gracián que seu distinto leitor, Nietzsche, passa, a partir de *Humano, demasiado humano*⁵, a utilizar com maior frequência a escrita aforística em sua obra.

Outro ponto importante a se observar é o fato de que a língua utilizada pelo autor, o Espanhol, ainda que venha do mesmo tronco lingüístico e tenha a mesma ascendência direta do Português, o Latim, e ainda por apresentar em decorrência disso alto grau de similaridade, suas nuances impõem uma tradução cuidadosa, já que a formação do entendimento mais amplo das ideias é requisito primeiro para

⁵ Ver NASSER, 2014.

evitar que a tradução sofra interferências traiçoeiras decorrentes desta pretensa similaridade.

Dá-se ao leitor apressado e desavisado, por essa proximidade linguística, a liberdade de opinar pela puerilidade do presente estudo, porém há de se observar que a propositura de uma tradução vai além do fato de trazer doutra língua as palavras correlatas, mas sim estabelecer uma cautelosa compreensão da semântica envolvida na construção linguística e filosófica que o autor da obra propõe. Tais construções filosóficas prescindem dos signos utilizados para transmitirem ao leitor aquilo que se pretende, portanto, ainda que para uma similar, a remissão de uma língua à outra carece de denodado esforço de exame. Certo é que se fez aqui, dentro das possibilidades, aquilo que, no limite de suas capacidades, tinha o tradutor a oferecer.

Essa similaridade não atenuou o fato de que o texto original foi escrito há aproximadamente 400 anos, e que a construção das ideias mantém significativa distância da contemporaneidade da língua, estando permeada por hipérbatos, sínquises e hipálages. Assim, o que seria de fácil tradução do Espanhol para o Português se torna um trabalho hercúleo e minudente, já que a estruturação dos argumentos trazidos pelo autor segue complexa e arcaica construção.

Ainda no que tange à forma de escrever de Gracián, vale observar a interposição de ideias entre uma linha argumentativa e outra. É recorrente a inclusão de argumentos e exemplos que estiveram presentes em alguma passagem anterior. Essa afirmação fortalece-se se observadas as inúmeras vezes em que personagens históricos e mitológicos são utilizados para transmitir uma ideia. Não como uma sinédoque, mas sim como uma metáfrase.

Alguns desses personagens não tiveram suas histórias registradas ou trazidas de alguma outra forma aos tempos atuais. Esse é, certamente, um dos motivos pelos quais a interpretação de certas passagens ganha contornos de incerteza, colocando em risco a justa tradução daquilo que pretendia o autor. Não obstante a isso, a busca de uma adequada recepção da língua original naquela que se busca verter carece de profícua pesquisa das menções feitas destes personagens, que são arrimo constante do autor.

Se por um lado as referidas menções auxiliam a incorporar no texto um conjunto ampliado de conceitos e ideários, por outro força a constante busca por informações acessórias, já que demanda do leitor um vasto conhecimento sobre a nobreza europeia, sobre monarcas de outros continentes e mesmo conhecimentos sobre personagens mitológicos. Porém, mesmo com todas as dificuldades advindas da ausência de conhecimento prévio sobre algumas das referências utilizadas, torna-se um deleite a procura e descoberta de aprazíveis histórias do passado. O volume dessas referências também sinaliza a erudição do autor, já que, mesmo sendo vivente de tempos remotos, demonstra ter tido acesso a uma quantidade considerável de conhecimento.

Adentrando na seara do conteúdo, tem-se com clareza que o objetivo central da obra é analisar um caso concreto do que seria o bom governante, que o próprio Gracián havia anteriormente delineado tais atributos de forma abstrata em seu livro anterior *El Héroe*. Em *El Político Don Fernando El Católico* o autor testou esse conjunto de variáveis em um caso concreto a partir da análise da figura do monarca Dom Fernando o Católico, cuja história é relatada com certo consenso, e construiu assim um arquétipo do que seria o bom governante. As duas passagens a seguir trazem sustentação a essa argumentação.

Entre El Héroe y El Político existe continuidad: si el primero es un Héroe moral-político de carácter abstracto, el segundo es un Héroe político-moral concretado en la persona de don Fernando de Aragón. Del conjunto de cualidades máximas que constituyen la heroicidad, Gracián ha entresacado la cualidad de político (razón de Estado) y la ha aplicado al rey Don Fernando de Aragón. Así se forma la figura del Héroe político (FERRARI, 1945, *apud* AYALA, 2000, p. 321).

Las afinidades del segundo de los libros de Gracián, *El Político*, con su primera obra, *El Héroe*, son manifiestas. Su interpretación puede ser más problemática. *El Político* podría concretar la idealización abstracta de *El Héroe*. Feliz y universal Héroe, es la última apelativización con que Fernando el Católico aparece en *El Político*; y ya en el primer primero de *El Héroe* se le llama a Fernando “el non plus ultra de los heroicos reyes de Aragón”. En este sentido, el segundo libro sería claramente la segunda parte de una misma obra (BATLLORI, 1969, p. 55).

Os feitos do Rei Católico surtiram efeitos marcantes na história da civilização ocidental e o colocam como modelo digno de ser sublinhado e submetido a estudo mais acurado. Todavia, Gracián repete de diversas formas, e já na introdução da obra, que não pretende enaltecer Dom Fernando além de suas reais virtudes, pois

diferente de outros autores que discorreram sobre outros governantes com os excessos decorrentes da lisonja, Gracián colocou de forma explícita que não extrapolaria os limites daquilo que de fato ocorreu, por entender que o contrário poderia desdobrar em inverdades que consumiriam credibilidade e acabariam por colocar os registros em questão.

Gracián não foi contemporâneo de Dom Fernando, mas a vasta literatura que registrou a forma como Dom Fernando conduziu os reinos que governou permitiram uma análise primorosa dos melhores atributos que devem ter os homens e mulheres que, ou por prerrogativa ou por escolha, conduzam o destino de um povo. Gracián ressalta, inclusive, que parte significativa dos relatos que deram base ao seu estudo foi escrita pelo próprio Dom Fernando, como observado no trecho a seguir:

Desculpe minha ousadia, e ainda minha presteza, mas sorte a minha me deparar com muitas memórias eternizadas por sua própria mão régia e católica: com letras deformadas, mas concebidas com muito espírito (p. 19)⁶.

As várias qualidades apontadas são colocadas em conjunção umas com as outras, sendo que contraposições e convergências tentam analisar de forma ampliada e sistêmica o conjunto de qualidades necessárias ao bom governante. Na espinha dorsal dessas conjugações estão duas qualidades, que aliás fazem parte de outras empreitadas filosóficas do autor, são elas: a coragem e a prudência. Estas duas qualidades são observadas em diversos momentos contrapostas a outras características, mas ressalta o autor, por vezes de forma expressa, a ideia de que elas devem andar juntas, colocando a coragem ancorada na prudência como a força motriz de iniciativas bem sucedidas. Ademais, aponta que a prudência em excesso pode paralisar, bem como a coragem em excesso pode deixar feridas.

Sua filosofia ressalta, como dito em passagens anteriores, a ação e as virtudes observadas em suas manifestações práticas, tem-se assim que:

El fondo filosófico de la moral de Gracián es aristotélico-tomista. Pero, de todo el tratado moral de estos dos autores, Gracián da preferencia a un aspecto, al más importante: a la virtud de la prudencia o hábito de obrar con acierto en los casos concretos (*recta ratio agibilium*). (AYALA, 2000, p. 329)

⁶ As citações ou referências à tradução apresentada no Capítulo 2 - TRADUÇÃO deste trabalho serão indicadas apenas com “p.” seguido do número da página em que consta nesta dissertação.

A observação e compreensão do contexto em que a ação está circunscrita também foi trazido com destaque por ele como sendo variável fundamental a ser observada. No que tange às circunstâncias nas quais o governante pretende empreender seus esforços, o autor evidencia que o melhor é aguardar o momento adequado e agir com cautela ao invés de lançar-se de forma abrupta e açodada acreditando numa suposta superioridade. Assim, a capacidade do governante de compreender o contexto facilita antever desdobramentos e o coloca em situação privilegiada para agir.

Assim como o povo, no caso daquele que entende do tempo e o prevê com um dia de antecedência, supõe secretamente que ele faz o tempo, mesmo pessoas cultas e sabedoras atribuem a grandes estadistas, fazendo uso da crença supersticiosa, todas as importantes mudanças e conjunturas que sobrevieram durante seu governo, como sendo obra particularmente sua, se está claro que eles sabiam algo sobre elas antes dos outros e que então fizeram seus cálculos: eles são igualmente vistos como “fazedores do tempo” – e essa crença não é instrumento menor do seu poder (NIETZSCHE, 2000, p. 242).

Remetendo tais reflexões ao contexto de Dom Fernando, Gracián aponta com lisonja sua figura, inclusive com perífrases que o colocam como o próprio sol (p. 27). Isso notoriamente é posto para sublinhar sua singularidade e relevância. A partir daí inicia uma extensa análise sobre o impacto das ascendências na vida de um governante. Coloca as linhagens como fator que influencia, mas que não determina, a qualidade de um governante. A de Aragão, por exemplo, é colocada como “*mãe de heróis*” (p. 27), tendo Fernando nascido ali, mantido e honrado tal tradição. Outras tantas são citadas para destacar o impacto que tiveram nos seus descendentes, desde os feitos pregressos até a educação que é dada no seio desta ou daquela família.

Ainda na análise sobre a relevância dos aprendizados dados no âmbito de suas casas, Gracián ressalta que os heróis geralmente vivenciaram na sua infância momentos de afirmação da família, dada a partir do mérito em batalhas e afins. Outrossim, colocou que em determinadas situações a ausência de determinados pais na criação dos seus filhos foi fator preponderante para uma consentânea educação. O oposto também foi colocado, quando pais astutos não alcançam prole e educam perfilhados. A passagem abaixo, além de corroborar com tais

ponderações, traz outros elementos, como a questão que trata do hábito, e alguns outros que aparecem em outras passagens do texto.

A estreiteza de opiniões, transformada em instinto pelo hábito, leva ao que chamamos de força de caráter. Quando alguém age por poucos, mas sempre os mesmos motivos, seus atos adquirem grande energia; se esses atos harmonizarem com os princípios dos espíritos cativos, eles serão reconhecidos e também produzirão, naquele que os perfaz, o sentimento da boa consciência. Poucos motivos, ação enérgica e boa consciência constituem o que se chama força de caráter. Ao indivíduo de caráter forte falta o conhecimento das muitas possibilidades e direções da ação; seu intelecto é estreito, cativo, pois em certo caso talvez lhe mostre apenas duas possibilidades; entre essas duas ele tem de escolher necessariamente, conforme sua natureza, e o faz de maneira rápida e fácil, pois não tem cinquenta possibilidades para escolher. O ambiente em que é educada tende a tornar cada pessoa cativa, ao lhe pôr diante dos olhos um número mínimo de possibilidades. O indivíduo é tratado por seus educadores como sendo algo novo, mas que deve se tomar uma repetição. Se o homem aparece inicialmente como algo desconhecido, que nunca existiu, deve ser transformado em algo conhecido, já existente. O que se chama de bom caráter, numa criança, é a evidência de seu vínculo ao já existente; pondo-se ao lado dos espíritos cativos, a criança manifesta seu senso de comunidade que desperta; é com base neste senso de comunidade que ela depois se tornará útil a seu Estado ou classe. (NIETZSCHE, 2000, p. 159).

O tempo de preparação para a arte de reinar foi trazido em conexão com as experiências e imposições conjunturais.

El hombre, como ser moral, realiza su vocación en el tiempo. Sólo moviéndose en el tiempo alcanza su realidad, sólo entonces se apropia de la realidad que le circunda en la forma típicamente humana dada por el disponer de sí mismo (ANDREU CELMA, 2008, p. 451).

Alguns reis tiveram pouca preparação, e por isso seus governos fracassaram, outros, por sua vez, mesmo tendo que exercer suas funções de rei muito jovens, conseguiram resultados satisfatórios. O caso de Fernando traz a justaposição sobre o que Gracián coloca como a construção correta de um bom governo. “Na juventude dedicou-se a conquistar e na velhice a governar” (p. 33)⁷. Dessa forma evidenciou que a coragem acompanha a juventude, e a prudência acompanha a velhice. Cita reis que contiveram sua valentia e alcançaram melhores resultados com isso, ao

⁷ “Seja como for, a juventude é o tempo da intranquilidade; a velhice, o da tranquilidade” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 268).

mesmo tempo que coloca a predisposição dos jovens a se dedicarem às empreitadas militares como atributo que amplia a chance de conquistas, coloca o amor dos de idade à paz e ao sossego como atributos desejáveis para o estabelecimento dos impérios.

Essa proposição sobre as predileções referenciadas ao momento de vida remetem a uma importante questão na filosofia de Gracián: o tempo. “A ideia de que o tempo é raiz de toda experiência” (ANDREU CELMA, 2008, p. 452), sugere que a evolução do homem se dá no decorrer de sua experiência mundana não relacionada apenas ao objeto do que se experimenta, mas principalmente às repetições do que se observa e se testa dentro da dinâmica contínua de errar e acertar inerentes à vida humana. No segundo volume de seu livro *El Criticón* (*apud* ANDREU CELMA, 2008, p. 452) Gracián afirma que “El tiempo es el gran escultor que forja los verdaderos gigantes del valor y del saber; tiene un extraño modo de cocer los sujetos grandes en cincuenta y sesenta otoños de ciencia y experiencia” (GRACIÁN, *Criticón* III, vii, p. 1384).

Esse processo evolutivo leva ao desvelar da verdade e vem com o passar do tempo permitindo que haja uma inflexão na compreensão de que a velhice é o fim para a compreensão de que ela na verdade seria o início, já que ali se começa a ter acesso às verdades que permitem entender o que se viveu.

Gracián explora la temporalidad en todos sus registros de finitud, limitación, sufrimiento y muerte. Las imágenes saturnales con las que simboliza el tiempo responden a la conciencia del paso ininterrumpido de una universal transformación aniquiladora de las cosas pero también fuente de verdad y de fecundidad. La persona se realiza en el tiempo. La temporalidad no es decadencia sino medio de realización (ANDREU CELMA, 2008, p.452).

Essa argumentação simboliza, assim como os apontamentos anteriores, que a temporalidade se insere como uma variável estrutural na filosofia de Gracián. Atentar-se para a prudência como a capacidade de conter anseios primitivos conferindo-lhes racionalidade, e interromper fluxos inconstantes de ações e reações, é um esforço feito pelo autor através de inúmeras passagens onde aponta essa capacidade como fundamental à ação assertiva do bom governante. Assim, ensina Nietzsche:

A completa firmeza de pensamento e investigação, ou seja, a liberdade de espírito, quando se tornou qualidade do caráter, traz comedimento na ação: pois enfraquece a avidez, atrai muito da energia existente, para promover objetivos espirituais, e mostra a utilidade parcial ou a inutilidade e o perigo de todas as mudanças repentinas (NIETZSCHE, 2000, p. 159).

A coragem, por sua vez, no que tange à sua relação com o tempo, demonstra a tempestividade de assumir riscos e colocar em marcha empreitadas que em primeira análise poderiam suscitar questionamentos paralisantes, mas que conjugada à prudência pode potencializar resultados. Ademais, tem-se que é no desenrolar das ações que se vai aprendendo como agir, como ensina Aristóteles: “Lo que hemos de hacer después de haberlo aprendido, lo aprendemos haciéndolo”, em *Ética a Nicômaco*, VI, 3, 1103 a 32-33 (*apud* AYALA, 2000, p. 329).

Dando sequência em novas argumentações e abordando outro tema, mas ainda no que tange à conjugação de forma e tempo, Gracián aponta para a relevância que tem a forma como se dá o início de um governo, e como isso condiciona seu desenrolar. Segundo ele, aquilo que começa bem tem grande chance de terminar bem. E esse início conta ainda com o fator de que os governados aportam elevada esperança nos governos que se iniciam, mesmo que os que se encerram tenham sido satisfatórios. Assim, há de se observar, mais uma vez que a temática do tempo *versus* como se trafega nele é de significativa importância para construção dos argumentos filosóficos do autor.

No entanto, segundo ele, há, curiosamente como também se vê nos dias atuais, uma “propensão de se fazer tudo contrário do que foi feito no passado” (p. 37) por parte dos governantes. Ele sugere que tal comportamento pode estar relacionado ao desejo de apresentar algo novo identificando junto aos vassalos uma característica própria de seu governo ou mesmo por um desejo de competição entre os governantes. Essas mudanças seriam positivas se feitas visando a interrupção de erros, porém nos acertos se tornam desarrazoadas. Também aqui aponta a necessidade de se buscar o equilíbrio, sinalizando que concordar integralmente com o “como” e o “o quê” vinha sendo feito pelo antecessor seria um equívoco, bem como discordar de tudo também o seria.

Fato curioso no âmbito da construção desse raciocínio, e que expõe a natural parcialidade interpretativa dos fatos, é que o autor coloca como exemplo dessas

atrocidades realizadas aos legados dos antecessores o caso de Adriano e Trajano. Gracián coloca a derrubada da ponte do Danúbio determinada por Adriano como um ato de desconstrução, literalmente, de uma realização de Trajano, porém existem interpretações de que Adriano em seu reinado optou por uma retenção da expansão do Império Romano sob a alegação de que se havia esgotado a capacidade de expandir, e que a derrubada da referida ponte era, na verdade, uma estratégia para evitar invasões por ali.

Essas observações vão na direção da necessidade de o ser humano se afirmar. A noção de alteridade torna-se exponencial quando buscada em níveis onde a necessidade de reconhecer o outro como um outro eu se dá no âmbito de quem em tese estaria acima dos demais. A monarquia impõe, dessa forma, uma diferenciação óbvia e subjuga aqueles que são governados, fazendo com que uma heteronomia de difícil compreensão seja admissível e dê espaço a diferenciações entre seres humanos. Mas aqui não se trata de uma diferenciação saudável inerente ao processo de autoidentificação, e sim no exercício de colocar iguais como diferentes, e pior, estratificadas de forma vertical. Assim, a submissão decorre de uma aceitação pouco compreensível da admissibilidade da imposição das normas morais impostas por outrem, o que é, à primeira vista, um contrassenso.

Também tratou Gracián de analisar a proporcionalidade entre a envergadura do reino e a de seu governante, evidenciando qualidades transversas onde os referenciais de análise variam do príncipe à sua monarquia, neste caso observados sob a égide da capacidade e valor, e na direção da monarquia ao seu príncipe, a grandeza e poder. No caso de Fernando, Gracián entende que houve um harmonioso “casamento”, no qual a grandiosidade do Católico estava à altura do reino que governou, e vice-versa.

Na eventualidade de haver um descompasso entre reino e rei, o autor sugere que é preferível que o segundo seja maior que o primeiro, ou seja, é melhor que um governante sobre em relação ao seu reino do que o contrário, mas atentando-se sempre para a manutenção da humildade, pois há um risco eminente em menosprezar os desafios que se colocam.

Neste ponto o filósofo traz uma variável analítica onde sugere que haja variações de interpretação tanto do espaço como do ocupante deste. Nesse sentido é possível abstrair que diante dos fatos há a interpretação dos mesmos, e as respostas à mesma pergunta podem variar mesmo em situações controladas e profundamente semelhantes. Sendo assim, questiona-se a verdade dada, posta, dando a ela a possibilidade de variar de acordo com as especificidades de quem as observa. A complexidade incutida nessa proposição extrapola as questões referentes ao indivíduo e sua singularidade, admitindo a existência de uma conjuntura que vai além da governança do ser humano. Tal “aleatoriedade” leva à confluência de variáveis externas ao indivíduo que se colocam como pano de fundo para análise daquilo que objetivamente é observado.

É bobagem alguém de quarenta anos pedir saúde a Hipócrates, e bobagem ainda maior pedir prudência a Sêneca. Reger a sorte é uma arte, seja esperando-a pois ela às vezes não se apressa seja aproveitando-se dela quando é oportuna, embora nunca vá entender totalmente o seu proceder bizarro. Se a sorte o tem favorecido, prossiga com ousadia, uma vez que ela adora os ousados e, como uma mulher deslumbrante, os jovens. Se é alguém de pouca sorte, abstenha-se de agir. Retire-se e evite de falhar duas vezes. Se a dominou, você deu um grande passo à frente. (GRACIÁN, 2010, p. 38)

O momento em que o governante assume também é variável relevante na medição da posta “estatura” do rei. Aquele que chega em um momento onde a monarquia esteja em crescimento gozará de uma inércia positiva, bem como o que assume em momentos de maior dificuldade terá um esforço adicional. Assim, reinos vigorosos e pujantes tendem a produzir governantes em igual medida. E ressalta que o início de uma monarquia é mais propício à manifestação das virtudes, pois *florescem nos princípios o cuidado e a coragem, posteriormente entra a confiança, e em seguida vem a fraqueza e os prazeres e acabam com tudo*. (p. 43).

Reflexões são suscitadas quando Gracián aborda a importância que tem na formação dos impérios a variável divina, que ele nomeia “Providência suma”, que ele a coloca como *autora dos impérios* (p.45). Revisitando a etimologia da palavra “autora” encontramos no latim “*auctor*” o significado “fonte”, “instigador” ou “promotor”, que vem de “*augere*”, aumentar, engrandecer, melhorar e o sufixo “-tor”, agente, o que faz a ação, como em doutor e escultor. Em decorrência da escrita concisa e objetiva de Gracián, na qual é fácil perceber a cuidadosa escolha das

palavras, parece difícil que tenha escolhido fortuitamente posicionar como autor de uma criação mundana o aleatório intangível. E mais, o fez colocando a consoante “p” em maiúscula, o que sinaliza que de fato quis remeter a uma divindade obviamente admitida por ele, então nesta passagem exclui qualquer dúvida sobre sua crença. E tem, ainda, como demonstrado por Andreu Celma, que “Dios si manifiesta en la plenitud formal de la vida y no en sus cesuras. Es preciso tener la energía de levantar los ojos a Dios precisamente cuando la vida va bien, y no sólo suplicarle cuando va mal” (ANDREU CELMA, 2008, p. 454).

O interessante desta colocação é que mesmo estando posicionado no momento histórico que coloca o homem como centro e referencia de suas ações, e sendo ele um autor que fortalece essa ideia, ele valida sua trajetória religiosa e coloca como se havendo de forma racional um ente superior responsável pelo todo. Tal apontamento pode suscitar dúvidas sobre o real posicionamento de Gracián sobre quem está no centro de todas as coisas.

Também são feitas observações sobre a postura de alguns reis de determinadas monarquias. A luxúria, recorrentemente colocada como um pecado do qual parte dos reis padece, é tida como um obstáculo aos monarcas, pois por vezes ela turva a mirada e distorce a autocrítica de um rei. Outrossim, essa predisposição dos reis de se perderem guarda correlação com suas nações. Existem aquelas que “deixam perder seus reis e outras que os ganham” (p. 47). Os desejos de um monarca devem, portanto, ser observados de perto para que não haja desvios em relação àquilo que é certo para atender anseios passageiros.

Gracián recomienda vigilar los propios gustos porque éstos no son algo intemporal, antes bien el gusto tiene un aspecto que le hace estar en constante flotación respecto de la oportunidad de lo que conviene saber en cada momento, cómo expresar lo sabido y cómo actuar con corrección (AYALA, 2000, p. 335).

Entende-se, ainda, que mesmo o rei não tendo habilidades para conduzir uma monarquia, ele pode ainda assim ser um homem de qualidades. Sendo assim, o autor afirma que reis dotados de virtudes de homens podem ou não possuir virtudes de rei. O que parece óbvio, pois a função exercida por uma determinada pessoa não necessariamente está relacionada às sua qualidades, já que é limitada a racionalidade na distribuição das tarefas, que goza da assimetria de informações

imposta pela complexidade da vida humana. No caso dos monarcas, então, isso se agrava, pois a definição de sua escolha para o exercício do mando não é dado, na larga maioria das vezes, por variáveis de mérito, mas sim por descendência e outras aleatoriedades.

Ponto estrutural na filosofia de Gracián é o ato e a percepção do ato. Ele relaciona em diversas passagens que há valor no dedicar-se à coisa em si e não à percepção externa sobre a coisa. Referencia a temperança, tão enaltecida ao longo de sua obra, à capacidade de ater-se ao fato e não aos anseios e reconhecimento de quem recebe os efeitos do fato. Numa contraposição entre Teodósio e Trajano (p. 51) atribui valor à vitória mais que ao triunfo. A vitória é a materialização das virtudes, onde a fortuna, ou o aleatório, se alinha ao vitorioso concedendo as circunstâncias favoráveis. Já o triunfo, que na Roma antiga se referia ao momento de entrada solene de um general vitorioso em Roma, mais dá-se ao regozijo da vitória do que a ela mesma. Nesse tocante, feliz daquele que busca o mérito pelo valor intrínseco que há nele, ressaltando que não deveria ser observado como algo estático cuja análise não extrapole as circunstâncias. Aquele que age esperando o reconhecimento de um outro, que não o seu próprio, está refém de uma paleta de valores que, certamente, não coincide com a que amparou e motivou sua própria ação. Assim, dá-se à sorte a validação dos seus feitos. Não obstante isso, Nietzsche coloca uma ideia exatamente contrária.

Para poder agir com total ausência de considerações, o melhor que faz um estadista é executar sua obra não para si mesmo, mas para um príncipe. O olho do espectador é ofuscado pelo brilho desse altruísmo geral, de modo que não vê as perfídias e durezas que a obra do estadista comporta. (NIETZSCHE, 2000, p.240).

Ainda que induzido pela dúvida inerente ao senso de alteridade, o desejo de validação de seu feito por um terceiro guarda relação à limitada capacidade avaliativa que temos de nós mesmos. Essa capacidade de nos observarmos na integralidade é, por óbvio, limitada, ainda que sejamos os mais próximos observadores de nós mesmos. Essa noção da limitação tende a nos incentivar a transferir para outrem o direito de arbitrar a valia dos nossos próprios atos. Nesse tocante, o vazio que acompanha o indivíduo é enorme e seu preenchimento praticamente impossível, pois nem o mais consciente dos seres humanos consegue canalizar sua atenção para sua interpretação ética e o derivado comportamento

decorrente desta, e ainda menos se posto sob o julgo de outro ser também limitado e dotado de amarras cognitivas atadas ao longo da construção de sua personalidade. Propõe Gracián que essa elucubração se acirra quando se trata de um governante, como exposto a seguir:

Se é tão difícil um homem qualquer se conhecer, imagine um rei? A afeição a si próprio não permite alguém conhecer-se a si mesmo. E conhecer-se a partir da percepção dos outros é difícil pela bajulação exagerada. Um rei não tem espelho, mas se ele é sábio é aqui que a engenhosidade entra (p. 104).

Sobre os erros de um governante, Gracián os analisa também à luz da temporalidade. Ele coloca que a propagação da informação é célere, assim a sociedade rapidamente toma conhecimento dos erros que foram cometidos na intimidade dos palácios. Interessante a análise sobre a perenidade de um erro. Num rápido instante toma-se uma decisão que caso seja equivocada será propalado por um longo período de tempo (p. 51). Essa assertiva reforça mais uma vez a necessidade de agir com prudência. O controle da emocionalidade como ferramenta primeira da temperança deságua na prudência limitadora de decisões à rompanete, evitando assim erros irreversíveis que, como dito anteriormente, demoram poucos segundos para serem cometidos e décadas ou séculos para serem esquecidos.

Usar o autocontrole. Muito cuidado sobretudo nos acasos. Os ímpetos das paixões são as armadilhas da prudência, e aí está o risco de se perder. Expomo-nos mais num único instante de fúria ou contentamento do que em muitas horas de indiferença. Corre-se um pouco às vezes, mas lamenta-se o fato pelo resto da vida. As intenções astutas alheias montam engodos para a prudência a fim de sondar as profundezas e penetrar a mente dos oponentes. Ao espionar segredos, chegam ao fundo dos maiores reservatórios. A contraestratégia? Ponderação, em especial nas emergências. É preciso muita reflexão para impedir uma paixão capaz de disparar como um cavalo; e, se for para domar o cavalo da paixão, será sábio. Aquele que prevê o perigo age com cautela. Uma palavra pronunciada no ímpeto da paixão pode parecer leve a quem a diz, mas talvez se revele pesada àquele que a recebe e avalia (GRACIÁN, 2010, p. 104)

Há de se atentar para que o rei não se perca em guerras e esqueça de sua atividade primária, na visão de Gracián: governar. Houve reis dotados de qualidades universais e plurais, mas não a exerceram, pois enveredaram para as batalhas. Analisando-se o contexto ao qual a obra está inserida, tem-se que a atividade de proteger seu império, e atacar outros, fazia com que o braço bélico das ações de um rei fosse enrobustecido. Ao se buscar as razões disso seremos trazidos aos tempos

atuais. Grandes nações atualmente continuam, travestidas de razões nobres, como a defesa da democracia, empreendendo guerras contra outras nações. Porém, a reflexão sugerida aqui é acerca da necessidade de um governante de se locupletar compreendendo sua relevância a partir da comparação com o outro. Ainda que isso coloque vidas inocentes no fronte, existem benefícios para o Rei que vão além das posses, terras e vassalos conseguidos ao derrotar-se os reinos inimigos. Ainda que à época havia dúvidas sobre isso, os reis são seres humanos comuns dotados do mesmo vazio e desejo de potência. Por estarem acima de um povo, e tendo praticamente todos os seus desejos satisfeitos, torna-se difícil desafiar-se. Existem aqueles cuja inquietude da alma depende exclusivamente de si mesmo para apaziguá-la, e estes são virtuosos, mas existem aqueles que precisam se afirmar perante à percepção alheia, bem como ter seu nome propagado no tempo. A guerra proporciona isso. A prudência está, portanto, em fazê-la pela real utilidade e não por qualquer outra razão que vá além da necessidade objetiva.

Há que se atentar, ainda, para a felicidade de uma monarquia quando em tempos de guerra tenha um príncipe guerreiro e na calmaria um pacífico. O mal é quando acontece o inverso, e o desejável é quando o governante, como é o caso de Fernando, consegue ajustar-se à necessidade do momento. Essa flexibilidade adaptativa fortalece a já comentada aleatoriedade imanente às circunstâncias.

O melhor príncipe, portanto, é aquele que consegue se portar em cada situação da forma que a situação pede. Sobressaltar sua coragem e valentia durante as guerras e seu lado prudente e político durante os momentos de calmaria. Política essa que não deve ser entendida como esperteza, pois é uma ofensa à política confundi-la com isso. Não é ela a arte de enganar e dissimular, ainda que na contemporaneidade esses atributos sejam largamente utilizados por aqueles que exercem a política institucionalizada. Ela se relaciona com a capacidade de alcançar resultados favoráveis de forma pacífica para todos os envolvidos. E por um governo ser um jogo de rodadas múltiplas, aquele que acredita que obterá sucesso a partir de trapaças verá seu êxito dissolver-se ali adiante.

A política é, portanto, a arte de se alcançar o bem comum em comum acordo, assemelhando-se, assim, ao senso básico de justiça. Assim, o exercício da bondade é mais valioso que o contrário. O governante cuja alma está alinhada à justiça

tenderá a manifestar suas virtudes, levando uma vida cuja felicidade se faz presente, como apontado no trecho a seguir :

- Ah! Uma alma, se é má, necessariamente governa e administra mal, mas, se é boa, tem êxito em tudo.
- Necessariamente.
- Então, chegamos a acordo de que a justiça é virtude da alma e a injustiça, um vício?
- Chegamos, de fato
- Ah! A alma justa e o homem justo viverão bem e o injusto, mal?
- É o que parece, segundo tua argumentação.
- Mas o que vive bem será venturoso e feliz, e não o será quem não vive bem?
- E poderia não ser assim?
- Ah! O homem justo será feliz e o injusto infeliz?
- Que sejam, suponhamos... disse.
- Mas ser infeliz não traz vantagem, ser feliz traz...
- E poderia não ser assim?
- Ah! Jamais, venturoso Trasímaco, a injustiça traz mais vantagem que a justiça... (PLATÃO, *República* I, 354a)

Tal discussão é retomada por Gracián em passagem que sugere, no caso dos governantes, a existência de um determinado maniqueísmo que diferencia os governantes colocando-os nos extremos sobre algum dos pólos pelo qual orienta sua ação: a bondade ou a maldade. O trecho a seguir é ratificado por ARANGUREN (1958) quando este afirma que “la historia y la experiencia muestran, contra Maquiavelo, que obrar el mal constituye un error político y psicológico y que, por el contrario, la virtud, además de su valor moral posee un valor pragmático, es útil”. Assim, Gracián aponta que

A fama anda sempre nos extremos. Não há mediania nos reis. São conhecidos ou por muito bons ou por muito ruins. Assim como há prodígios gloriosos, também há monstros detestáveis. Uns que foram base para a monarquia subir, outros que foram tropeços para ela cair (p. 108).

Há ainda reis que possuem qualidades, mas não têm a oportunidade de colocá-las em prática, já outros que não possuem são demandados a tê-las por razão da ocasião. Feliz daquele que pode exercer suas virtudes, e também de seu povo, pois colherá os frutos. Pobre daquele cuja a situação em que se encontra demanda mais de ti do que tem a oferecer. No entanto, é preferível a primeira que a segunda, pois a pior perda não está no excesso, mas na falta das virtudes.

Gracián afirma que “a inteligência é o fundamento da política e o amparo da prudência” (p. 67). Ao colocar de forma tão sublinhada esse atributo humano o autor confere à inteligência lugar de destaque. Segundo ele, a longevidade dos feitos de um governante depende da sua capacidade intelectual, ademais a inteligência não ocupa espaço. Ele traz também a noção de que a inteligência reside na cabeça colocando-a para além da sua constituição física, mas dentro da noção da compreensão. Essas são considerações que merecem destaque, já que ele também coloca a virtude da inteligência como um dom nato, ainda que admita a possibilidade de ser desenvolvida e aprimorada.

Tal inteligência guarda correlação estreita com a capacidade cognitiva e de raciocínio, assim lançando-se mão da proposição de Descartes de que “Os que têm o raciocínio mais forte e digerem melhor seus pensamentos, a fim de torná-los claros e inteligíveis podem sempre persuadir melhor o que propõem” (DESCARTES, 2011, p. 42) tem-se que um dos atributos do bom governante, a capacidade de persuasão, também se escora aqui.

Interessante, portanto, observar esse encadeamento lógico feito por Gracián. O governante deve ser prudente e saber a forma de agir de acordo com as circunstâncias, sendo que em qualquer delas é desejável que seja político, que é diferente de esperto, e a política carece de inteligência, que por sua vez dá amparo à prudência. Portanto, se a inteligência é um dom nato, a fortuna define um bom rei⁸. E o príncipe perfeito coloca a inteligência e a coragem juntas, onde a primeira vence a segunda quando concorrem.

Mas não bastam a inteligência, a capacidade, a coragem e a prudência. O rei deve ter sensibilidade e estar sempre atento. Todos os atributos perdem a bússola da justiça quando ele não está aberto àquilo que não se pode racionalizar, que a sensibilidade absorve e dita as ações de quem a admite. Já a atenção permite a

⁸ Tal colocação pode, em primeira análise, parecer conflituosa em relação à afirmação de ANDREU CELMA de que “Gracián propende a desnaturalizar a la Fortuna como una fuerza macrocósmica independiente poniéndola en estrecha conexión y dependencia con Dios. Frente a la absoluta arbitrariedad del destino, cuya férrea oscuridad resiste todos los asaltos del conocimiento, Gracián opone una fe en un sentido último, indescifrable para los hombres, que rige el mundo” (ANDREU CELMA, 2008, p. 516), porém o que se propõe aqui é admitir que o atributo humano da inteligência é algo que pode a sorte (*fortuna*) conferir tal vantagem a este ou àquele ser humano em seu nascimento, assim entende-se que tal afirmação não invalida a ponderação do autor supracitado.

antecipação das ações e reações. Então o atento e sensível pode antever situações difíceis e já se preparar para elas. Aqui percebe-se uma inclinação ao que foi tratado anteriormente sobre sua abertura àquilo que não é pura razão. Gracián admitindo a importância daquilo que se sente, contrapõe-se ao seu contemporâneo, esse sim baluarte do racionalismo, René Descartes, que sublinha a centralidade da razão quando propõe, entre outras, que “quer estejamos despertos ou adormecidos, não devemos nunca nos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão. E convém frisar que digo razão, e não da nossa imaginação nem de nossos sentidos” (DESCARTES, 2011, p. 77).

Todas essas qualidades, no entanto, precisam de oportunidades para serem empregadas, e todo êxito tende a levar ao desejo de novo êxito. A busca pelo sucesso é estimulada pelo sucesso já alcançado, e a expectativa aumenta à medida que as vitórias se concretizam. Porém, é preferível a busca incessante pela vitória do que a inação paralisante que não deriva em vitórias por razões óbvias. Há reis que estiveram à frente de seus reinos e usaram desse poder para engrandecê-lo, buscando conquistas continuamente, no entanto houve também aqueles que desperdiçaram a oportunidade, e pior, tiraram a oportunidade de outro. Felizes dos reinos cujos reis aproveitaram cada ano de seus governos para realizar façanhas, e aqui não se limitam aos empreendimentos militares, pois há aquelas que visam intervenções no interior do reino que trazem iguais ou maiores benefícios ao povo.

Gracián apontou como uma questão da política a ser observada o local onde o governante deveria estar presencialmente.

Uma célebre questão política é se o príncipe deve permanecer fisicamente em um só local central estando em todas as partes por meio de sua potência e através de notícias sobre ele, ou se deve, assim como o sol, percorrer todo o horizonte do seu império, servindo de exemplo, influenciando e vivificando por todas as partes (p. 81).

As opções expostas no excerto sugerem a importância do tema, pois é evidente que se tratam de duas estratégias distintas e incompatíveis. O conforto da centralidade reduz as intempéries do deslocar-se, porém também coloca entre o governante e a realidade a subjetividade de terceiros. A interpretação de um fato relevante no âmbito do governo fica condicionada à interpretação dos fatos e reduz, por óbvio, a assertividade nas ações do governante.

Por sua vez, a centralidade dá segurança e permite uma descentralização que pode dar maior amplitude às suas ações, já que a implementação se dará por subordinados. Por óbvio, o governante só pode estar em um lugar por vez, e isso faz com que a permanência em um posto central de comando gere decisões menos influenciadas pela percepção factual do problema. Orientações equânimes podem dar unicidade na forma dos subalternos interpretarem e faz com que as empreitadas contem com a inteligência do governante mesmo que ele não esteja presente.

Essa decisão de posicionamento geográfico guarda relação estreita com outra que Gracián coloca: a importância de escolher bem daqueles que o cercam. A escolha adequada dos ministros e outros membros da corte é sinal de sagacidade, então mérito do Rei que os escolheu. Nesse tocante ainda faz a propositura da participação de mulheres na vida dos governantes. Sejam as esposas, irmãs, mães ou outras parentes, o autor sugere que o gênero feminino tem como traço marcante a inclinações às paixões, que limita a capacidade de opinar de forma isenta nos aconselhamentos. Porém, diz ele, que quando a consorte ou outra conselheira consegue desviar desse tipo de conduta geralmente são de extrema valia na vida do governante.

A obra se encerra com uma retomada às qualidades elencadas e detalhadas ao longo do texto. Num esforço de reconectar os aportes filosóficos Gracián utiliza as várias personalidades citadas anteriormente para dar materialidade ao que foi proposto. Coloca Fernando o Católico como norte analítico e discorre sobre as inúmeras qualidades que tem e que podem ser identificadas em outros monarcas, bem como traz as qualidades indesejadas de outros governantes e que não são encontradas em Fernando.

El Político Don Fernando el Católico deixa, assim, um legado à humanidade, que vai além da compreensão de quem foi esse governante especificamente, mas propondo um modelo de governante. O esforço de analisar atributo por atributo, referenciando-os e contrapondo-os uns aos outros levou à composição de uma paleta extensa contendo virtudes e vícios desejáveis e indesejáveis, visando identificar a melhor forma de se agir para se alcançar o bem viver. Vale ressaltar, por fim, que os atributos elencados extrapolam os requisitos para ser um bom

governante, e acabam por oferecer ao leitor um conjunto de comportamentos que levariam qualquer indivíduo a ser um bom governante de sua própria vida.

4 CONCLUSÃO

O estudo do texto de Gracián evidenciou a relevância do autor para o pensamento barroco espanhol e também para a filosofia ocidental. Sua contribuição com a obra *El Político Don Fernando el Católico* permitiu que se registrassem os atributos de um político num momento de transição da percepção do homem pelo homem. O momento histórico da obra potencializou a sua importância, fazendo com que o legado de Gracián se consolidasse dando, inclusive, substrato para outros pensamentos complexos, como os de Nietzsche e Schopenhauer. Ainda que fazendo uso de uma retórica que beira o casuísmo, os aportes de Gracián suscitam reflexões que servem de régua para se avaliar problemáticas contemporâneas.

Ainda que haja nos dias atuais uma perceptível deterioração dos valores morais, é fundamental olhar para o retrovisor da história para compreender a trajetória da humanidade até chegar no ponto de onde se observa e analisa. Quando se trata de compreender o processo evolutivo que levou a humanidade a construir sua paleta de valores, podemos entender melhor a realidade que nos cerca.

O texto de Gracián objeto dessa dissertação nos ensina que há uma conjugação de três vertentes analíticas quando se trata de buscar entender um indivíduo em sua totalidade: aquilo que ele é, o que ele deveria ser de acordo com o ideal e o que ele deveria ser de acordo com as circunstâncias. Na primeira têm-se os atributos inatos, específicos ou imanentes. Aquilo que é dele por obra do acaso e aquilo que é próprio do ser humano. Na segunda tem-se a referência já incutida de valores, na qual existe uma régua com a qual se pode medir e comparar indivíduos e grupos de indivíduos. Na terceira, por fim, tem-se a relevância da adaptabilidade. A possibilidade de se ajustar ao contexto, seja ele negativo ou positivo, corrobora para o sucesso. Assim, a adequada observação das três vertentes de análise leva ao entendimento sistêmico das variáveis que dão os contornos à complexa arte que é governar a própria vida.

Os atributos inatos do ser humano seriam inalienáveis. Eles se encerram nas características que podem ser observadas em qualquer indivíduo da espécie. A imanência intrínseca do ser dá o arranjo de atributos que coloca diferentes sendo classificados como iguais. O que difere este daquele, portanto, já não estará no

campo daquilo que é natural. O que se pode ter, neste tocante, é uma variação existente entre os níveis pelos quais determinado atributo humano se manifesta neste ou naquele indivíduo, ou seja, o que é inato estará presente em todos os seres humanos, ainda que sua manifestação possa se dar de diferentes formas. Há que se destacar, ainda, a existência dos dons. Seriam aquelas capacidades humanas que apresentam um elevado grau de evolução em determinado indivíduo e que em outros seriam necessários anos ou até mesmo uma vida dedicada àquilo para se alcançar um nível semelhante, e ainda sem nenhuma garantia de que se alcançaria.

A capacidade, a inteligência e a engenhosidade seriam exemplos destas qualidades inatas, e ainda que possam ser aprimoradas através da prática e da experiência, há uma elevada carga de aleatoriedade que confere a este ou aquele os patamares nos quais essas qualidades se fazem presentes em uma pessoa. As três foram discutidas por Gracián, e se relacionam. A capacidade guarda em seu significado a ideia de que determinada pessoa é capaz, que está relacionado ao que “cabe” nela. Sua abertura para absorver novas atividades seria, portanto, uma qualidade que coloca um indivíduo em posição de assumir mais ou menos protagonismo frente aos problemas. Já a inteligência estaria relacionada à qualidade de ler e compreender aquilo que está posto. A possibilidade de se interpretar com maior ou menor exatidão aquilo que está ocorrendo, bem como sugerir desdobramentos e se antecipar a eles, atuando, assim sobre aquilo que não necessariamente é real. Aqui Gracián ampara a prudência, colocando que a inteligência permite que o indivíduo aja com maior assertividade a partir da análise acurada da situação, outrossim conjugando a administração sobre seus próprios instintos. A engenhosidade, por fim, traria a conjunção das duas primeiras qualidades tratadas anteriormente. A capacidade conjugada com a inteligência permite a execução, e esta será tão mais acertada quanto maiores forem a capacidade e a inteligência de quem a executa. Tendo em sua construção etimológica uma correlação com o intangível, a engenhosidade seria o atributo, dentre estes analisados, mais sutil. Ela estaria relacionada ao “gênio” que existe dentro de cada um de nós, e que nos acompanha desde o nascimento. Este gênio estaria relacionado à capacidade de gerar algo, de criar, então, além da correlação com o caráter, estaria conectado aos talentos individuais. A engenhosidade seria, portanto, a manifestação dos talentos individual aplicada a uma situação concreta.

Gracián explora todas essas qualidades e as conjuga como sendo os atributos dados pela aleatoriedade que levariam ao bom viver. Ele o faz conectando-as à pessoa do rei, mas certamente sugere que essas qualidades, se desejáveis ao rei, dão ao indivíduo que as possui um diferencial que favorece o bem viver.

Passando à análise daquilo que o indivíduo deveria ser de acordo com o ideal, têm-se não só os atributos que podem ou não se manifestar por decisão do indivíduo, mas também remete à ética admitida. A régua utilizada pelo ser humano para medir o bem agir estaria ancorada nos valores que circundam o indivíduo. Ressaltando-se que estes valores vão se moldando num processo ontogenético e se adaptando à realidade dada, assim o indivíduo é alterado pela cultura bem como a altera. Essa evolução do indivíduo, que no decorrer de sua vida vai absorvendo mais ou menos amarras, o liberta ou o aprisiona de acordo com as experiências que vive e a forma como as interpreta. A noção de ideal, portanto, não seria uma construção solitária e isolada dos demais. Ainda que haja incutido na ideia de ideal uma variável individual, ela está necessariamente amparada na percepção e julgamento de terceiros, pois aquilo que é tido como ideal foi elaborado a partir de estímulos externos através da interação do indivíduo com o mundo à sua volta. Aquilo que observou, vivenciou e aprendeu vai elaborando os contornos comportamentais de uma pessoa, onde o arcabouço ético vai se constituindo.

Dessa forma, Gracián coloca que o indivíduo terá seu desenvolvimento condicionado às experiências vividas desde sua infância, onde, inclusive, a educação que recebeu ditará parte significativa de como verá o mundo à sua volta e se relacionará com ele. Deve-se, portanto, identificar aquilo que é central nas relações humanas, no que tange às regras e ritos que o envolvem em determinada situação ou cultura, e dedicar-se ao adequado enquadramento. Os comportamentos, então, estariam emoldurados nos limites estabelecidos pela ética, ou pelo menos deveriam estar.

Por fim, tem-se a análise daquilo que deveria ser de acordo com as circunstâncias. Aqui é fundamental compreender a diferença existente em relação à análise daquilo que deveria ser de acordo com o ideal. Enquanto lá tratava-se de compreender o tempo de forma ampliada, ou seja, a construção de uma cultura e de seus padrões éticos que acontecem antes do nascimento de uma determinada

pessoa e vão perdurar após sua morte, aqui trata-se de uma observação também externa em relação ao indivíduo, mas num tempo restrito, circunscrito ao momento em que ela a ação é realizada. E aqui vale uma ressalva, é inevitável que a compreensão temporal neste caso seja dilatada, absorvendo a conjunção de fatores que levaram à formação daquele determinado contexto, bem como se leve em consideração os desdobramentos que seguirão posteriormente.

As circunstâncias, portanto, estariam relacionadas ao conjunto de elementos que compõem o momento que antecede o ato. Quando estes elementos são de natureza individual, ou seja, a forma como a pessoa se encontra consigo mesma no momento do agir, tem-se maior clareza e governabilidade. Porém, quando são de natureza externa ao indivíduo a governabilidade é restrita, e o resultado do agir não depende somente de uma decisão, mas de uma série de outros elementos, muitas vezes inadministráveis. Assim, a conjuntura insere-se como uma variável relevante para a ação, mas é importante atentar-se para o fato de que além de ser o que ela é de fato, ela se molda diante da lente de quem a observa. O indivíduo jamais conseguirá interpretar as circunstâncias em sua totalidade, mas jamais poderá agir apartado delas. A sabedoria no agir estará, então, em abdicar-se de conceitos limitantes e abstrair diante de cada situação as variáveis que não influem naquele ato singular, tentando ater-se somente ao que é relevante no determinado momento.

Gracián explora as circunstâncias a todo momento. Sua construção filosófica aponta recorrentemente que o governante deve estar atento às circunstâncias e ela deve servir de bússola para o bem agir. A temporalidade, que é um dos temas centrais para ele, está diretamente ligada à compreensão das circunstâncias. Podendo também ser chamada de conjuntura, ela deve ser o último filtro de análise antes do agir. Se os ventos estão favoráveis é hora de levantar as velas, do contrário a inação pode ser considerada a melhor ação. O bem viver, então, que está diretamente relacionado com o bem agir, estaria, portanto, refém das circunstâncias. Por mais que a reação às circunstâncias desfavoráveis sejam de serenidade e compreensão, o fato é que em um contexto negativo dificulta o bem viver, assim como em situações onde as circunstâncias são favoráveis é mais fácil alcançá-lo.

A conjugação daquelas três qualidades humanas: capacidade, inteligência e engenhosidade, com a noção clara daquilo que é o ideal, e mais a compreensão das circunstâncias, daria ao indivíduo os elementos necessários para viver bem. Há nessa proposição a confluência de elementos transempíricos que dão o esteio necessário para a mais singela e idiossincrásica das faculdades humanas, o agir deliberado. É aqui que nos diferenciamos dos outros animais. De forma consciente sabemos parte dos porquês que nos levam a agir, e também calculamos os resultados, com seus impactos e desdobramentos, da ação realizada. Buscamos harmonizar interesses individuais e coletivos. Admitimos a existência de importante variável que é ingovernável. Estamos em constante e ininterrupta evolução.

O conjunto de considerações realizadas até formam parte do pensamento de Gracián, e nos permite concluir retomando o binômio que para ele está sob ingerência do indivíduo: a prudência e a coragem.

A prudência está relacionada com a habilidade de antever as situações. A tal capacidade do indivíduo o coloca em condições de viabilizar algo ou não, mas é a inteligência que vai dizer sobre a pertinência. Assim, a inteligência dá a tônica da ação prudente. Deve-se ter sagacidade para observar como as circunstâncias vieram se construindo até chegar o momento do agir e como a situação mudará, dependendo de qual seja a atitude a ser tomada. A busca pela prudência não é um exercício trivial, é preciso estar sempre atento e aberto. É preciso se colocar no lugar do outro, exercer empatia e desprendimento. É preciso estar conectado ao todo ao mesmo tempo que a si mesmo. Açodamento e rompantes são indesejáveis, mas leniência e omissão também.

Já a coragem é a ação do coração. Aquele momento onde o indivíduo têm consciência de sua limitação. É o momento em que, mesmo tendo certeza de que existem mais variáveis do que as que ele conseguiu analisar, ele age. Age motivado por uma força interna. Força essa diferente do instinto. É a que vem no momento exatamente anterior à ação. Associamos coragem à valentia, mas diferentemente a coragem pode ser exercida sem grandes adereços. Chegamos, por fim, ao maior desafio: conjugar coragem e prudência. E a conclusão a que se chega é: a coragem pede prudência, e a prudência pede coragem.

5 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE BALTASAR GRACIÁN

1601 - Nascido em Belmonte de Catalayud, que desde 1985 passou a chamar-se Belmonte de Gracián, Baltasar Gracián y Morales foi batizado em 8 de janeiro deste ano. Acredita-se que tenha nascido no dia 6 de janeiro, dia dos três reis magos, pois recebera o nome de um deles. Gracián é filho do médico Francisco Gracián com Angela Morales.

1611 - Muda-se para Toledo onde viveria sob os cuidados de seu tio paterno, Antônio Gracián. Os primeiros estudos em Toledo foram aqueles atinentes às humanidades.

1618 - Entra para o colégio da Companhia de Jesus em Saragoça. A estima que o reitor Pedro Continente tinha por Gracián resta comprovada pela função atribuída a ele de secretário do reitor para tratar casos referentes àqueles alunos mais complicados.

1619 - Aos 18 anos entra para a Companhia de Jesus indo realizar o noviciado na Casa de Provação de Tarragona, que pertencia a Aragão e era regida pelo padre Juan Sanz. Ali conheceu Juan de Villanueva, que foi para Gracián um protetor verdadeiro e paternal.

1620 - Por determinação do padre Crispín Lopez escreveu a necrologia do irmão jesuíta Bartolomeu Vallsebre, que é tida como a primeira assinatura de Gracián. Ainda que de caráter oficial é tida como sua primeira obra literária.

1621 - Tendo os cursos de Letras e Lógica reconhecidos, Gracián professa seus primeiros votos, e mesmo sem passar pelos dois anos de seminário em humanidades em Gerona, onde faria a preparação para realizar posteriormente os estudos em filosofia, foi destinado ao colégio de Calatayud, onde cursou tal disciplina.

1623 - Muda-se para Saragoça onde passa a compor um pequeno grupo de alunos que se dedicavam ao estudo da Teologia. O início dos estudos começou mesmo antes de que o Superior Geral da Companhia, Muzio Vitelleschi, deliberasse pela formalização das lições de Teologia em Saragoça para ganhar tempo.

1624 - Foi encarregado de escrever a necrologia do padre García de Alabiano. Que é tido como o segundo texto autográfico, e a responsabilidade de fazê-lo sinalizou como seus superiores o tinham em alta conta.

1626 - Passa a atuar como secretário do Vice-Reitor, padre Blas de Vaylo. É neste ano que nota-se o início de uma mudança de temperamento em Gracián.

1627 - Gracián foi considerado por uma banca de 4 examinadores apto a professar seus quatro votos. Supõe-se que neste ano recebeu sua ordenação sacerdotal. Neste ano também começou a lecionar gramática no colégio de Calatayud.

1630 - Realiza seu terceiro ano de provação em Valencia na casa que a Companhia ali destinada a esta finalidade. Viveu uma espécie de noviciado que figurava como última prova antes de ingressar na vida pública e apostólica.

1631 - Assume o comando das aulas de teologia moral no colégio da Companhia em Lérida, na Catalunha. Também exercia a função de assessor do reitor para assuntos graves e era o responsável por informar anualmente o Superior Geral sobre a situação econômica e intelectual do colégio.

1633 - Passa a lecionar filosofia no colégio de Gandía, onde também atuou como consultor do reitor, função essa que manteve Gracián em contato frequente com o Superior Geral.

1635 - Ainda que o Superior Geral da Companhia, Vitelleschi, houvesse dado instruções em 1634 para que Gracián professasse seus quatro votos, somente no ano seguinte, em 25 de julho de 1635, Baltasar Gracián fez sua profissão solene e promessa a Deus Todo Poderoso e à Virgem Maria, em rito celebrado na igreja de São Sebastião do Colégio da Companhia em Gandía.

1636 - Baltazar Gracián retorna a Aragão no verão de 1636 onde dedica-se ao ensino no colégio que a Companhia de Jesus tinha em Huesca. Desempenhou também a função de confessor da comunidade. Foi em Huesca que Gracián começou sua amizade com Dom Vincencio Juan de Lastanosa, que veio a ser importante mecenas para a viabilização de parte de suas obras, em especial as primeiras.

1637 - Publica a primeira edição de *El Heróe*. Sem as devidas permissões para publicação, Gracián utiliza o pseudônimo de um suposto irmão chamado Lorenzo Gracián. Neste mesmo ano Baltasar havia entrado em contenda com a Companhia de Jesus por ter aplicado a “Bula da Cruzada”, que suavizava eventuais deslizes de membros da ordem religiosa nos quais ele havia atuado como confessor, mesmo tal bula tendo sido recusada pelos jesuítas. Esses atritos foram um dos elementos que levaram à não submissão da obra a Roma, onde por determinação da regra de Santo Inácio livros não deveriam ser publicados sem autorização. Outro fator é que provavelmente o texto teria sua publicação recusada, pois se tratava de uma obra de cunho político e patriótico, não tratando de temas religiosos. Vale ressaltar, por fim, que a impressão foi feita por Juan Nógues, mas contou com o financiamento de Lastanosa.

1639 - É publicada a segunda edição de *El Heróe* em Madri. Deixa Huesca no fim deste ano e vai a Saragoça onde assume a função de Confessor do Vice-Rei de Aragão, Francisco María Carafa, Duque de Nochera.

1640 – Gracián acompanha o Vice-Rei em sua passagem por Madri. Em carta dirigida a Lastanosa relatou que havia na biblioteca do Palácio do Bom Retiro, sede da Monarquia espanhola à época, um exemplar de seu *El Heróe*, que teve neste ano mais uma edição publicada, agora em Barcelona.

Neste ano Baltasar Gracián, também utilizando do pseudônimo do suposto irmão, Lorenzo, publica a primeira edição de *El Político*, segunda obra do autor e objeto do presente estudo. Foi impressa por Diego Dormer de Saragoça, mas nenhum exemplar da referida edição chegou aos tempos atuais, ainda que se saiba que este foi o ano de sua publicação, pois em uma carta do Frei Miguel Dicastillo a Uztarroz ele escreve “Li *El Político* e lamento que as ações e feitos de Fernando tenham sido reduzidas pelo autor, mesmo sendo tão estudioso e com tanta cultura”.

A referida obra foi dedicada ao Duque de Nochera a quem destinava elogios em outras obras de sua autoria. *El Político* é uma clara e pública homenagem de Gracián ao Duque, ainda que tenha sido colocada de forma resumida, limitando-se a colocar antes do texto a expressão “Ao excelentíssimo senhor Duque de Nochera” e intercalar no segundo parágrafo palavras alusivas ao Duque.

1642 - Em 31 de outubro sua obra *Arte de Ingenio* recebeu aprovação do Padre Juan Bautista Ávila, que era qualificador do Supremo Conselho da Santa Inquisição, e pontou que a obra “não contém coisa alguma contra a Santa fé Católica Romana e os bons costumes; pelo contrario será de muita utilidade para todos os estudiosos, despertando-lhes a engenhosidade”.

Neste ano Gracián assume como Vice-Reitor da casa de provação de Tarragona.

1646 - Iniciado durante sua passagem por Valença sua obra *El Discreto* é publicada nesse ano em Huesca novamente patrocinada por Lastanosa tendo sido autorizado, por ordem do Dr. Jerônimo de Araquês, canônico da Catedral de Huesca, por Dom Manuel de Salinas, também canônico daquela igreja. Trata-se *El Discreto* de um tributo à amizade, baseado em forma de cartas e diálogos com seus amigos aragoneses (Lastanosa, Uztarroz, Juan Orencio de Lastansa, Salinas, Morlanes), além de trabalhos acadêmicos.

Neste ano Gracián se incorpora ao exército do Marquês de Leganés que se dirigia em auxílio dos sitiados em Lérida pelos franceses, onde Gracián estava destinado à assistência religiosa aos sitiados.

1647 - Publica *Oráculo Manual y Arte da Prudência* cuja aprovação religiosa foi dada pelo Frei Gabriel Hernández, agustiniano, Prior do convento de Santo Agostinho em Huesca. Após tal aprovação a impressão foi autorizada pelo Dr. Jerônimo de Araquês. No entanto, a obra foi considerada como uma burla à obediência, pois, como trazido em sua folha de rosto que foi “retirada” dos aforismos presentes nas obras de Lorenzo Gracián. Vale destacar ainda, que esta obra também foi patrocinada por Dom Vincencio Juan de Lastanosa.

1648 - *Agudeza y arte de Ingenio* é uma obra iniciada em 1646, aprovada também pelo Frei Hernández, teve seus primeiros cem exemplares publicizados em 1647. Juntamente com esta centena, outros trezentos exemplares do *Oráculo* foram disponibilizados. Esta obra é considerada um grande tributo às engenhosidades de sua pátria: Aragão.

1651 - Publicada neste ano a primeira parte de *El Criticón*, considerada a *magnum opus* de Gracián, se insere na história da produção literária e filosófica da Espanha como uma das obras mais relevantes sendo colocada ao lado de Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes. A primeira parte recebeu o título “*En la Primavera de la Niñez y en el Estío de la Juventud*”.

1653 - Publicada a segunda parte de *El Criticón* intitulada “*En el otoño de la varonil edad*”, impressa por Juan Nogués em Huesca. Sua dedicatória é direcionada a Juan da Áustria e apresenta um estilo heróico e lapidário, e com um tom profético.

Na primavera deste ano Gracián teve o prazer de ver seu *Oráculo Manual* ser reimpresso, tendo sido aprovado pelo Padre Alonso Muñoz de Otálora.

1655 - Após um lento processo para se retirar a licença, Gracián publica *El Comulgatorio*. A obra é dedicada a uma de suas leitoras assíduas a Dona Elvira Ponce de León, Marquesa de Valdueza e Camareira Maior da Rainha. O fato de ser dedicada à Dona Elvira suscitava a possibilidade de que a obra pudesse ser apreciada pela Rainha, devido à sua função que ela ocupava na corte.

1657 - É publicada em Madri a terceira e última parte de *El Criticón* intitulada “*En el invierno de la vejez*”. Sua licença para impressão foi expedida pelo Dr. Dom Pedro Fernández de Parga y Gayoso, Vigário-Geral de Madri. Em sua aprovação ele escreve sobre os valores morais de Gracián dizendo que Gracián “aplaude a virtude, condena o vício, dá lugar à verdade, desterra o engano”.

1658 - Findadas as três partes de *El Criticón* inicia-se por parte dos desafetos de Gracián uma empreitada para tentar desqualificar sua obra e o próprio autor. Um livro intitulado *Crítica da Reflexão* de autoria do Dr. Sancho Terzón y Muela fazia graves críticas à magna obra de Gracián. As complexidades que se desdobraram suscitaram, inclusive, na propositura feita pelo próprio Gracián para deixar a Companhia de Jesus e se mudar para uma ordem monástica.

As represálias que sofreu por ter escrito as três partes de *El Criticón* sem autorização da Companhia levaram-no a pagar penitências na cidade de Graus, e dali a se reabilitar em Tاراçona, onde morre no dia 6 de dezembro aos 57 anos após longo período com a saúde debilitada.

6 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE DOM FERNANDO

1452 - Fernando de Aragão nasceu na aldeia de Sos, no reino de Aragão, no dia 10 de março deste ano. Filho de João II, rei de Aragão, com sua segunda mulher Joana Henriques. Desde jovem mostrou enorme ambição pelo poder. Seu irmão Carlos, príncipe de Viana, filho do primeiro casamento era o herdeiro legítimo do trono, mas seu falecimento em 1461 deu o direito à coroa a Fernando.

No século XV, ainda não se havia um país chamado Espanha, somente pequenos reinos independentes que travavam lutas entre si, sendo eles: Aragão, Castela, Granada (à época ocupada pelos mouros) e Navarra. Fernando dedicou sua vida a alcançar prestígio, influência e principalmente plenos poderes políticos sobre estes reinos com vistas a unificá-los.

1468 - Torna-se rei da Sicília

1469 - Para conquistar o trono de Aragão, casou-se com sua prima de segundo grau Isabel, filha de João II, rei de Castela e descendente de João Gaunt, Duque de Lancaster, mas principalmente por ser esta a herdeira do reino de Castela.

Ainda que houvesse impedimentos legais para o referido matrimônio, devido à cosanguinidade, a cerimônia de casamento foi realizada no dia 19 de outubro deste ano no Palácio de los Viveros em Valladolid.

1471 - As dúvidas que pairavam sobre a legalidade canônica do casamento se encerram neste ano através da Bula de Simancas, onde o Papa Sisto VI dispensou Fernando e Isabel de sua cosanguinidade.

1474 - Isabel é proclamada rainha de Castela, depois da morte de seu irmão, o rei Henrique IV. Fernando tentou proclamar-se rei, ignorando assim o direito de sua mulher, mas Isabel não permitiu.

1475 - Foi assinado o tratado intitulado Concórdia de Segóvia, no qual estipularam-se as regras que regeriam o reinado conjunto de Isabel e Fernando. No bojo do referido acordo estipularam-se os procedimentos e direitos de cada um dos consortes, desde a definição dos limites do poder de cada um até a definição dos ritos burocráticos, como assinaturas, brasões e selos reais.

1476 - Fernando assume a administração da Ordem de Santiago criada para enfrentar as incursões mulçumanas e reconhecida pela bula do Papa Alexandre III.

1479 - Fernando torna-se rei de Aragão, herdando junto a Catalunha, Valencia e as ilhas Baleares. A união dos dois reinos foi realizada e Fernando foi reconhecido como rei de Castela. Isabel também foi reconhecida como rainha dos dois reinos, embora por lei continuassem separados, eram governados como um só reino.

1481 - Fernando II de Aragão e V de Castela, declarou guerra ao reino de Granada, dominada pelos árabes.

1492 - Granada se rende e torna-se parte dos territórios dos Reis Católicos, como foram chamados pelo papa Inocêncio VIII. Nesse mesmo ano, foram expulsos da Espanha 165.000 judeus, pois os reis tentavam impor seu credo religioso a todos os seus súditos. Servindo-se da perseguição aos não católicos, Fernando e Isabel exterminavam todos os seus inimigos políticos ou qualquer outro indivíduo que colocasse em perigo os seus poderes.

O ano de 1492, marcado pela descoberta da América por Cristóvão Colombo, deu início a uma série de viagens patrocinadas pelos Reis Católicos que refletiam a ambição espanhola.

1494 - Em junho deste ano foi assinado o Tratado de Tordesilhas com Portugal com a intercedência do Papa Alexandre VI, e tratava-se, em suma, de estabelecer os critérios referentes à partilha do que foi chamado de “Novo Mundo”.

Os Reis Católicos em busca de novas conquistas, voltaram sua atenção para a Itália, onde lutavam com a França pelo domínio de territórios.

1502 - Torna-se imperador titular do Império Bizantino recebendo os direitos do Imperador André Paleólogo.

1503 - Nápoles é anexada ao reino de Aragão colocando-o também como Fernando III de Nápoles.

1504 - Isabel I morre no dia 26 de novembro deste ano em Medina del Campo, Castela.

1506 - Navarra, que foi governada pelos franceses, foi reivindicada pelo Rei Católico e reconhecida em 1516.

1508 - Torna-se regente de sua filha Joana em Castela e Leão.

1516 - Fernando de Aragão morreu em Madrigalejo, Cárceres, no dia 23 de janeiro, 3 dias depois de completar 37 anos de reinado.

7 REFERÊNCIAS

PRIMÁRIA

GRACIÁN, B. *Obras Completas*. Madrid: Ed. Aguilar, 1967.

SECUNDÁRIA

ANDREU CELMA, J. M. *Baltasar Gracián o la etica cristiana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

ARANGUREN, J. La moral de Gracián. In: *Obras completas*, vol. 6, Madrid: Trotta, 1997, p. 375-399.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: EDIPRO, 1995.

_____. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2007.

ARCO GARAY, R. *La erudición aragonesa en el siglo XVII en torno a Lastanosa*. Madrid: Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, 1934.

AYALA, J. *Pensadores Aragoneses: historia de las ideas filosóficas en Aragón*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 2000. (Versão eletrônica em formato PDF de Acrobat www.dpz.es/ifc/libros/libros.htm)

AZORÍN. *El auge de Gracián*. Madrid: Obras Completas de Azorín, V .IX. Aguillar, 1954.

BARROS, E. *Tradução comentada de “El Héroe”*. Campinas: UNICAMP, 1997. (Versão eletrônica www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000125857)

BATLLORI, M.; PERALTA, C. *Baltasar Gracián en su vida y en sus obras*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, 1969.

BURKE, P. *A Fabricação do Rei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CASERTANO, G. *Uma introdução à República de Platão*. São Paulo: Paulus, 2011.

CASTIGLIONE, B. *O Cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAVALCANTE, B. (Org.) *Modernas tradições: percursos da cultura ocidental (séculos XV-XVII)*. Rio de Janeiro: ACESS, 2002.

COSTER, A. *Baltasar Gracián*, Trad. Ricardo del Arco. Madrid: Aguillar, 1947.

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GARCÍA-PEÑUELA, E. *Pensamiento barroco español: filosofía y literatura en Baltasar Gracián*. Madri: Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidad Complutense de Madri, 2015.

GRACIÁN, B. *A arte da Prudência*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

HATZFELD, H. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva e Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

HIDALGO-SERNA, E. *El pensamiento ingenioso en Baltasar Gracián: El “concepto” y su función lógica*. Barcelona: Anthropos, 1993.

HOYO, A. *El Héroe. El Político. El Discreto. Oráculo manual y Arte de Prudencia.*, Barcelona: Plaza y Janés (Clásicos Plaza y Janés. Biblioteca Crítica de Autores Españoles, 54), 1986.

_____. Vida de Gracián. In: GRACIÁN, B. *Obras Completas*. Madrid: Ed. Aguilar, 1967, p. XIII-CXIX.

LIMA VAZ, H. *Escritos de Filosofia V – Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARAVALL, J. A. *A cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *Antiguos y Modernos*. Madrid: Alianza, 1986.

_____. *Estudo da Historia del Pensamiento Español*, Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1984.

NASSER, E. Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.1, n.35, p. 33-56, 2014.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, A. L. *Por quem os sinos doam: uma abordagem das letras jesuíticas*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

O'NEILL, C.; DOMINGUEZ, J. (Eds.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus*. Roma: Institutum Historicum, 2001.

PERINE, M. O sagrado e o moderno. *Rever* (PUC/SP), v.2, 2006. (disponível em <https://www.pucsp.br/rever/relatori/perine01.htm>)

PINA M. C; EGIDO, A. (coords.), *Baltasar Gracián: Estados de las cuestión y nuevas perspectivas*. Zaragoza: Ed. IFC, Gobierno de Aragón, 2001. (Versão eletrônica www.dpz.es/ifc/libros/libros.htm)

PLATÃO. *A República [ou Sobre a justiça, diálogo político]*. Trad. Ana Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: Martins Fontes, 2014.

QUIÑONES, J. *Conceptismo y agudeza: Max Aub en la tradición aforística*. Valencia: Artigo do Congresso Internacional de centenário “Max Aub, Testigo Del Siglo XX”, 2003

SCHOPENHAUER, A. *A arte de conhecer a si mesmo*. Trad. Jair Barboza; Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Aforismos para a sabedoria de vida*. São Paulo: Martins Fontes 3ª, 2009.

_____. *Sobre o Fundamento da Moral*. São Paulo: Martins Fontes 2ª Ed., 2001.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.